

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**IMPACTO DE UM PROGRAMA DE ENSINO PARA
CUIDADORAS EM CRECHE: MÚSICA COMO CONDIÇÃO
FACILITADORA DE CONDUTAS HUMANAS AO LIDAR COM
BEBÊS**

Margareth Darezzo

SÃO CARLOS
2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

**IMPACTO DE UM PROGRAMA DE ENSINO PARA CUIDADORAS EM
CRECHE: MÚSICA COMO CONDIÇÃO FACILITADORA DE CONDUTAS
HUMANAS AO LIDAR COM BEBÊS**

Margareth Darezzo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Especial, Área de concentração: Educação do Indivíduo Especial.

SÃO CARLOS
2004

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

D217ip

Darezzo, Margareth.

Impacto de um programa de ensino para cuidadoras em creche: música como condição facilitadora de condutas humanas ao lidar com bebês / Margareth Darezzo. -- São Carlos : UFSCar, 2004.

133 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2004.

1. Música na educação. 2. Desenvolvimento infantil. 3. Cuidadores de bebês. 4. Música no desenvolvimento. I. Título.

CDD: 372.87(20^a)

Orientadora

Dr.^a Ana Lucia Cortegoso

AGRADECIMENTOS

Aos sempre presentes

Os meus pais muito amados Mário e Dilla,

Minha irmã Elizabeth e sobrinhos Felipe e Fábio, fonte de inspiração.

Minha tia Ermelinda, a querida Melão, para quem componho todas as canções.

Aos que ajudaram

José Roberto Borrelli Cerqueira, que entre tantas contribuições fez a gravação do Cd deste estudo com extremo profissionalismo, no estúdio 440Hz.

Cibele Codonho por tanta dedicação.

John Lyons e Gisele Siedschlag, prontos e eficientes.

Às escolas em que trabalho,

Colégio Ofélia Fonseca,

Colégio Puerimundi,

Escola Coruja.

E principalmente a todas as crianças com quem convivo e aprendo tanto.

Pela compreensão e atenção dos queridos Avelino, Elza e Sueli.

À

Dr^a Ilza Zenker Leme Joly,

Dr^a Maria Stella Gil,

Dr^a Denize Rosana Rubano

Pela contribuição científica para o desenvolvimento e a conclusão deste trabalho.

*Só a Arte é útil. Crenças, Exércitos, Impérios, atitudes – tudo
isso passa. Só a Arte fica. Por isso só a Arte vê-se, porque
dura.*

(Fernando Pessoa)

Ana Lucia

O maior bem que este trabalho me proporcionou foi o encontro com você,
seu acolhimento e sua competência. Ofereço minha amizade e agradecimento.

Dedicatória

Dedico este trabalho a um dos primeiros funcionários da Universidade Federal de São Carlos. Um homem que investiu seu tempo, sua inteligência, sua experiência, sua saúde e sua criatividade em um projeto de educação que julgava digno do seu país amado.

Investiu sua criatividade desde a aula inaugural, ministrada pelo então Senador Jarbas Passarinho, que deveria acontecer em um hotel da cidade, posto que nada havia sido construído até a data citada. Sua proposta foi a de improvisar uma sala com o que a Universidade tinha: madeira. Nasceu assim o Forte Apache, que, de “improviso”, serviu por muitos anos aos alunos e funcionários da Federal. Emprestou móveis de um amigo, já que se trata de um homem de tradição, com nome e família honestos e estimados nesta cidade, e com isto aconteceu a primeira aula da Universidade Federal de São Carlos.

Resistiu à fadiga nas inúmeras vezes em que estranhou o silêncio do ambiente de trabalho sempre tão atribulado, e ao sair da sua sala percebeu que já era noite e todos haviam se retirado para encontrar suas famílias. Ele, porém, abriu mão do convívio da esposa e filhas, mesmo sabendo-se muito amado, pois existia um sonho, uma grande responsabilidade, e uma forte crença cobrando seus dias. Sei que na tarefa deste homem estava a lição a ser passada para os seus, onde as definições de honestidade e perseverança tornaram-se uma verdade eterna.

Prédios em tempo recorde, com condecorações, orgulho e sensação de dever cumprido custaram-lhe madrugadas nas construções, acompanhando o pessoal que estimou e por quem sempre teve muito respeito. Ele desligou-se desta Universidade depois de 18 anos de dedicação, em 1984.

A um dos primeiros funcionários da Universidade Federal de São Carlos, Mário B. Darezzo, meu pai, eu dedico este trabalho que se volta aos que cuidam. Entendi a importância do cuidar e do educar com ele, que dedicou e continua dedicando a mim os seus cuidados, seu amor e seu respeito. Nós, sua família, somos de fato muito felizes, já que desfrutamos dia a dia do seu convívio. À presença da minha mãe e ao carinho da minha irmã, suas companheiras em todo o tempo, meu agradecimento e meu orgulho. Sem o sonho do meu pai este mestrado talvez não tivesse acontecido, pelo menos não da forma que aconteceu.

Resumo

O objetivo deste trabalho foi verificar em que medida recursos musicais podem interferir na conduta de adultos que cuidam de crianças de 0 a 3 anos em creches ou escolas, quando distantes da mãe. Não são poucas as oportunidades de comprovar a importância de que a criança, presente ela ou não predisposições para necessidades especiais ou necessidades especiais já instaladas, seja exposta a um ambiente apropriadamente estimulante, compatível com suas necessidades e possibilidades particulares. Muito frequentemente, profissionais responsáveis pelos cuidados com crianças nas creches trabalham com poucas informações sobre desenvolvimento infantil, em ambientes prejudicados pelo grande número de crianças atendidas, baixos salários, apresentando grau de instrução relativamente baixo. Por meio de um delineamento de linha de base múltipla, duas cuidadoras de duas unidades de uma escola de educação infantil de uma cidade do interior de São Paulo foram expostas a três etapas de um programa de ensino destinado a prepará-las para interagir com bebês com ajuda de canções; por meio da filmagem de situações de banho de bebês conduzidas por estas cuidadoras, foi avaliado o impacto de cada uma das etapas de intervenção sobre aspectos do desempenho destas profissionais, significativos para promover um desenvolvimento infantil adequado, de acordo com o conhecimento disponível. Foram obtidas informações em relação ao desempenho das cuidadoras, cujos dados apresentam: baixa frequência de condutas favorecedoras, mudanças nos padrões de conduta relacionadas à sinalização de manipulações e de condições para aprendizagem dos bebês acerca de seu próprio corpo, com redução na frequência destas condutas no decorrer do estudo (baixo grau de manutenção das condutas). Foi observado, também, aumento na frequência de uso de canções ensinadas no decorrer do programa que podem ser favorecedoras de interação gratificante para os bebês e para as cuidadoras, relacionado a oportunidades para o bebê desenvolver-se adequadamente, no caso da Cuidadora 1, e aumento na frequência das condutas consideradas, mesmo não tendo ocorrido uso de canções, para a Cuidadora 2.

ABSTRACT

The objective of this study was to verify the extent to which musical resources could impact favorably on the behavior of adults who care for children aged 0 to 3 years in crèches or school, when they are away from their mothers. There are many opportunities to ascertain the importance for the child - whether or not he reveals signs of requiring special needs or has special needs already identified - be exposed to an appropriately stimulating environment, compatible with his particular needs and possibilities. All too often, professionals responsible for the care of children in crèches work with scant information on child development, in environments prejudicial to the vast majority of children being cared for, low wages, and possessing a rather poor level of education. Using a multiple base line, two carers in two units of a kindergarten school in a city in the interior of São Paulo were exposed to three stages of a teaching program designed to prepare them to interact with babies with the help of songs; by filming bath time situations handled by these carers, it was possible to evaluate the impact of each one of the stages of intervention on aspects of the performance of these professionals, significant in the promotion of an adequate child development, in accordance with available knowledge. Information was collected relating to the performance of the carers, the data of which manifests: the low frequency of favored conduct, changes in patterns of behavior related to the signaling of manipulations and of conditions for the babies' learning about their own body, with a reduction in the frequency of these behaviors as the study proceeded (low level of maintenance of these behaviors). Also observed, was an increase in the use of songs taught in the course of the program which fostered rewarding interaction between babies and the carers, relating to opportunities for the baby to develop adequately, in the case of Carer 1, and the increase in the frequency of behaviors considered, even when songs had been used, for Carer 2.

SUMÁRIO

	<u>Página</u>
1. Música, desenvolvimento infantil e o papel de agentes educativos em creches: conhecimento disponível e desafios a preencher.....	12
1.1 A criança de zero a três anos de idade: a importância da fase, habilidades, limites e necessidades para um desenvolvimento saudável.....	12
1.2 O papel do adulto no desenvolvimento infantil.....	14
1.3 O apego como condição para o desenvolvimento infantil.....	15
1.4 O conhecimento sobre desenvolvimento infantil na definição de serviços para a criança.....	19
1.5 Cuidadores de crianças pequenas em creches: quem são? Como agem? Que dificuldades enfrentam? Que importância têm?.....	20
1.6 O papel da música no desenvolvimento infantil.....	23
1.7 A música como objeto transicional para o bebê.....	26
1.8 A qualidade da voz cantada e o universo sonoro.....	27
1.9 A estimulação infantil, a música, a interação cuidador-criança e a educação especial: prevenção e recuperação.....	32
2. Obtendo dados sobre conduta de cuidadoras em situações de banho: aspectos metodológicos.....	34
2.1 Participantes	34
2.2 Ambiente de coleta de dados.....	35
2.2.1 Aspectos físicos.....	35
2.2.2 Aspectos de funcionamento e rotina.....	36
2.2.3 Procedimento de coleta de dados.....	36
2.3 Material e equipamento.....	37
2.4 Ambiente de intervenção.....	37
2.4.1 Procedimento de intervenção (Programa de ensino).....	38
2.5 Procedimento de análise de dados.....	41
2.6 Cálculo de fidedignidade.....	44
3. Desempenho de cuidadoras ao banhar bebês: resultados observados em diferentes condições de exposição a um programa de ensino.....	48
3.1 Resultados observados na Cuidadora 1.....	48
3.2 Resultados observados na Cuidadora 2.....	58
4. Programa de ensino com música e intervenção no desempenho de cuidadores em creches ao lidar com bebês: contribuições e perspectivas.....	68
4.1. Aprendizagens no programa e evolução da conduta da Cuidadora 1.....	68
4.2 Aprendizagens no programa e evolução da conduta da Cuidadora 2.....	70
4.3 Impacto do programa de ensino sobre condutas das cuidadoras: história de vida, repertório de entrada e mudanças comportamentais.....	73
4.4 Impacto diferencial das condições de ensino: o papel de cada característica do programa.....	76

4.5 Manipulação da criança pelo adulto e desenvolvimento infantil: aprimorando comportamento verbal.....	78
4.6 Cuidadoras como agentes de ensino: nomear criança e partes do corpo na situação de banho.....	81
4.7 Contribuições e limitações do programa de ensino para a promoção de condutas de cuidadores de bebês.....	84
4.8 Impacto da exposição ao programa de ensino: outros indicadores.....	87
4.9 Relações entre condutas ao lidar com o bebê: o quê e como cantar? O quê e como dizer?.....	88
4.10 O papel da canção como facilitadora de condutas humanas: possibilidades e limites.....	90
4.11 Perspectivas para o desenvolvimento de atividades de ensino para cuidadores de bebês.....	93
4.12 Perspectivas para produção de conhecimento a partir dos resultados alcançados neste estudo.....	95
4.13 Aspectos metodológicos.....	99
4.14 Cantar e cuidar: a aprendizagem do elemento musical como desafio.....	100
5. Referências Bibliográficas.....	102
6. Índice de quadros, gráficos e tabelas.....	104
7. Apêndices.....	106
8. Anexos.....	125

***MÚSICA, DESENVOLVIMENTO INFANTIL E O PAPEL DE
AGENTES EDUCATIVOS EM CRECHES: CONHECIMENTO
DISPONÍVEL E DESAFIOS A PREENCHER.***

***A criança de zero a três anos de idade: a importância da fase,
habilidades, limites e necessidades para um desenvolvimento saudável.***

De zero a três anos podem ser observadas mudanças profundas no desenvolvimento de crianças: aprendem a andar, adquirem a linguagem, a autonomia para se alimentar, fazem descobertas sobre e com o corpo e a integração deste com o mundo, adquirem o domínio do espaço e as primeiras noções de tempo. Conforme afirmam Mazet e Stoleru (1990), as capacidades de atenção e a qualidade das percepções do lactente evoluem de maneira considerável nos primeiros dois anos de vida. Como resultado da maturação neurológica, em alguns meses a motricidade do bebê evolui para um estado em que ele é capaz de segurar objetos com facilidade e de maneira fina, assim como se deslocar por meio de marcha. A seqüência de aparecimento das *performances* motoras é praticamente a mesma para todas as crianças, ainda que a velocidade da progressão varie de indivíduo para indivíduo. Mas esta maturação, cuja influência é interna, (Mazet e Stoleru, 1990), se conjuga com influências externas decorrentes das experiências que o meio oferece ao bebê. Dentre as várias habilidades desenvolvidas neste período merecem destaque a higiene, locomoção, desenvolvimento cognitivo (incluído aí o desenvolvimento da linguagem) e emocional.

Quanto à higiene Trowell (1992) destaca que a maioria das crianças consegue se manter limpa e seca por volta do terceiro ou, no máximo, quarto ano de vida. No recém

nascido a micção é um ato reflexo, e seu controle não se inicia antes dos 15 a 18 meses. Muitas crianças se afligem e ficam confusas com as dificuldades nessas situações novas e estranhas de aquisição de controle dos esfíncteres e manutenção de higiene, sendo necessário muito tato para ajuda-las.

A criança vai aos poucos dominando suas tarefas de manter-se limpa, alimentar-se, procurar o conforto, viver em grupo, tudo segundo suas habilidades e limites tanto de sua própria ação quanto de seu desenvolvimento físico, que deve ser observado.

Observando o desenvolvimento de posturas e da locomoção de uma criança, é possível avaliar as transformações que estão acontecendo ao mesmo tempo nas suas propriedades cognitivas. A aquisição da marcha e a liberdade de se locomover oferece um mundo novo ao bebê com descobertas das mais variadas – motoras, espaciais, psicomotoras, emocionais - nas explorações lúdicas que permitem seu afastamento físico da figura de apego (mãe ou cuidador), sem, contudo perde-la de vista, ou mantendo certa proximidade. O ambiente torna-se ainda mais ativo e compartilhado pela criança. Vai nascendo um ser de desejos que se relaciona mais e mais.

Quanto à compreensão e aquisição da linguagem, conforme destaca Reid (1992), as crianças de dois anos aprendem e absorvem as coisas o tempo todo e escutam tudo o que acontece ao seu redor, e é por isso que se desenvolvem tão depressa.

Observando o desenvolvimento emocional, segundo Anna Freud, (apud Winnicott, 2000), entre cinco e seis meses de idade ocorre uma mudança nos bebês que permite, com mais facilidade do que antes, falar de seu desenvolvimento emocional em termos que podem ser aplicados aos seres humanos em geral. Bowlby (apud Winnicott, 2000) declarou que, na sua opinião, as crianças de menos de seis meses não são ainda seres individualizados, de modo que o fato de serem separadas de suas mães as afeta

menos do que após essa idade. Winnicott diz, também, já ter percebido que alguma coisa acontece às crianças aos seis meses, pois enquanto muitos bebês de cinco meses são capazes de agarrar um objeto e levá-lo à boca, é somente depois dos seis meses que o bebê dará seqüência a esse gesto, deixando o objeto cair deliberadamente como parte do seu jogo com ele. Pode-se dizer que nesse estágio o bebê já é capaz de mostrar, por meio do seu brincar, que ele compreende que tem um interior, e que as coisas vêm do exterior. O corolário disto é que, a partir de então, o bebê assume que sua mãe também tem um interior. Com muitas crianças ocorre o relacionamento entre pessoas totais aos seis meses de idade. Portanto, quando um ser humano se percebe uma pessoa relacionada a outras pessoas, um longo caminho já foi percorrido em termos de desenvolvimento primitivo.

A integração, o indivíduo vivendo dentro do próprio corpo e sentindo que o mundo é real, começa imediatamente após o início da vida, e continua em flutuações durante toda a existência.

O papel do adulto no desenvolvimento infantil

Segundo Winnicott (2000), e também Bowlby (1990, original 1969), em sua Teoria do Apego, no início da vida a criança não suporta ficar muito tempo longe da mãe - biológica ou não - e, se isto acontece, a perda é irreversível, podendo deixar seqüelas. A importância da mãe - ou de determinadas propriedades encontradas usualmente nas mães - para o desenvolvimento infantil tem sido demonstrada em inúmeras situações, sendo o experimento conduzido por Harlow e Zimmermann em 1959 com macacos (Apud Bowlby, 1990), um dos mais conhecidos: macaquinhos foram separados da mãe ao nascerem e receberam modelos maternos que consistiam

num cilindro de arame e num modelo semelhante, mas coberto de tecido macio. A alimentação era assegurada por uma mamadeira que podia ser colocada em qualquer um dos modelos. Todos os experimentos mostraram que o conforto do contato na preferência pela mãe felpuda acarretou o comportamento de apego, ao passo que o alimento não. Sobre os resultados obtidos neste experimento, ao discutir o papel do aconchego para o desenvolvimento infantil, afirma Bowlby (1990): *“Esses dados tornam óbvio que o conforto do contato é uma variável de importância crítica no desenvolvimento da receptividade afetiva à mãe substituta (isto é, o modelo) e que a amamentação parece ter um papel de menor importância”*. (p.229)

Partindo dos preceitos apresentados até aqui, quando uma criança é levada para a creche, muitas vezes com poucos meses de vida, ela passa por este processo de separação da mãe, em geral sinônimo de alimento e aconchego. É possível afirmar, então, que uma creche ou escola maternal tem como público, crianças sensibilizadas no seu estado emocional e, por conseqüência, até mesmo físico. Oferecer a esta criança um ambiente tranqüilo, lúdico e principalmente acolhedor pode ser determinante para um desenvolvimento saudável.

O apego como condição para o desenvolvimento infantil

A formação do apego inicial entre a mãe e seu bebê tem sido objeto de estudo freqüente. Um dos precursores deste pensamento, Bowlby (1990), nomeia de apego (attachment) o equilíbrio dinâmico produzido por mãe e filho para manterem-se próximos. Presente em muitos animais, no homem o apego se desenvolve segundo formas de comportamento afetivo com competências da mãe em dispensar cuidados e do bebê em sinalizar suas necessidades. O apego caminha, com o tempo, para a

distância entre ambos, e o vínculo permanece a despeito dela, quando sua formação é tranqüila e segura. A mãe ou o cuidador é a base de segurança para o bebê desenvolver-se segundo suas fases. Uma comunicação rica e sensível na interação íntima e precoce da díade (mãe/bebê) influencia, por sua vez, na formação do vínculo.

Analisando o comportamento de apego dos primatas não-humanos e comparando com o humano, é possível notar que o bebê humano nasce muito imaturo e tem um desenvolvimento lento, demorando para manifestar seu apego, que surge somente depois de adquirir mobilidade para buscar a companhia da mãe. Nos primatas mais avançados, o gorila e o homem, o bebê agarra-se à mãe, mas não tem força bastante para sustentar-se sozinho por muito tempo. Conseqüentemente, durante alguns meses, o bebê só é conservado na proximidade da mãe em virtude das ações da própria mãe. Contudo, seja por iniciativa da mãe ou do filhote, a proximidade é sempre mantida. Acontece que enquanto o macaco Rhesus, por exemplo, já se agarra vigorosamente antes de aprender a distinguir a mãe de outros macacos (e objetos inanimados), o bebê humano está apto a distinguir sua mãe de outras pessoas (ou objetos) antes de poder agarrar-se a ela ou de deslocar-se ativamente em direção a ela.

Do equilíbrio dinâmico do apego faz parte o comportamento da mãe de dispensar cuidados ao bebê: os cuidados maternos ou recuperação do bebê para perto de si, incluindo colocar o bebê em seus braços e aí conservá-lo. Entre os aspectos que ativam este comportamento na mãe, os hormônios certamente desempenham seu papel, e o paradeiro e o comportamento do bebê também ativam o comportamento da mãe em manter o bebê por perto, bem como a função biológica de proteção ao bebê, que a leva a recolhe-lo nos braços. A maioria das mães sente um forte impulso para ficar perto de

seus bebês e filhos pequenos. Se elas se submetem a esse impulso ou se resistem a ele depende de inúmeras variáveis pessoais, culturais e econômicas.

Na primeira fase do desenvolvimento do apego, um bebê comporta-se de certos modos característicos em relação às pessoas, mas a sua capacidade para discriminar uma pessoa de uma outra está limitada aos estímulos **olfativos** e **auditivos**, daí a grande importância da **proximidade** e **sinalizações sonoras de presença**. Esta fase dura do nascimento até não menos que oito semanas de idade e, mais usualmente, até cerca de doze semanas.

Bowlby (1990) destaca, ainda, os efeitos negativos que podem ser observados em crianças privadas da condição de proximidade com a mãe, afirmando que *“os efeitos poderosos sobre o padrão de apego, e, portanto sobre o desenvolvimento da personalidade, das experiências iniciais de uma criança, em ponto algum são mais evidentes do que no comportamento social profundamente perturbado de crianças que foram fisicamente maltratadas por um dos pais ou que passaram seus primeiros anos numa instituição”*.(p.388)

A separação precoce e suas conseqüências foram observadas em grupos de crianças em diferentes situações. Bowlby (1990) classificou as condutas de apego, e considerou “apego com angústia” de crianças criadas sem a presença de uma figura materna permanente nos seguintes grupos:

- ✓ O apego com angústia após ameaças de abandono ou de suicídio.
- ✓ Apego com angústia após um período de separação ou de cuidados de terceiros;

Neste último item foram consideradas situações específicas como:

1. Efeitos de uma breve permanência em hospital;
2. Efeitos de períodos em que a criança permanece em casa sob cuidados de estranhos;

3. Efeitos de a criança estar entregue; diariamente; aos cuidados de terceiros - aqui foram observadas amostra sujeita a cuidado diário **instável** de terceiros e amostra sujeita a cuidado **estável** de terceiros.

Bowlby (1998) ainda considera perturbadora a constatação de que as separações e descontinuidades da atenção maternal levam a respostas opostas – apego com angústia e desapego agressivo – e às vezes a uma combinação delas. Essas reações variam com o sexo, e na vida adulta, em certos tipos de desordem de personalidade: a angústia, como sintoma neurológico, é mais comum em mulheres do que em homens, e a delinquência, por outro lado, é mais comum em homens do que em mulheres. E completa: *“De outra parte, as crianças só entregues ao cuidado diário de terceiros após os três anos de idade não revelaram, aos seis anos, de modo claro, dificuldades emocionais. (p.245)”*.

Fatores econômicos e culturais podem levar uma criança, em processo de desenvolvimento do apego, para uma creche, alterando significativamente as condições de proximidade da criança com a mãe - ou com quem assume este papel - sendo então necessário não apenas compreender as conseqüências desta situação, mas também desenvolver maneiras efetivas para evitar ou minimizar eventuais decorrências desta separação para o desenvolvimento infantil. Em alguns casos, até mesmo para propiciar uma condição de desenvolvimento mais favorável para a criança do que aquela que é - ou seria oferecida - pela mãe à criança. Dentre várias questões que podem ser indicadas como relevantes, parece necessário indagar: como um cuidador de uma instituição pode amenizar os prejuízos desta situação e criar uma relação propícia ao desenvolvimento desta criança que chega às suas mãos em tão delicado período de sua vida?

O conhecimento sobre desenvolvimento infantil na definição de serviços para a criança

A importância do ambiente que recebe a criança pequena já foi comentada neste trabalho e, como observa Brazelton (1981), *“Assim como o crescimento fisiológico do bebê depende de nutrientes apropriados que lhe são fornecidos a intervalos regulares, também o crescimento emocional necessita de encorajamento e de uma espécie de estimulação nutritiva”*.(p. 47)

Crianças que são atendidas em creches podem ser beneficiadas com formas humanizadas de atendimento, no âmbito das quais as regras administrativas possam dar lugar ao acolhimento e à cidadania, viabilizando uma convivência de afeto e tranquilidade. As regras do cotidiano de um estabelecimento de atendimento infantil, que às vezes são rígidas por questões administrativas, como, por exemplo, horários de refeições, de sono e espaços compartilhados, podem, contudo, estar em sintonia com noções básicas de desenvolvimento e cuidados que estas crianças necessitam, fazendo o real muito próximo do ideal no que diz respeito a um ambiente e relações propícias ao desenvolvimento saudável de uma criança.

Algumas informações sobre o desenvolvimento da criança, as fases que caracterizam seu desenvolvimento em termos de habilidades, limites e descobertas, ajudam muito o adulto nas decisões frente a problemas que surgem no dia a dia. Por exemplo, ao saber que uma criança de até três anos de idade não tem capacidade de acompanhar um corpo em movimento num ambiente onde não se sente segura pode evitar as clássicas cenas de um adulto chamando pela criança pequena que chora pedindo colo, oferecendo-lhe apenas referência física para que ela retome a marcha.

Noções nem tão complicadas de se captar, principalmente numa atividade criativa e lúdica.

***Cuidadores de crianças pequenas em creches: quem são? como agem?
que dificuldades enfrentam? que importância têm?***

Crianças de zero a três anos de idade necessitam de cuidados especiais, chamados cuidados maternos, como por exemplo: trocar fraldas, dar banho, alimentar, cuidados com segurança, ajudar a andar, etc. Numa creche, com as usuais salas de 11 a 30 crianças, estes cuidados são dispensados por funcionárias que recebem várias denominações. São as auxiliares de classes, ajudantes de desenvolvimento infantil ou monitoras, melhor descritas como agentes educativas, que abarcam as duas funções: cuidar e educar. Neste trabalho será usado o termo “cuidadora” para denominar esta profissional.

Mesmo depois das exigências curriculares de só serem admitidas professoras com formação em Pedagogia, as cuidadoras continuam atuando na maioria das creches, por questões econômicas e judiciais, referentes a condições legais para o desligamento do funcionário ou sua incorporação em outras funções que não educacionais. Algumas instituições já estão reciclando o quadro de funcionários e só estão com professores assumindo também esta tarefa, sendo o prazo estabelecido para uma total substituição das atuais funcionárias, o ano 2006. De qualquer maneira, alguém continuará tendo a responsabilidade por dispensar estes cuidados a essas crianças, sendo então necessário atentar a este profissional.

Atualmente, segundo experiência da pesquisadora e informações oferecidas informalmente em contatos com instituições de ensino básico do Estado de São Paulo

em que a pesquisadora tem desenvolvido suas atividades de treinamento de cuidadores, são características predominantes destes cuidadores:

- ✓ Mulheres com grau de instrução (razoavelmente) baixo;
- ✓ Carregadas de verdades absolutas, regras e folclore nos cuidados com criança pequena;
- ✓ Salários mais baixos e jornadas maiores que dos professores, conforme indicado, também de modo informal, por administradores de instituições em que estas pessoas atuam;
- ✓ Às vezes deixam seus filhos em casa para cuidar dos “filhos dos outros”;
- ✓ Resistentes em rever cuidados e formas de abordar a criança;
- ✓ Cansadas de regras rígidas, aceitam e obedecem sabendo que estão prejudicando uma rotina mais saudável do bebê, e colocam a responsabilidade na coordenação;
- ✓ Sentem-se às vezes em competição com outros grupos/classes que dividem o mesmo espaço e horários;
- ✓ Extremamente carentes de atividades com crianças desta idade – conhecem mais repertório para crianças maiores – e dizem não saber o que fazer com crianças tão pequenas;
- ✓ Sentem-se deixadas de lado em oficinas para dar lugar a professoras;
- ✓ Às vezes conhecem canções de folclore, mas não sabem se devem e como usar;
- ✓ Ficam muito satisfeitas com atividades dirigidas a elas, além das que são ensinadas para brincarem com as crianças (ex.: brincadeiras de roda para adultos, danças populares, cuidados com a voz).

Este é o protótipo do cuidador que, nas creches, recebe as crianças que, em estado delicado de separação da mãe, precisam sentir-se seguras, cuidadas e acolhidas.

São, em geral, mulheres cujos filhos estão sem seus cuidados, enquanto dispensam cuidados aos “filhos dos outros”, por um salário, muitas vezes, nada satisfatório, e que, além disso, acumulam funções de quem trabalha (na creche) e cuida da própria casa. Em tais condições, não é de estranhar a dificuldade de aceitação de teorias que pregam humanização, principalmente se for levada em conta a pressão do desemprego que as espreita se não cumprirem as regras administrativas. Pedir que estas pessoas sigam as tais regras administrativas respeitando a capacidade da criança de absorver ritmos impostos com tanta rigidez, é algo que pode ser excessivo, passando tais necessidades da criança a parecerem de menor importância, quando comparadas à conservação do emprego e, por decorrência, a própria sobrevivência.

A tais condições perversas acrescentam-se, ainda, os conceitos morais e o folclore nos cuidados com crianças que essas pessoas carregam pela vida, por influência de familiares e sua história de interferências das pessoas a sua volta, na construção de uma malha de resistência ainda maior em relação ao que é desejável que seja garantido, por meio de suas condutas, em relação ao desenvolvimento saudável das crianças colocadas sob seus cuidados. Vale lembrar ainda o baixo grau de instrução e quase nenhum acesso a informações sobre desenvolvimento infantil restrito à coordenação e professores, raramente sendo transformado adequadamente em ajuda para a realização do trabalho.

A necessidade de atenção aos cuidadores da criança pequena aparece como justificativa para trabalhos como o de Gil e Almeida (2001) que, articulando ensino, extensão e pesquisa em relação ao desenvolvimento infantil, produziram subsídios para a atuação de cuidadores, especialmente voltados para a estimulação precoce de bebês de risco. O resultado foi a sistematização de um conjunto de brincadeiras que se mostraram

adequadas em situações de interação cuidadores-bebês, brincadeiras estas selecionadas tanto por seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil quanto pela alegria e entusiasmo demonstrados pelas crianças durante o trabalho.

Pelo relevante papel que desempenham, parece fundamental oferecer ao cuidador que lida com bebês recursos de abordagem à criança e formação para que seja capaz de dispensar os cuidados especiais tão relevantes para o desenvolvimento destas crianças.

O papel da música no desenvolvimento infantil

No 5º mês de gestação, o sistema auditivo do bebê em formação fica pronto: a parte da orelha externa, média e interna, e estas vias auditivas vão maturando nos 2 primeiros anos de vida. De acordo com Mazet e Stoleru (1990), *“a audição desempenha indiscutivelmente o papel essencial; em todo caso, é por ela que passa o máximo de relações entre o feto e o exterior... do ponto de vista anatômico, está demonstrado que a audição é possível a partir do 5º mês de vida intra-uterina”* (p.20).

O **ritmo** é muito familiar ao bebê e está presente na sua formação desde muito cedo. Segundo LeBoulch (1982), o ritmo registra-se primeiro no corpo da criança durante a embriogênese, e mais particularmente nos seus movimentos, primeiro parcelares e depois mais globais. O tecido muscular está dotado de propriedades rítmicas que se manifestam precocemente, bem antes da sua inervação. Na 6ª semana de vida intra-uterina, o coração está animado de contrações rítmicas.

O coração da mãe também com seu ritmo, passa a ser um contato do feto com o meio externo: se estiver num ritmo tranquilo, tudo está bem. Mas se de repente entrar

num ritmo acelerado algo está fora do normal. As descargas de adrenalina e diferenças na corrente sanguínea passam a reforçar e fazer parte da sinalização ao feto.

Conforme Fonseca (1995) o ritmo está presente na motricidade - coordenação dos movimentos, na audição - reconhecimento de estímulos auditivos, na visão - exploração sistemática do ambiente, nas aprendizagens escolares – leitura, escrita, cálculo, e constitui uma propriedade fundamental da matéria viva. Caracterizada por altas, médias ou longas frequências, esta é uma propriedade de toda a atividade da criança, um requisito do comportamento humano, pondo em relevo o papel do sistema auditivo nos esquemas mais gerais do pensamento.

Quanto à percepção das vozes, os autores insistem nas capacidades de percepção e memorização do feto, afirmando como evidência disso a capacidade que tem o recém-nascido de reconhecer a voz de sua mãe entre outras vozes femininas, preferindo esta voz, e isto desde o nascimento. São as características prosódicas da voz, tais como ritmo e variação entre graves e agudos, aquelas às quais o bebê, ainda no útero, é sensível, porque são elas que são transmitidas sem grande deformação ao ouvido fetal. (Mazet e Stoleru, 1990). A variação da altura do som, entre graves e agudos, se torna mais evidente na voz cantada do que na voz falada, e a cada vez que se cantar uma mesma canção, estas propriedades do som vão se repetindo, criando mais condições de memorizar a forma da música e a estrutura do som, fazendo do canto algo conhecido e familiar para o feto.

De acordo com Mazet e Stoleru (1990), mostrou-se a existência de uma percepção e de uma memorização dos sons exteriores, principalmente da música. Uma frase musical, ou mesmo uma canção pode ser oferecida em condições de aprendizagem ao feto, e pode ser reconhecida depois do nascimento.

No dia 17 de setembro de 2000, no VI Encontro Brasileiro para o Estudo do Psiquismo Pré e Perinatal, “A humanização do Nascimento”, Michel Odent relatou uma atividade implantada em um hospital em Londres: são as noites (uma por semana) à volta do piano. Partindo da idéia de que **cantar é um estímulo mais rico do que falar**, estas oportunidades são criadas de forma que as gestantes cantem para se familiarizar com a maternidade.

Szejer (1999), por sua vez, relata sua experiência em cantar e dá um testemunho quanto à maneira como a voz se faz em um corpo nascente. Afirma que é importante deixar que se expandam as vozes da mãe e do bebê: glote, cordas vocais, caixas de ressonância, músculos e um fole, é um corpo que vai em direção ao outro. Afirma a autora que

“A voz é essa cesura significativa mais apta a levá-lo à vida do que o corte do cordão umbilical. Ela é o que nomeia, distingue e celebra o corpo da criança. Essa capacidade da voz, na medida em que é escutada e entendida pela criança desde seus primeiros instantes, vincula-a desde então e para o resto da vida a duas ordens que se conjugam: seu corpo e a história que ele veicula – é o “momento” umbilical – e a humanidade, o conjunto daqueles que falam, a sociedade – é a nomeação.”
(Szejer, 1999, p.43)

Quando Le Boulch (1982) refere-se ao desenvolvimento psicomotor num ambiente favorável, ele menciona ainda a relação **ritmo e afetividade**: diz que a forma como é vivida a relação com a outra pessoa joga um papel muito importante no movimento ou, ao contrário, pode bloquear a espontaneidade do movimento, do que depende seu caráter harmoniosamente rítmico. E faz um convite aos educadores para oferecerem oportunidades às crianças de vivenciarem os próprios ritmos, com movimentos e canções. Sobre cirandas e danças cantadas, o autor destaca que, *“além de ter grande valor, o folclore infantil, transmitido de geração a geração, mantém a*

tradição pitoresca, a simplicidade, a carga afetiva e contribui para a educação rítmica e a formação musical das crianças pequenas”.(p. 181)

A música como objeto transicional para o bebê

Winnicott (Bogomoletz, sd) faz referência à possibilidade nada desprezível de que os sons corporais seriam percebidos e registrados pelo feto. Os batimentos cardíacos, a respiração, os ruídos produzidos pelo processo digestivo, e certamente a voz, são considerados por ele como presenças inevitáveis no incipiente sistema sensorio do feto. Ele diz ter observado bebês brincando de "acertar" seu ritmo respiratório com a frequência cardíaca (por exemplo, respirando uma vez a cada 4 batimentos cardíacos). Algum tempo depois é possível encontrá-lo (ao bebê) lidando com a diferença entre o seu ritmo respiratório e o da mãe, procurando talvez criar situações de relacionamento baseadas primeiramente numa respiração de frequência dupla ou tripla. (Winnicott, 1990).

Em seu artigo “Winnicott e a música”, Bogomoletz (s.d.) refere-se à música como objeto transicional. A natureza especial desse objeto (transicional), sempre um objeto físico (e às vezes uma pessoa), é que ele é vivido pela criança como se fosse, ao mesmo tempo, um produto de sua fantasia. Está a meio do caminho entre uma imagem de sonho e um objeto material. Essa é a verdadeira natureza do objeto transicional, constituindo-se num paradoxo. A música vem de fora, muitas vezes, mas ao reproduzi-la, e também ao ouvi-la, nós na verdade a “criamos”, e não apenas ‘re-criamos’. A música é, pois, uma ponte entre o mundo interno e o mundo externo, na qual compartilhamos a ‘realidade’ com os outros, podendo assim constituir-se num objeto transicional perfeito.

A qualidade da voz cantada e o universo sonoro

É muito comum encontrarmos pessoas cantarolando, procurando notas e brincando com os sons. O canto brinca com graves e agudos pelos quais a voz passeia. Quanto mais rica a melodia de uma canção, mais passeios a voz faz. É sobre a melodia que as letras das músicas são colocadas, e é ela que permite identificar qual música alguém está tocando ou cantando. A melodia se encaixa num universo de notas que combinam entre si, chamado de harmonia.

Oferecer ao bebê um universo sonoro variado é o mesmo que oferecer todas as cores para uma criança pintar. Saber que existem muitas notas, que as regiões e tessituras são infinitas, dá à criança uma possibilidade maior de percepção e expressão no seu desenvolvimento, um repertório mais rico a ser explorado e conhecido. É familiar ao recém-nascido a alteração de altura (grave/agudo), o que torna o cantar um estímulo eficiente, principalmente vindo da mãe (ou cuidador). Música e poesia vêm suavizar e colorir a voz da mãe e/ou cuidador que chega ao bebê precocemente, estimulando nele respostas e comunicação. Wilhelm (1997) afirma que *“Segundo estudiosos do assunto, o feto ouve a voz da mãe e a qualidade da comunicação pode influenciar, no futuro, seu desejo de comunicar-se: caso a voz da mãe seja cronicamente áspera e zangada, poderá ficar associada a uma experiência desagradável e afetar a sua futura disposição para a escuta e a comunicação”*.(p.40)

É possível também observar a **vivência emocional** do cantar. As pessoas cantam por puro deleite e também se envolvem na experiência de compartilhar as emoções descritas nas letras e/ou sugeridas nos temas musicais. Quando as gestantes compartilham o assunto da gravidez, costumam ficar mais tranquilas. Isto é sempre comprovado em grupos de haptonomia, eutonia, e outras atividades de convivência.

(Szejer, 1999). Oferecer à mãe ou cuidador de um bebê um repertório musical que inclua canções de ninar, brincadeiras cantadas, ritmos agradáveis e opções de linguagem pode ser algo muito rico e produtivo, e até mesmo um recurso de segurança nos cuidados com o bebê. As propriedades do som podem tornar-se linguagem para uma boa interação com a criança.

A música é um recurso profundo, habilidoso, que transpõe regras e imposições teóricas e administrativas, e que pode promover, com suas letras e brincadeiras, atitudes de interação adequadas adulto-criança, tendo em vista o alcance e propriedades que ela tem no desenvolvimento humano.

Um repertório musical dirigido ao trabalho diário das creches inclui vários aspectos:

- ✓ *As brincadeiras de colo*, por exemplo, que estimulam o profissional a trazer a criança para perto, uma a uma, em vários momentos do dia, propiciando o toque (primordial para a saúde do bebê), o estímulo do olhar (também muito importante para estabelecer um bom contato), o cuidado individualizado (que nunca é observado em grandes grupos), o impulso do ritmo no colo para o corpo da criança (tão favorável e familiar a sua percepção e movimentos), e a linguagem lúdica (grande idioma infantil, afinal a criança brinca para se apropriar da realidade). Atitudes que, por meio da música, o adulto pode adquirir sem maiores comandos ou regras, conduzindo comportamentos que carregam em si mesmos uma gama de estimulação eficiente;
- ✓ *As canções de movimento*, que possibilitam ao cuidador oferecer à criança a oportunidade de vivenciar seu corpo no tempo e no espaço. Canções específicas que facilitam o trabalho e a maneira de abordar a criança, contendo informações valiosas

de coordenação motora e percepção, que também podem ser aprendidas sem exposições teóricas, com base em vivências lúdicas;

- ✓ *As brincadeiras de roda*, para crianças que já caminham, e que abrangem um número grande dessas crianças em uma atividade única, em que todos compartilham a mesma canção, o mesmo movimento tanto corporal como da própria roda, com os pés vivenciando o ritmo das canções. Nestes casos, é possível contar com a ajuda de canções folclóricas ou de condução de movimentos que facilitam sua interação com a criança e tornam acessíveis estímulos importantes;
- ✓ *Histórias que viram canções*, que trazem ao cuidador a atitude de explicitar para a criança o contexto das atividades propostas;
- ✓ *As canções de ninar e relaxamento*, em que a voz do cuidador é preparada para lidar com a sensibilidade do bebê. Com estas canções, instala-se a hora do descanso, ou mesmo a postura de relaxamento, tanto do bebê como do profissional. Canções que fazem parte de atividades elaboradas de maneira que a criança é conduzida aos poucos ao relaxamento. Num grupo de crianças, este é um recurso fundamental para o cuidador, que precisa estabelecer um ambiente tranquilo, e pode fazê-lo sem tantas ordens cansativas e ruidosas.

O potencial das canções para promover interações adulto-criança, em suas tantas possibilidades, tem sido reincidentemente identificado, particularmente em situações de intervenção profissional, envolvendo mães e seus filhos. A realização de atividades de preparo de mães para explorar as situações de convívio com seus bebês, conduzida pela autora deste projeto, tem, freqüentemente, propiciado resultados indiscutivelmente favoráveis, quando considerados os relatos dessas mães (ver Anexo 1) e aquilo que é

possível observar diretamente, em termos de qualidade da interação das participantes com seus bebês.

No decorrer do trabalho com mães e bebês, é possível identificar o estabelecimento de um vínculo cada vez mais seguro, orientado pela prática sugerida de atender aos bebês, ouvi-los, notar suas dificuldades, habilidades e interações. A mãe (ou o cuidador) passa a participar das atividades com prazer, usando o **brincar** para se comunicar com seu filho, ou com os bebês de que cuida. A música torna-se uma linguagem especial entre ambos, que se entendem por meio dela. O repertório musical tem sido abordado e ampliado em várias situações: deleite, brincadeiras, até mesmo quando as crianças estão passando por mudanças do desenvolvimento. Um exemplo deste tipo de situação é quando, aos dois anos, concluída a maturação dos órgãos sensoriais, os bebês deixam as fraldas, e acabam buscando apoio nas canções e brincadeiras cantadas para entrarem em contato mais estreito e tranquilo com sua mãe.

Cuidadores de creches e escolas maternas deveriam ter condições para estabelecer um vínculo satisfatório com as crianças a quem dispensam cuidados e convivência. Considerando o perfil do cuidador, são muitas as dificuldades para instalar tais condutas de apego e acolhimento através de recursos tradicionais – cursos, treinamentos, ordens – que passam por ditar teorias nas quais a maioria destes profissionais não acredita, por tantos princípios enraizados, por dificuldades estabelecidas por pressões administrativas, falta de preparo e baixo salário. Uma das necessidades relatadas junto a este público – cuidadores – é a escassez de repertório de brincadeiras, principalmente as cantadas, para assegurarem um tempo de trabalho “suportável”, com a atenção de um grande número de crianças.

No trabalho de Gil e Almeida (2001) muitas brincadeiras foram produzidas, implementadas e registradas formando um repertório de 30 atividades que facilitam a convivência do cuidador com as crianças. Lembrando que foram selecionadas aquelas brincadeiras que, conforme critérios estabelecidos, geravam comprovadamente entusiasmo nas crianças, o trabalho reforça a percepção de necessidade deste tipo de recurso no setor.

Se informações sobre o desenvolvimento da criança, graduação de estímulos adequada e reflexão forem acessíveis por meio de uma roupagem musical, em brincadeiras cantadas, o esforço por parte dos cuidadores, profissionais das creches, será mínimo e, ao contrário, tornará mais simples sua tarefa de cuidado aos bebês. Neste sentido, tornar este recurso disponível para esta população pode ser fundamental, assim como avaliar o real impacto que ele pode gerar como condição favorecedora de comportamentos desejáveis.

A construção de canções capazes de funcionar como estímulo a comportamentos de adultos responsáveis por cuidar de bebês tem demonstrado ser útil como parte de programas de preparo de mães para propiciar condições para um desenvolvimento saudável de seus filhos. Isto se dá tanto pela elaboração de letras que façam referência a aspectos relevantes de estimulação dessas crianças e interação do adulto com os bebês, quanto pelas propriedades musicais que podem imprimir ritmos às ações e propiciar ambientes emocionais favorecedores de um adequado envolvimento dos adultos nesta importante tarefa de cuidar adequadamente de bebês. Uma tarefa que não se esgota com o mero cumprimento de rituais, mas que exige uma permanente atenção aos resultados das ações sobre o bebê e uma dedicação amorosa de educador.

A estimulação infantil, a música, a interação cuidador-criança e a educação especial: prevenção e recuperação.

Não são poucas as oportunidades de comprovar a importância de que a criança, manifestando ou não predisposições para necessidades especiais ou necessidades especiais já instaladas, seja exposta a um ambiente apropriadamente estimulante, compatível com suas necessidades possibilidades particulares. A música oferece, inquestionavelmente, recursos para um ambiente desta natureza, desde que adequadamente utilizada pelos adultos que são responsáveis ou têm oportunidade para gerar o ambiente em que a criança vive.

Para crianças em geral, com ou sem predisposições para o desenvolvimento de necessidades especiais, a estimulação precoce tem demonstrado ser fundamental na prevenção de dificuldades que possam alterar o desenvolvimento infantil, e a atividade musical tem se revelado relevante não apenas pela estimulação auditiva que representa, sendo esta apenas sua propriedade mais evidente. Neste sentido, compreender e utilizar a potencialidade da música como recurso preventivo no âmbito da Educação Especial, parece fundamental.

No caso de bebês portadores de necessidades especiais já instaladas, as atividades com música, como recurso de intervenção no sentido de compensar, recuperar, ou reabilitar tais indivíduos, têm evidenciado constituir condição favorecedora de uma atitude e situação de inclusão favorável para todos os envolvidos, pois não exige resultados imediatos das crianças para sua vivência: mesmo a observação de atividades musicais traz benefícios, transformações e prazer. As canções que abordam a noção do corpo, por exemplo, tornam-se uma ferramenta valiosa na reintegração do corpo da criança atrasada, lembrando as afirmações de Manoni (1977)

sobre o fato de que “*A criança atrasada e a mãe formam em certos momentos um só corpo, confundindo-se tanto o desejo de um com o do outro que os dois parecem viver uma só e mesma história*”.(p.83)

A despeito do que é possível notar de benefício, para pais e bebês participantes de programas de estímulo à interação por meio da música (tal como o que pode ser visto no Anexo 1), ainda é necessário indagar sobre o impacto da utilização deste recurso, em especial em creches, entre bebês e os cuidadores que atuam nestes locais e no âmbito da Educação Especial. Neste sentido, constituiu proposta deste estudo buscar informações que permitam responder, em algum grau, qual é o **impacto de um programa de ensino para cuidadoras de crianças** de 0 a 3 anos de idade, a partir da aprendizagem de canções especificamente desenvolvidas para favorecer **condutas do cuidador propícias** para o **desenvolvimento infantil**, e, conseqüentemente, na qualidade destas interações?

OBTENDO DADOS SOBRE CONDUTA DE CUIDADORAS EM SITUAÇÕES DE BANHO: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Participantes:

Participaram deste estudo duas (2) cuidadoras (C1 e C2) que trabalham em unidades diferentes de uma mesma escola; cada unidade está instalada em um prédio, ficando cada um dos prédios em um bairro diferente, em um município de médio porte do estado de São Paulo. A distância física entre os prédios foi utilizada como critério na escolha das participantes, para evitar o contato freqüente entre elas, e uma possível interferência das intervenções desenvolvidas em relação a uma delas, sobre o repertório da outra.

As duas profissionais concordaram em participar mediante garantia de sigilo de suas identidades e informações sobre os procedimentos que seriam utilizados, assinando termo de compromisso livre e esclarecido conforme modelo no Apêndice 1.

C1 tinha, quando da coleta dos dados, 47 anos, tendo concluído a 8ª série do Primeiro Grau (posteriormente denominado Ensino Fundamental), trabalhando na área há 18 anos quando da realização deste estudo, e há 15 anos na instituição em que os dados foram coletados. Casada, já tinha filhos adultos ao ser iniciada a coleta de dados; quando começou a trabalhar, o filho mais novo a acompanhava no trabalho. Sempre trabalhou na mesma função, Auxiliar de classe, dispensando cuidados para crianças de até 3 anos. Cumpria, na época da realização da coleta de dados uma jornada diária de trabalho de seis (6) horas.

C2 tinha, quando da coleta de dados, 18 anos e cursava o primeiro ano de Pedagogia; trabalhava na área de Educação há aproximadamente um ano, sempre na

instituição onde foram coletados os dados. Solteira, não tinha filhos, e sempre trabalhou na mesma função, Auxiliar de classe, dispensando cuidados para a criança de até 3 anos. Sua jornada diária de trabalho era de oito (8) horas.

Ambiente da coleta de dados

Aspectos físicos

Na unidade onde foram coletados os dados da Cuidadora 1 (C1), o banheiro destinado ao banho das crianças era muito pequeno, exigindo que o adulto responsável pelo banho ficasse de costas para a porta, o que inviabilizaria o registro em filmagem. Para o estudo, foi então utilizado outro banheiro, no qual C1, por vários anos, realizou esta mesma atividade até o ano anterior ao da coleta, e com o qual estava bastante familiarizada. Neste banheiro, existia um box separando a área de banho do restante do ambiente, sendo a banheira colocada na área de banho, dentro do box, próxima à saída da água e às torneiras, de modo a facilitar o trabalho de C1 e segurança da criança sendo banhada. A banheira era colocada sobre um suporte, ficando na altura da cintura da Cuidadora (diferentemente do banheiro em uso para banho, no qual a banheira era colocada sobre um vaso sanitário, e C1 tinha que realizar as operações do banho agachada). No entanto, um certo desconforto esteve presente nas situações de banho pelo pingar ocasional de água do chuveiro em partes do corpo de C1. Foi apresentada a possibilidade de mudar o ambiente de coleta de dados, mas a cuidadora preferiu manter o local previsto, dizendo estar acostumada a esta situação, por ter sido aquele seu local de trabalho por muito tempo, e que as condições não interferiam no seu trabalho.

Na unidade onde foram coletados os dados da Cuidadora 2, o banheiro utilizado foi o da sua rotina de trabalho, sendo que neste caso a banheira ficava num suporte

semelhante ao utilizado pela Cuidadora 1, sem box. O banheiro fica localizado em um corredor muito utilizado para passagem das pessoas da instituição, próximo a uma sala onde muitas crianças costumam assistir filmes ou brincar em grupo; por esta razão, o local de banho é muito ruidoso, dificultando até mesmo ouvir as gravações em vídeo da coleta de dados. A posição do banheiro também permite que as pessoas que passam pelo corredor interfiram na atividade da Cuidadora, interrompendo o contato desta com a criança a cada vez que falam com ela, o que ocorre com alta frequência.

Aspectos de funcionamento e rotina

A situação de banho das crianças da faixa etária atendida pelas cuidadoras que participaram do estudo (de 12 a 30 meses) faz parte da rotina da escola, não ocorrendo apenas quando há pedido específico da mãe, ou em dias muito chuvosos ou frios.

O horário previsto para o banho é o final do dia, perto da saída da escola. No caso da Unidade 2, foi necessário modificar o horário previsto para os banhos, adiantando em uma (1) hora esta atividade para viabilizar a coleta nas duas unidades, quando a coleta era simultânea. Não foi observado nenhum prejuízo para a rotina da escola em função desta mudança.

Procedimentos de Coleta de Dados:

Foram realizadas filmagens de três banhos por dia para cada cuidadora, com a participação de três crianças a cada dia, definidas a cada dia dentre um grupo de 10 crianças para a Cuidadora 1 e de 13 crianças para a Cuidadora 2, com idades variando entre 12 e 30 meses, sendo que todos os pais autorizaram a filmagem por meio de termo de compromisso fornecido pela pesquisadora (Apêndice 1) e todas as crianças dos dois

grupos foram observadas em pelo menos um dia. As filmagens foram realizadas, na maioria das semanas, em três dias, não previamente conhecidos pelos sujeitos, mas previamente programados pela pesquisadora em acordo com a direção da escola. No caso da ocorrência de feriados, foi mantida a coleta em dois dias da semana do feriado e dois dias da semana subsequente, ampliando a duração total da coleta de dados e o número de dias de filmagem entre a segunda e a terceira etapas de intervenção. O tempo de filmagem foi determinado pela duração dos banhos e variou entre 38 e 48 minutos por dia.

Em cada dia, antes de iniciarem os banhos, era instalada uma câmera, sobre um tripé, por um auxiliar de pesquisa treinado para esta finalidade, na área do banheiro definida previamente pela pesquisadora; a cuidadora colocava a criança na banheira e avisava que o banho ia começar para o auxiliar de pesquisa acionar a câmara; o auxiliar deixava o ambiente do banho e permanecia em uma sala ao lado durante a filmagem, sendo chamado pela participante para desligar a câmera no final de cada banho.

Material e equipamento

Foi utilizada uma câmera de vídeo em VHS com tripé para a gravação nas escolas, que o auxiliar de pesquisa transportava a cada dia da coleta de dados e 13 fitas VHS de 20 minutos cada.

Ambiente de intervenção

O programa de ensino que constituiu a intervenção foi desenvolvido, pela pesquisadora, com cada uma das Cuidadoras separadamente, em uma sala fechada, que ficava na entrada da residência da pesquisadora, onde havia um piano e condições para

as canções do programa de ensino serem gravadas, com garantia de privacidade para as atividades, em horário acordado com cada participante, fora do período de trabalho na instituição.

Procedimento de intervenção (Programa de Ensino)

O procedimento de intervenção consistiu da aplicação de um programa de ensino, desenvolvido individualmente com cada uma das participantes. Este programa de ensino tem origem em oficinas de música para educadores que a pesquisadora ministrava há oito anos quando do início da coleta de dados, tanto na rede pública de ensino como em escolas particulares. Essas oficinas costumam ser oferecidas para grupos de no mínimo 10 e no máximo 40 participantes. Nessas oficinas, as atividades (repertório musical, informações sobre o desenvolvimento infantil, noções de música e auto cuidado com voz e corpo) são realizadas alternadamente no transcorrer do curso, num período que varia, segundo as expectativas das escolas, de 6 a 20 horas. Para a pesquisa, foi feita uma adaptação deste procedimento, de modo a observar o impacto específico de algumas das condições componentes do programa sobre o desempenho das cuidadoras ao lidar com bebês. Desta forma, o programa foi dividido em três oficinas, cada uma delas correspondendo a uma etapa de intervenção que, por sua vez, correspondia a uma das condições componentes do programa cujo impacto seria examinado. Cada oficina foi desenvolvida em um encontro com 60 minutos de duração.

No conjunto do programa, foram apresentadas as cuidadoras 16 canções (Apêndice 2), relacionadas a nomeação de partes do corpo, nomeação da criança, nomeação do ambiente e objetos do banho e a realização de brincadeiras com a criança.

A apresentação das canções, em todas as etapas de intervenção, consistiu de: a) pesquisadora cantar a canção inteira, uma vez, acompanhando-se ao piano, b) pesquisadora cantar, acompanhando-se ao piano, uma frase da música, c) Cuidadora cantar a frase da música apresentada pela pesquisadora, imediatamente em seguida a esta apresentação (para cada uma das frases da música), d) pesquisadora e Cuidadora cantarem juntas a canção, com acompanhamento ao piano, pela pesquisadora. As canções da aula, cantadas pela pesquisadora e pela Cuidadora, foram gravadas em fita cassete e a Cuidadora recebeu uma cópia escrita das letras apresentadas. Na primeira oficina foram apresentadas oito (8) músicas:

1. De quem é?
2. Este é o meu pé
3. Banho do Neném
4. Este seu olhar
5. É bom fazer massagem
6. Patinhas! (parlenda)
7. Sobe a serra
8. Balanço gostoso (parlenda)

Na segunda oficina, a) foram apresentadas mais quatro canções diferentes (Apêndice 1), com o mesmo objetivo e procedimento das já ensinadas na primeira oficina (9. Cantando no chuveiro; 10. Anda a formiga; 11. Não falo dessa não; 12. Buá, buá); b) feita uma revisão das canções do primeiro encontro e c) foram apresentados e discutidos conceitos básicos sobre o desenvolvimento da criança, suas habilidades e limites. A apresentação das novas canções ocorreu da mesma forma que na etapa de

intervenção 1. A revisão das canções apresentadas na primeira oficina foi feita por meio de repetição das canções inteiras acompanhada ao piano.

Em relação à apresentação e discussão de conceitos relevantes, foram abordados os seguintes temas: separação mãe-criança de até 3 anos, dificuldades presentes nesta situação (mudança de hábitos, redução de convívio mãe-bebê, aceitação imposta de convivência com pessoas desconhecidas) e decorrências dela para o desenvolvimento infantil (provável insegurança da criança), sendo que o desenvolvimento destas questões se deu por meio de apresentação de informações, descrição de situações às quais crianças e mães ficam expostas, com solicitação à Cuidadora para que avaliasse os sentimentos (da mãe e do bebê) procurando “colocar-se no lugar destas pessoas”, avaliasse as possibilidades e limitações da criança e possibilidades de acolhimento para minimizar a insegurança da criança. Foram abordados, ainda, como conceitos relevantes, formação do ritmo na embriogênese e durante os primeiros anos de vida, a constituição da audição e sensibilidade auditiva e os efeitos da voz cantada nas atividades musicais oferecidas a crianças.

Na terceira oficina, além da apresentação de quatro novas canções (13. Ouve plá!, 14. Mane, 15. Perto de mim e 16. Perto do Coração), revisão das canções apresentadas nas oficinas anteriores da mesma maneira que na segunda oficina (repetição das canções inteiras acompanhada ao piano), e revisão, aprofundamentos e aplicações de conceitos já apresentados em relação a aspectos do desenvolvimento infantil, foram abordadas questões relativas a formas de auto-cuidados do próprio cuidador relevantes para que este possa desempenhar melhor seu papel no atendimento às crianças pequenas. Foram descritas, justificadas, demonstradas e exercitadas técnicas de alongamento e relaxamento corporal e aquecimento vocal que tornam o uso da voz

mais consciente, para evitar abusos vocais que possam causar rouquidão ou perda da voz quando seu uso é constante, tal como acontece muito freqüentemente com profissionais da área de educação. Foram também abordados cuidados com a postura corporal para a manipulação da criança, com os objetivos de manter a saúde física da Cuidadora e garantir segurança para a criança em situações de manipulação.

No Quadro 1 podem ser observadas indicações dos procedimentos de intervenção que foram desenvolvidos no programa, correspondentes a cada uma das oficinas realizadas com os participantes. No Anexo 2 pode ser encontrada, ainda, uma descrição do programa de ensino de onde foram derivadas as oficinas:

Quadro 1. Descrição dos procedimentos correspondentes a cada uma das etapas de intervenção do programa de ensino.

Etapa de intervenção	Procedimentos de Intervenção
1	Apresentação de oito canções para uso em interações adulto-criança pequena, relativas à nomeação de partes do corpo, da criança, do ambiente e objetos do banho e a brincadeiras com a criança.
2	Apresentação de mais quatro canções de mesma natureza, revisão das canções apresentadas na oficina anterior, e apresentação e discussão de conceitos em relação a aspectos do desenvolvimento infantil
3	Apresentação de mais quatro canções de mesma natureza, revisão das canções apresentadas nas oficinas anteriores, apresentação e discussão de conceitos em relação a aspectos do desenvolvimento infantil, e apresentação de informações e orientações para auto-cuidado com a voz e corpo pela cuidadora.

Procedimento de Análise dos Dados

O exame das fitas produzidas durante a coleta de dados foi feito, pela pesquisadora, apenas após a conclusão de todas as etapas de intervenção. Inicialmente, foram examinadas as filmagens correspondentes a seis banhos, três de cada cuidadora, os ocorridos no primeiro dia da coleta de dados. Este exame inicial teve a função de

verificar se haveriam grandes diferenças a considerar em termos de procedimento utilizado pelas cuidadoras ao dar banho nos bebês, tendo sido feitas anotações sintéticas sobre aspectos considerados, pela pesquisadora, como relevantes destes procedimentos para os objetivos do estudo (se sinalizam, para a criança, manipulações realizadas, se conversam com a criança durante o banho, se nomeiam objetos, partes do corpo ou a própria criança). Tais aspectos, expressos em termos de ações das cuidadoras ao realizar a tarefa de banhar a criança, ou propriedades destas ações, foram tomados como referência preliminar para análise do desempenho dos cuidadores. Em seguida, foram assistidas, uma a uma, as fitas com os dias de banho conduzidos pela Cuidadora 1 apenas. Para cada banho, durante o exame da fita, foram listados, na seqüência em que ocorriam, os procedimentos realizados por ela ao banhar a criança. Uma vez concluída a análise das filmagens da Cuidadora 1, e com base nas categorias retiradas a partir dos banhos que esta cuidadora realizou, as filmagens dos banhos conduzidos pela Cuidadora 2 foram examinadas, sendo computados os dados relativos a seu desempenho para as mesmas categorias propostas para a Cuidadora 1.

Este procedimento de retirada de dados sobre os procedimentos de C1 e C2 ao banhar as crianças das imagens gravadas foi aplicado em todos os dias de banho, para cada um dos banhos, na etapa de linha de base, após a primeira e após a segunda oficina. Nestas oportunidades, foram anotadas, também, a duração do banho e a identificação da criança envolvida, que foram enumeradas para garantir sua privacidade.

Deste processo resultou a inclusão de aspectos (procedimentos) não indicados na listagem preliminar, correspondentes a propriedades relevantes do desempenho das cuidadoras para os objetivos do estudo, e sua categorização em a) procedimentos ao

banhar a criança, e b) comportamentos verbais da Cuidadora ao interagir com a criança durante o banho.

No Quadro 2 podem ser observados os procedimentos especificamente ligados ao banho, denominados “manipulações da criança pela Cuidadora”. Estes procedimentos constituíram unidades de observação do seu desempenho nas situações de banho, para a classificação de comportamentos verbais indicativos de manipulação.

Quadro 2. Procedimentos de manipulação de crianças apresentados pelas Cuidadoras 1 e 2 ao dar banho em crianças nas situações observadas que constituíram unidades de desempenho para efeito de análise.

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1) molhar ou enxaguar uma ou várias partes do corpo da criança; 2) passar sabonete, mão, ou bucha em uma ou várias partes do corpo do bebê; 4) mudar a posição da criança na banheira - sentada, em pé, de frente, de costas; 5) colocar xampu no cabelo; 6) espalhar e/ou esfregar xampu no cabelo; 7) cobrir a criança com a toalha 8) esfregar toalha na criança 9) tirar a criança da banheira. |
|--|

Para efeito de análise, cada um dos procedimentos acima foi considerado como uma unidade de manipulação, independentemente da duração, sendo seu final determinado pela ocorrência de uma ação diferente da cuidadora, seja das indicadas acima ou ação não dirigida à criança. Nos casos de procedimentos de molhar, ensaboar, enxaguar ou enxugar o corpo da criança, sempre que a cuidadora apresentou verbalizações relativas à parte (ou partes) do corpo da criança a que se referia a ação, para cada uma das partes mencionadas foi computada uma indicação de manipulação; já nos casos em que a Cuidadora, mesmo tocando diferentes partes do corpo da criança, não fez menção oral específica a estas partes, foi computada uma única manipulação, sendo que esta só foi considerada concluída quando observada uma manipulação subsequente diferente.

Com base nestas unidades de observação, foi realizado novo exame das imagens gravadas com situações de banho conduzidas pela Cuidadora 1, em função da qual foram registradas, em seqüência, cada um dos procedimentos apresentados.

No Quadro 3 podem ser observadas as categorias de comportamento verbal identificadas a partir do exame das imagens gravadas das situações de banho conduzidas pela Cuidadora 1 e propostas para análise do desempenho das cuidadoras, dentre aquelas inicialmente identificados no primeiro exame das filmagens.

Os dados de desempenho das Cuidadoras em relação aos vários aspectos foram analisados em termos de frequência de ocorrência por minuto nas diferentes fases e dias, conforme as seguintes fórmulas:

no caso de dias: somatória das ocorrências nos três banhos do dia, dividido pelo tempo total dos três banhos;

no caso de fase: somatória das ocorrências nos dias componentes da fase, dividido pelo tempo total de banho de cada fase.

Cálculo de fidedignidade

O cálculo de fidedignidade foi realizado por amostragem, para três banhos selecionados aleatoriamente, sendo dois da Cuidadora 1 e um da Cuidadora 2, para a) manipulações identificadas e b) classificação das manipulações quanto a avisos e c) nomeação de partes do corpo. Nos casos de nomeação da criança e cantar, não foram realizados cálculos, já que os eventos eram de identificação simples e inequívoca. Foi estabelecido, anteriormente à realização do cálculo, um nível mínimo aceitável de 75% de concordância em relação a cada aspecto considerado.

Para cálculo de fidedignidade, dois observadores independentes, diante das definições de eventos a serem considerados e critérios a utilizar, conforme descrito anteriormente neste texto, computaram: número de manipulações identificadas, classificação de avisos para cada manipulação e número de partes do corpo nomeadas, para cada um dos banhos considerados para esta finalidade.

Quadro 3. Tipos de condutas verbais da cuidadora identificados em situações de banho, selecionados para análise e definições correspondentes.

- **avisar manipulação:** indicar verbalmente manipulação da criança realizada no decorrer do banho, observada para cada uma das manipulações realizadas e classificada quanto à ocorrência de aviso (ou não) e momento de ocorrência (antes, durante ou após a manipulação), de acordo com as seguintes definições: Manipulação com aviso prévio (cuidadora avisa criança sobre manipulação que vai iniciar. Exemplo: “vamos lavar a mãozinha?”); com aviso simultâneo (cuidadora avisa criança sobre manipulação enquanto está realizando a manipulação. Exemplo: “Estamos lavando as mãozinhas para ficarem limpinhas!”), com aviso subsequente (cuidadora comenta ocorrência ou características da manipulação que já concluiu. Exemplo: a cuidadora muda a posição da criança na banheira e depois diz “o nenê sentou, não é?”) ou sem aviso de manipulação (cuidadora realiza qualquer uma das manipulações indicadas anteriormente sem comentar sua ocorrência ou características). Foram computadas como aviso de manipulação verbalizações referentes a um conjunto de manipulações (tomar banho, por exemplo), em relação à primeira manipulação da sequência do conjunto (molhar a criança, no início do banho, por exemplo). Não foram computados como avisos solicitações de apresentação, pela criança, de partes do corpo, sem indicação de qual manipulação seria feita;

- **Nomear, solicitar ou mencionar parte do corpo:** apresentar comportamento verbal de a) nomear partes do corpo da criança tocadas ou indicadas ou b) solicitar que a criança apresente parte do corpo nomeada ou c) mencionar parte do corpo da criança ao falar com ela; foram consideradas tanto ocorrências por meio da fala quanto de canções, excluídas as situações em que parte do corpo são mencionadas como parte de aviso de manipulação, sendo computada a frequência de ocorrência de comportamentos da classe;

- **Nomear a criança:** apresentar comportamento verbal referente à identidade da criança (nome ou apelido), sendo computada a frequência de ocorrência de comportamentos da classe e tendo sido consideradas tanto as ocorrências de falas (fora de canções), quanto em canções, e computadas cada uma das menções, mesmo em caso de repetições sequenciais;

- **Cantar,** independentemente da duração do canto, sendo cada ocorrência computada e classificada em relação às canções interpretadas, em a) canções do contexto, sendo estas consideradas aquelas que mencionavam a atividade de banho, ou que incluíam nomeação de partes do corpo da criança, ou ofereciam oportunidade de nomear a criança ou em que a cuidadora tivesse feito uma adaptação da letra de uma canção de fora do contexto, tornando-a do contexto; b) canções do programa apresentadas pela pesquisadora em etapa de intervenção já ocorridas e c) canções de fora do contexto, ou seja, sem relação com o procedimento que estava sendo realizado (canção sobre qualquer outro assunto ou tema que não banho ou dos cuidados com a criança que o banho envolve, partes do corpo ou nomeação da criança)

Foram computadas como coincidências, no caso de manipulações, o registro de cada manipulação indicada pelos dois observadores e, como discordâncias, as ocorrências de registro de manipulação por apenas um dos observadores. Utilizando como total a somatória de registros de eventos com concordância e registros adicionais de cada observador, foi feito um cálculo da proporção de concordâncias. Exemplo: Em uma situação em que foram observados 12 registros coincidentes de manipulações, e dois registros adicionais por um dos observadores, resultando em 14 manipulações identificadas, o índice de fidedignidade obtido foi de 86% ($12 \times 100 / 14$).

No caso das classificações de aviso, nas manipulações, foi considerado, como base para cálculo do índice de fidedignidade, apenas as manipulações em relação às quais houve concordância sobre sua ocorrência. Assim, no exemplo anterior, foram consideradas 12 manipulações como número máximo possível de classificações de avisos. O número total de concordâncias de classificação (somatória das concordâncias em relação a cada tipo de aviso indicado pelos observadores) foi utilizado para cálculo de proporção de concordâncias em relação a este total. No mesmo exemplo, tendo havido 2 concordâncias sobre manipulações com aviso antecipado, e 10 sobre manipulações sem qualquer aviso ou comentário, o índice de concordância foi de 100% para este aspecto. No caso de nomeação de partes do corpo, o procedimento foi semelhante ao utilizado para calcular índice de fidedignidade acerca de manipulações.

Com este procedimento, para cada um dos banhos considerados para o cálculo de índices de fidedignidade e, em média, foram obtidos os valores apontados na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos valores obtidos em cálculos de fidedignidade entre observadores independentes para os diferentes aspectos considerados, nas três situações observadas e em média.

Situação	Aspecto observado	Índice de fidedignidade
Banho A (cuidadora 1)	Manipulações	86%
	Classificação de avisos	100%
	Nomeação de partes do corpo	100%
Banho B (cuidadora 1)	Manipulações	89%
	Classificação de avisos	87,5%
	Nomeação de partes do corpo	100%
Banho C (cuidadora 2)	Manipulações	80%
	Classificação de avisos	100%
	Nomeação de partes do corpo	100%
Média	Manipulações	85%
	Classificação de avisos	100%
	Nomeação de partes do corpo	100%

Mesmo tendo sido obtido um índice de fidedignidade superior ao estabelecido como mínimo satisfatório, após o cálculo dos índices de fidedignidade apresentados acima, os observadores realizaram uma comparação dos registros realizados por cada um, identificando fatores que provavelmente teriam levado à ocorrência de discordâncias. Com base nesta discussão, foi feita uma revisão de todo o conjunto de dados, tendo ocorrido algumas alterações, de forma a garantir maior compatibilidade entre o julgamento do pesquisador e as definições que serviram de base para a análise dos dados.

**DESEMPENHO DE CUIDADOR AO BANHAR BEBÊS:
RESULTADOS OBSERVADOS EM DIFERENTES CONDIÇÕES DE
EXPOSIÇÃO A UM PROGRAMA DE ENSINO**

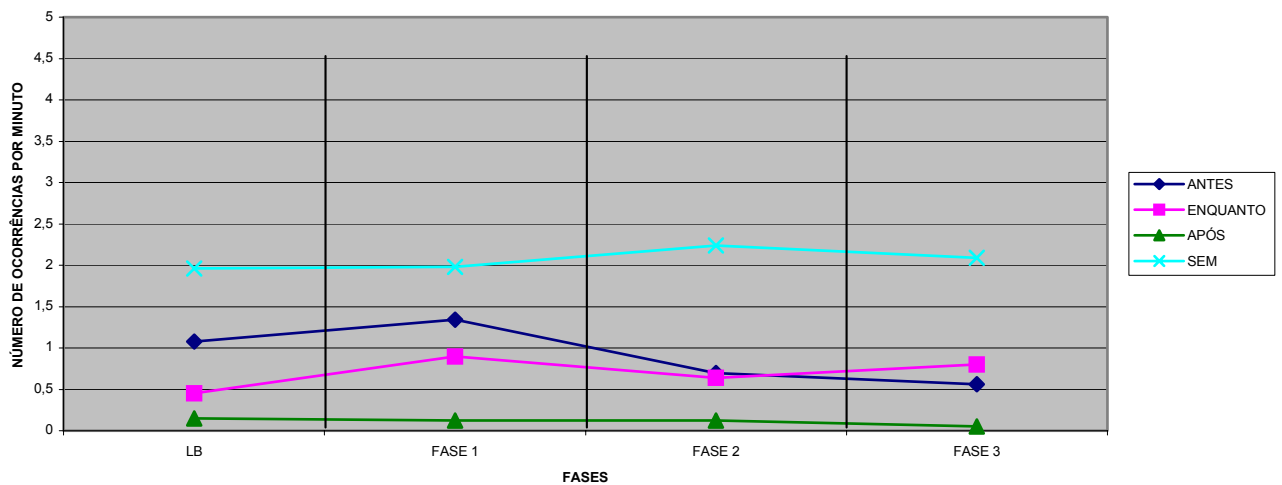
Serão apresentados, inicialmente, os dados referentes ao desempenho da Cuidadora 1 e, em seguida, os dados referentes ao desempenho da Cuidadora 2. Para cada uma delas, as informações obtidas serão apresentadas em conjuntos de figuras correspondentes a: 1) número de ocorrências por minuto de características de aviso sobre manipulação das crianças durante o banho por **fases do estudo**, sendo denominado fase cada período que se segue a uma etapa de intervenção, e **por dia**, 2) número de ocorrências por minuto da conduta de nomear partes do corpo durante o banho por **fases do estudo e por dia**, 3) número de ocorrências por minuto de nomear a criança durante o banho por **fases do estudo e por dia**, e número de ocorrências por minuto de uso de determinadas canções durante o banho por **fases do estudo e por dia**.

Na Figura 1 podem ser observadas as ocorrências de manipulações por minuto da Cuidadora 1 com todas as crianças nas diferentes fases (Linha de base e fases experimentais 1, 2 e 3), com aviso prévio, aviso simultâneo, aviso apresentado depois de ter efetuado a manipulação dos bebês e sem aviso.

Conforme pode ser observado na Figura 1, avisar **antes** de manusear os bebês na situação de banho apresenta uma tendência crescente, a partir da Linha de Base. Avisar a criança **enquanto** manuseia os bebês, por sua vez, apresenta uma variação de tendência, com aumento inicial de frequência (após a etapa de intervenção 1) seguida de queda, que permanece após a etapa de intervenção 2 e ascensão após a etapa 3 de intervenção, mantendo o nível acima da frequência observada na linha de base. As manipulações com aviso **após** sua execução apresentam-se com uma tendência estável nas condições consideradas. A manipulação **sem** aviso apresenta uma sutil tendência de

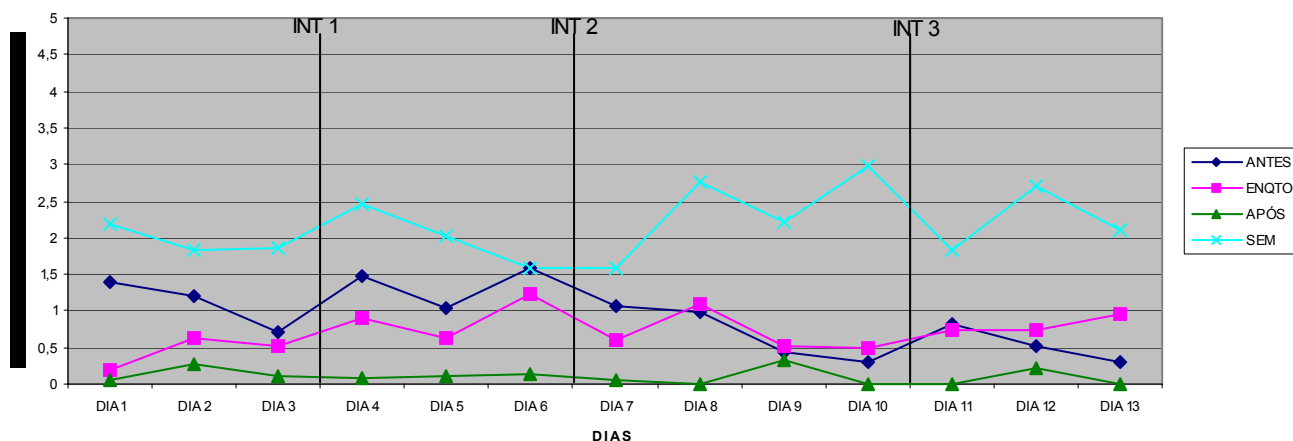
aumento de frequência após a intervenção 2, e se mantém acima do nível observado em linha de base. A tendência decrescente de frequência de respostas que pode ser notada na Figura 1 é definida, portanto, principalmente, pelo decréscimo na frequência das manipulações com aviso prévio.

Figura 1: Distribuição do número de ocorrências por minuto de manipulação com aviso prévio, simultâneo, subsequente e sem aviso às crianças na linha de base e diferentes fases, para a Cuidadora 1.



Na Figura 2 podem ser observados os mesmos dados apresentados na Figura 1, número de ocorrências de manipulações por minuto da Cuidadora 1, sob as diferentes condições de sinalização, mas neste caso nos diferentes dias do estudo.

Figura 2: Distribuição do número de ocorrências por minuto de manipulação com aviso prévio, simultâneo, subseqüente e sem aviso às crianças nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 1.

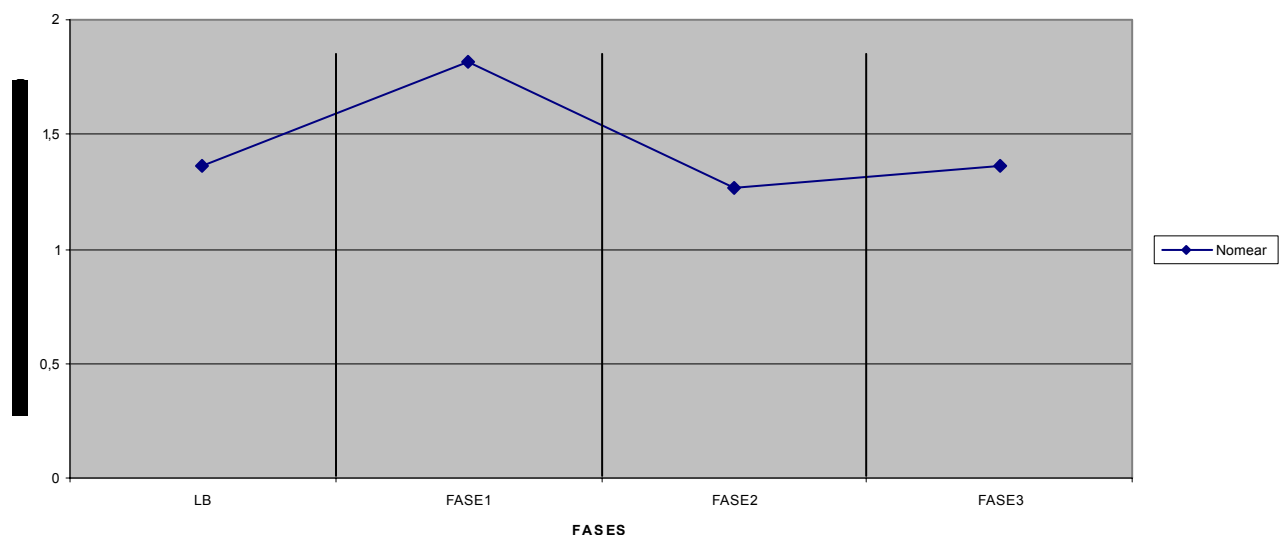


Pode ser observada, na Figura 2, a mesma tendência geral apresentada na Figura 1, ou seja, redução de frequência de aviso à criança **antes** da manipulação ocorrer, a partir da Linha de Base. Um exame das diferentes fases, em relação a cada um dos dias com banhos observados, contudo, evidencia que, após uma redução de frequência no final da Linha de Base, foi observado aumento na frequência de avisos antecipados à manipulação imediatamente após a etapa de intervenção 1, mantida relativamente estável até após a etapa de intervenção 2, quando esta frequência passou a ser descendente, ainda que pouco acentuada. No caso de avisos **enquanto** manuseia os bebês, por sua vez, foi possível observar alternância de frequência (pontos ascendentes e descendentes) em todas as fases, com aumento inicial de frequência (após a etapa de intervenção 1), queda após a etapa de intervenção 2 e aumento após a etapa 3 de intervenção, concluindo num nível maior que o observado na linha de base. As manipulações com aviso **após** sua execução apresentou tendência estável no decorrer de todas as fases. No caso de manipulações **sem** aviso (ou referência), foi possível observar um aumento de frequência logo após a etapa de intervenção 1 seguido de queda, com

recuperação dos níveis de Linha de Base após a etapa de intervenção 2, e manutenção destes níveis até o final de estudo, embora com alternância de valores nos diferentes dias.

A Figura 3 apresenta o número de ocorrências por minuto da conduta nomear partes do corpo da criança, para a Cuidadora 1, com todas as crianças, na linha de base e diferentes fases do estudo, excluídas daqui as nomeações ocorridas no âmbito de canções, apresentadas mais adiante.

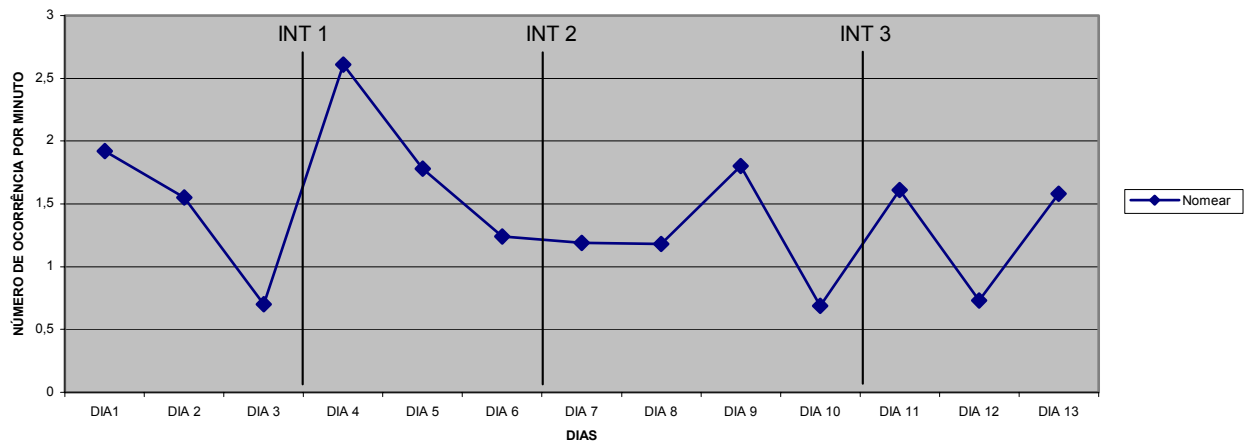
Figura 3: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança, na linha de base e diferentes fases do estudo, para a Cuidadora 1.



Pode ser observado, nos dados da Figura 3, um aumento de frequência de nomear partes do corpo da criança após a primeira etapa de intervenção, seguida de queda desta frequência para níveis próximos aos de Linha de Base após a segunda etapa de intervenção e manutenção destes níveis até o final do estudo.

A Figura 4 apresenta o número de ocorrências por minuto da conduta nomear partes do corpo da criança, da Cuidadora 1, com todas as crianças nos diferentes dias de banho considerados no estudo.

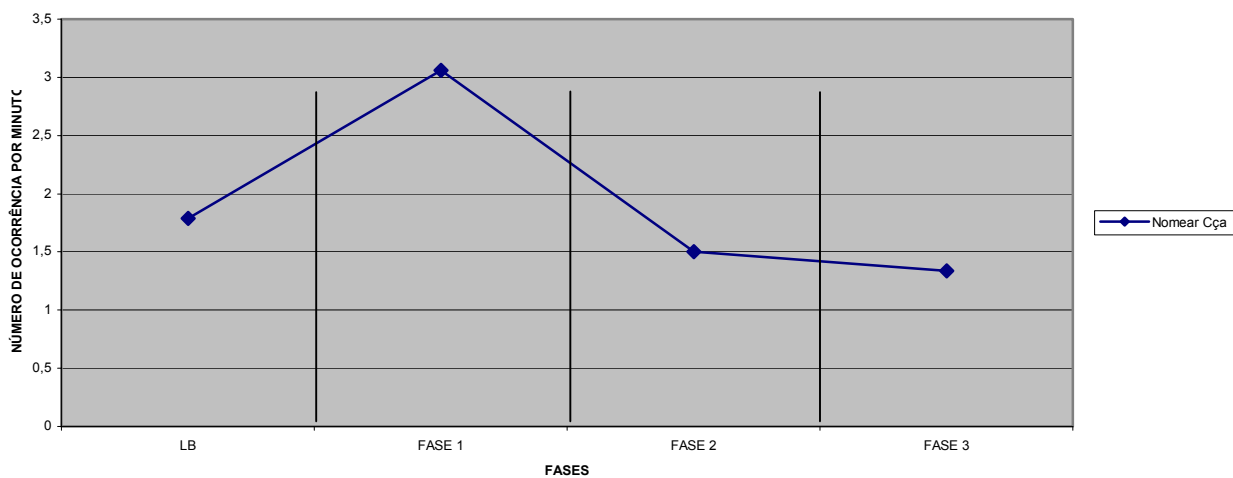
Figura 4: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 1.



Na Figura 4 é possível notar que a conduta nomear partes do corpo aumenta de frequência após a etapa 1 de intervenção, e inicia uma queda na própria fase. A partir do segundo dia de banhos observados após a etapa de intervenção 2, inicia-se uma alternância de frequência de nomeação de partes do corpo, de dia para dia, mantida mesmo após a etapa 3 de intervenção.

Na Figura 5 são apresentadas as frequência de ocorrência de **nomear a criança**, por minuto, da Cuidadora 1, com todas as crianças, na linha de base e diferentes fases do estudo. Também neste caso estão excluídas as nomeações ocorridas no âmbito de canções, apresentadas mais adiante.

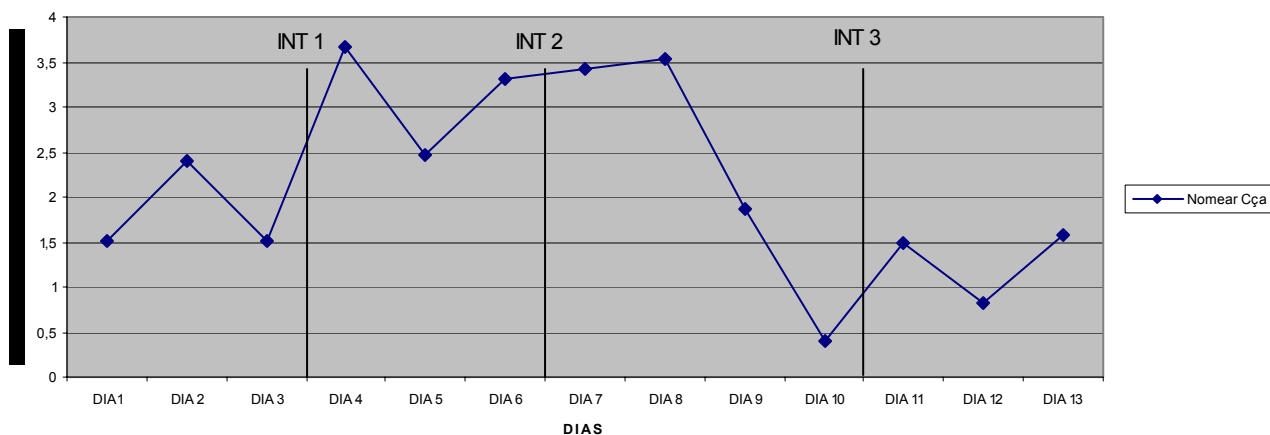
Figura 5: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança, na linha de base e diferentes fases do estudo, para a Cuidadora 1.



Na Figura 5 pode ser observado um aumento de frequência da conduta nomear a criança após a etapa de intervenção 1 e queda constante até o final do estudo.

No caso da Figura 6, são apresentados os mesmos dados apresentados na Figura 5, porém referentes aos diferentes dias de banho.

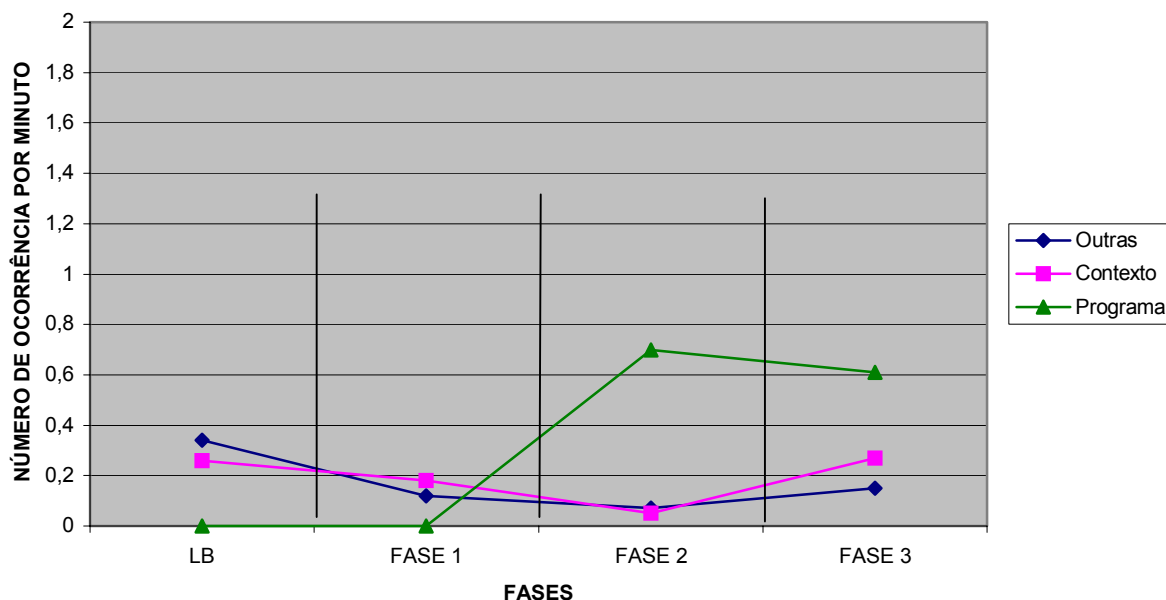
Figura 6: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança, nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 1.



Ao observar a distribuição das freqüências de nomear a criança, nos diferentes dias de banho, pode ser observada uma variação, mais acentuada na linha de base, mas ainda presente após a etapa de intervenção 1, embora em níveis maiores, com uma queda geral acentuada desde o terceiro dia de banho após a etapa de intervenção 2.

Na Figura 7 são apresentadas as freqüências de ocorrências de uso de canções por minuto da Cuidadora 1 na linha de base e diferentes fases experimentais.

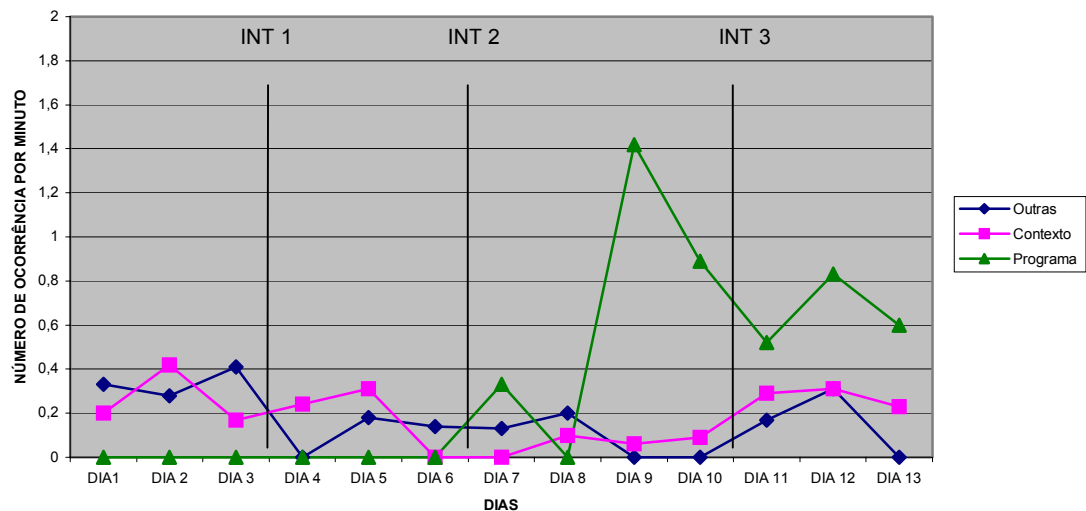
Figura 7: Distribuição do número de ocorrências por minuto de uso de canções de diferentes tipos pela Cuidadora 1 na linha de base e diferentes fases do estudo.



Na Figura 7 podem ser observadas as variações na freqüência de uso de canções pela Cuidadora 1, com aumento acentuado de canções apresentadas no programa de intervenção, depois da segunda etapa de intervenção. O uso de outros tipos de canções (outras canções e canções do contexto da atividade) apresenta aumento de freqüência apenas após a última etapa de intervenção.

A Figura 8 apresenta os mesmos dados da Figura 7, nos diferentes dias de banho considerados.

Figura 8: Distribuição do número de ocorrências por minuto de uso de canções de diferentes tipos pela Cuidadora 1, nos diferentes dias de banho considerados no estudo.

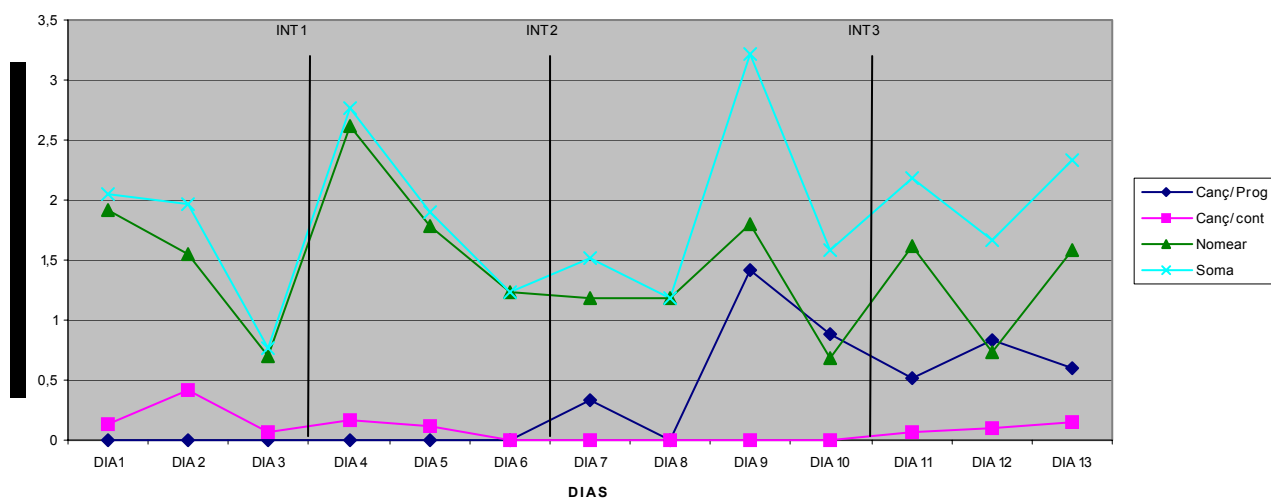


A Figura 8 evidencia um salto na freqüência de uso de canções pela Cuidadora 1 no decorrer do banho após a etapa 2 de intervenção, particularmente no terceiro dia após esta etapa de intervenção, quando a Cuidadora 1 fez uso de uma canção do programa a ela apresentada na primeira etapa de intervenção, revista na segunda etapa de intervenção, que nomeia partes do corpo e a própria criança. Depois deste dia, a Cuidadora 1 manteve uma freqüência de uso de canções acima da freqüência observada após as etapas iniciais (Linha de Base e primeira etapa de intervenção) do estudo. Os níveis de uso de canções que não do programa, (relativas e não relativas ao contexto considerado – referente a banho, nomeações de partes do corpo e nomeação da criança), que apresentaram redução correspondente ao aumento da freqüência de uso de canção do programa após a etapa de intervenção 2, voltaram aos níveis anteriores após a etapa 3

de intervenção, sendo que as canções não relativas ao contexto banho apresentaram uma tendência geral de redução.

A Figura 9 apresenta o número de ocorrências de nomear partes do corpo, por minuto, da Cuidadora 1, com todas as crianças, nos diferentes dias de banho considerados no estudo, tanto em termos de suas falas, quanto a nomeações realizadas por meio de canções, tanto as do programa apresentadas nas etapas de intervenção quanto outras, consideradas como do contexto, com nomeação de partes do corpo.

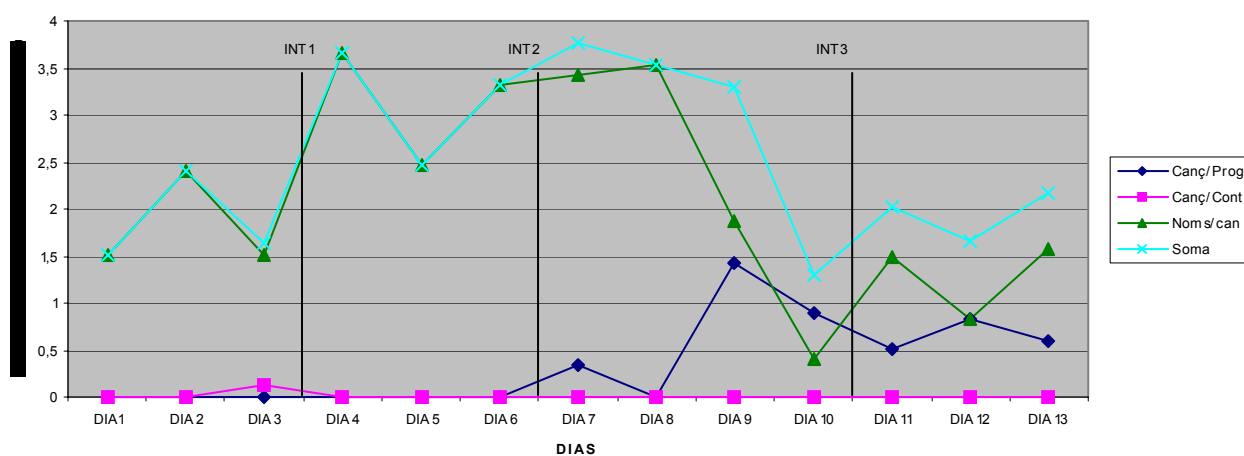
Figura 9: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança por meio de falas, canções do programa e do contexto, nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 1.



Pode ser observado, na Figura 9, que a frequência do uso de canções do contexto banho se mantém, enquanto a frequência do uso de canções do programa apresentou aumento acentuado após a etapa 2 da intervenção. A frequência de nomear partes do corpo, considerando a soma das nomeações com e sem canção, apresenta aumento geral até o final do estudo.

A Figura 10 apresenta o número de ocorrências de nomear a criança, por minuto, da Cuidadora 1, com todas as crianças nos diferentes dias de banho considerados no estudo, considerando suas falas neste sentido, bem como as nomeações da criança em canções, tanto as do programa apresentadas nas etapas de intervenção quanto as consideradas como pertinentes ao contexto do banho.

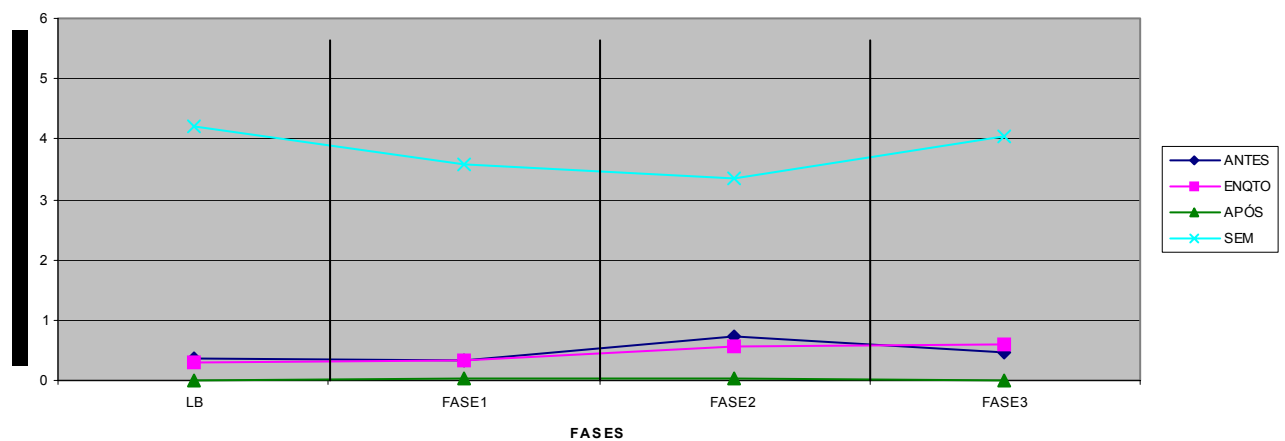
Figura 10: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 1, por meio de falas, de canções do programa, do contexto e a soma destes dados.



Na Figura 10 pode ser observada uma curva coincidente da soma com nomear a criança com falas, sem canção, até a etapa de intervenção 2; após esta etapa de intervenção, a Cuidadora 1 apresentou um aumento na frequência do uso de canções do programa, que se reflete no nível geral de nomeações da criança até o final do estudo.

Na Figura 11 podem ser observadas as ocorrências de manipulações da Cuidadora 2 com todas as crianças nas diferentes fases (Linha de base e fases pós etapas de intervenção 1, 2 e 3), com aviso prévio, aviso simultâneo, com aviso apresentado depois de ter efetuado a manipulação dos bebês e sem aviso.

Figura 11: Distribuição do número de ocorrências por minuto de manipulação com aviso prévio, simultâneo, subsequente e sem aviso às crianças na linha de base e diferentes fases, para a Cuidadora 2.

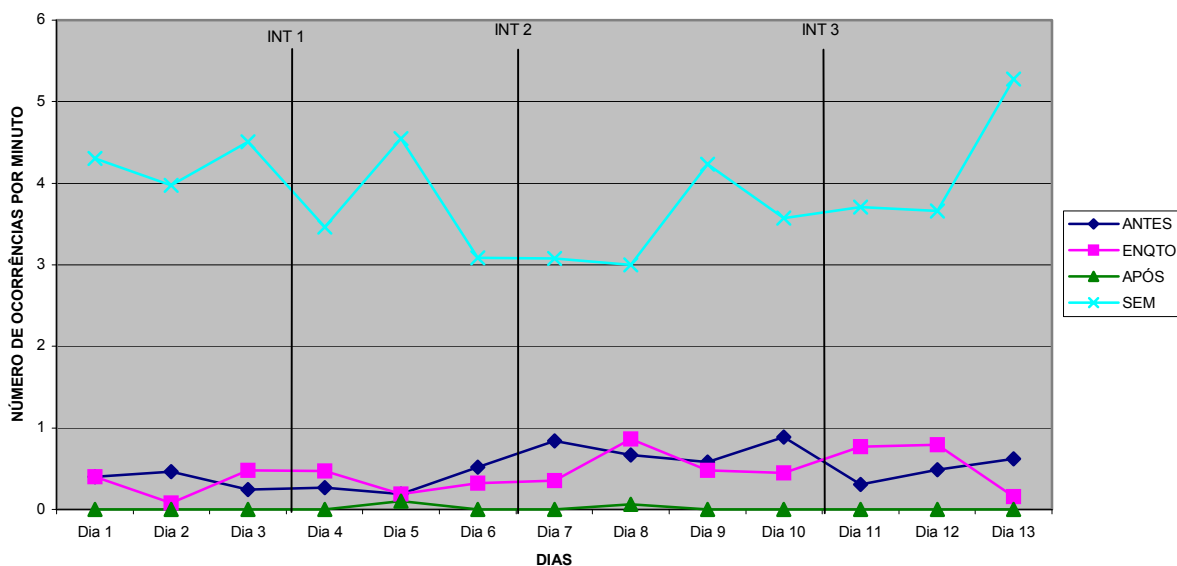


A Cuidadora 2 apresentou pequena elevação da frequência de avisos prévios e simultâneos após a etapa de intervenção 2, diferindo da Cuidadora 1 que apresentou aumento das mesmas frequências logo após a etapa de intervenção 1. Tal como ocorreu com a Cuidadora 1, a partir daí foi possível observar uma queda desta frequência até níveis observados na linha de base no final do estudo. Como foi observado no caso da Cuidadora 1, a Cuidadora 2 apresentou uma frequência baixa, e relativamente estável de ocorrências de avisos após a manipulação no decorrer do estudo. Em relação às manipulações sem apresentação de avisos ou comentários, a Cuidadora 2 (Figura 11) apresentou uma queda de frequência após a etapa de intervenção 1, atingindo seu índice mais baixo depois da etapa de intervenção 2, e retornando a uma frequência semelhante à observada em linha de base, com leve alteração para menos, enquanto que a

Cuidadora 1 apresentou aumento de freqüência das manipulações sem avisos depois da etapa de intervenção 2, retornando a freqüências semelhantes às observadas em linha de base no final do estudo. A comparação dos resultados das duas cuidadoras permite notar, ainda, que a Cuidadora 2 apresentou uma freqüência de apresentação de avisos (ou referências) à manipulação sensivelmente menor do que a Cuidadora 1, durante todo o estudo.

Na Figura 12 podem ser observados os mesmos dados apresentados na Figura 11, número de ocorrências de manipulações por minuto da Cuidadora 2, sob as diferentes condições de sinalização, mas neste caso nos diferentes dias de banho considerados no estudo.

Figura 12: Distribuição do número de ocorrências por minuto de manipulação com aviso prévio, simultâneo, subsequente e sem aviso às crianças nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 2.

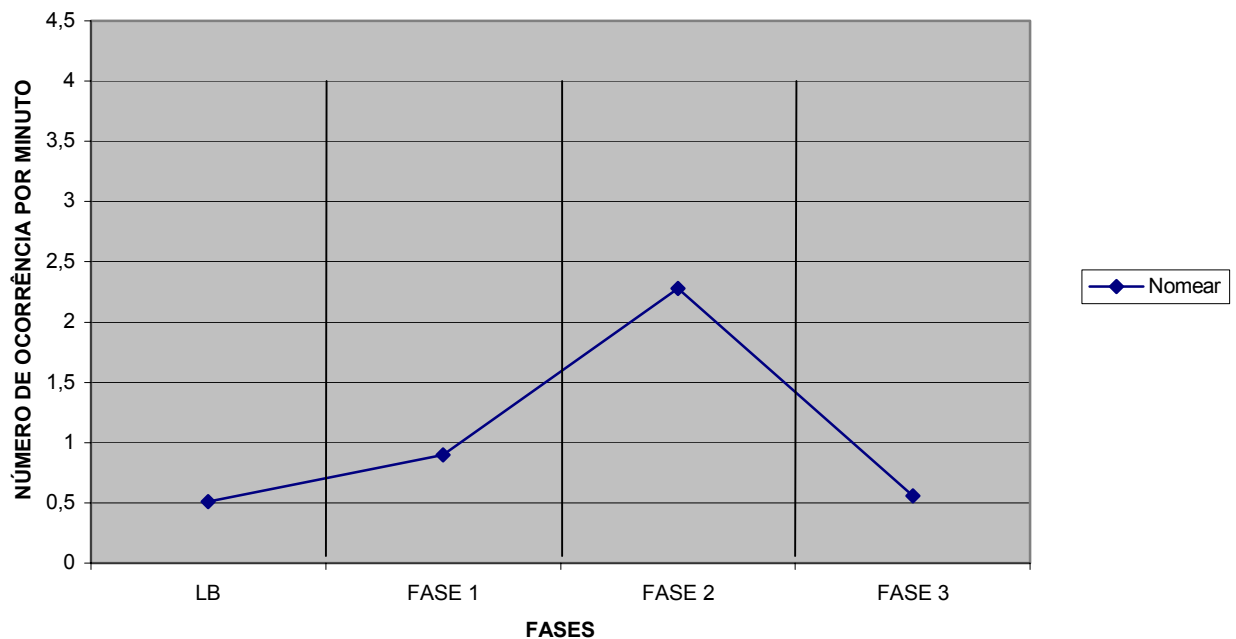


Na Figura 12 as mesmas tendências de freqüência de avisos anteriores, concomitantes e subsequentes da manipulação dos bebês já evidenciadas na Figura 11 podem ser observadas. Tal como já destacado em relação ao desempenho organizado

por etapas do estudo, o desempenho da Cuidadora 2 apresenta baixa frequência de ocorrência de aviso ou comentários, de forma diversa da Cuidadora 1.

A Figura 13 apresenta o número de ocorrências por minuto da conduta nomear partes do corpo da criança, da Cuidadora 2, com todas as crianças, na linha de base e diferentes fases do estudo, excluídas daqui as nomeações ocorridas no âmbito de canções, apresentadas estas mais adiante.

Figura 13: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança, na linha de base e diferentes fases do estudo, para a Cuidadora 2.

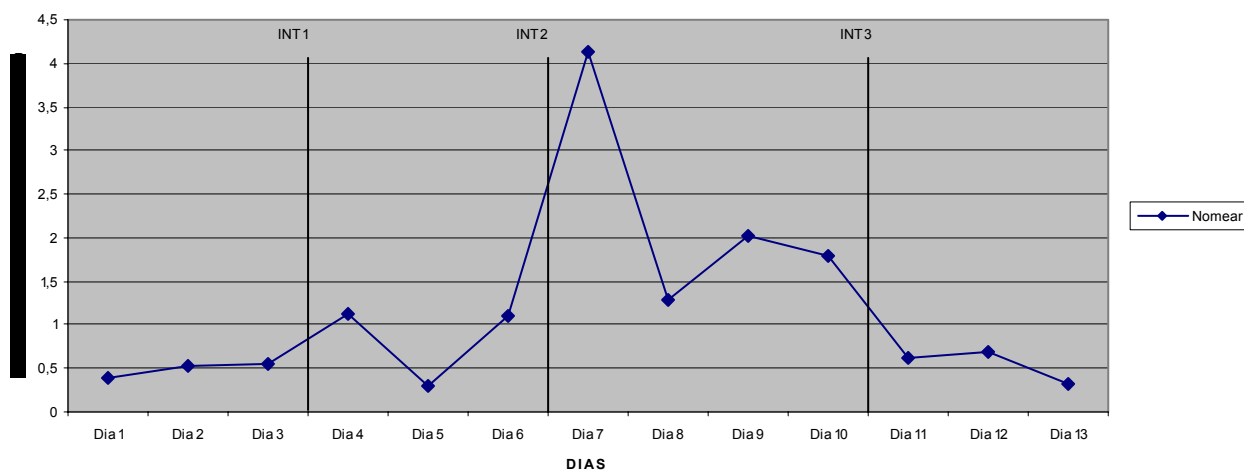


Como pode ser observado na Figura 13, foi observado um aumento de frequência de nomear partes do corpo após a etapa de intervenção 1, tendência que permanece após a etapa de intervenção 2, seguida de um retorno ao nível da linha de base após a etapa 3 de intervenção. No caso da Cuidadora 1, conforme apresentado na Figura 3, uma alteração, para mais, na frequência de ocorrência desta conduta (nomear partes do corpo da criança) aparece já no período posterior à etapa 1 de intervenção, e

também retorna aos níveis anteriores nos períodos subseqüentes. A comparação dos dados relativos ao desempenho das Cuidadoras em relação à nomeação de partes do corpo evidencia, ainda, que apenas em uma das fases consideradas a Cuidadora 2 atingiu freqüência de ocorrência em níveis próximos aos que foram apresentados pela Cuidadora 1 em quase todas as fases.

A Figura 14 apresenta o número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança, da Cuidadora 2, com todas as crianças, nos diferentes dias de banho considerados no estudo.

Figura 14: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 2.

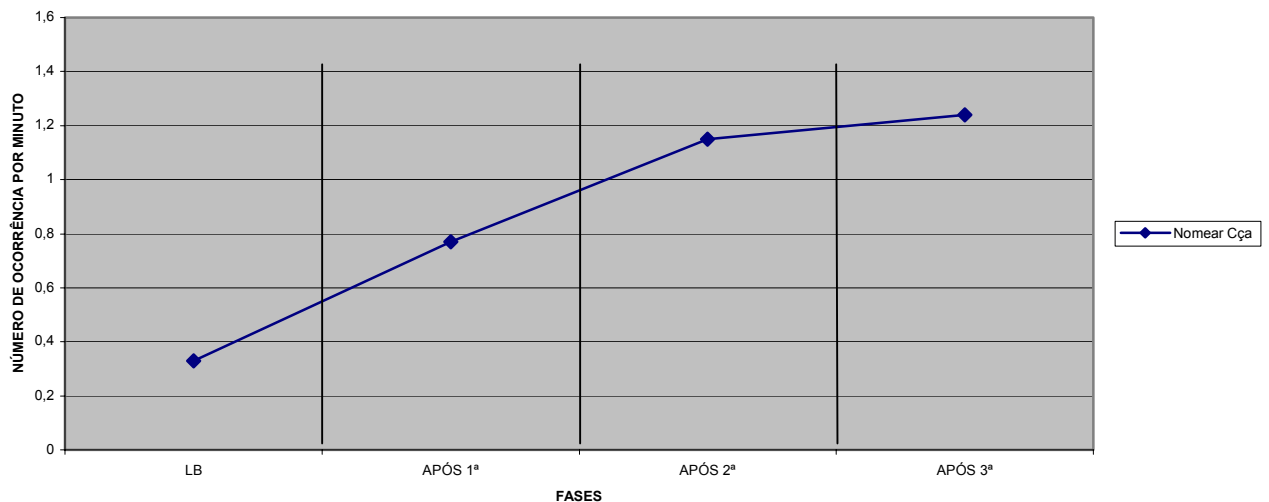


É notável, na Figura 14, um aumento considerável de nomear partes corpo da criança, pela Cuidadora 2, logo após a segunda etapa de intervenção, atingindo um ponto máximo no dia 7, com 41 ocorrências no primeiro banho, 5 no segundo e 13 ocorrências no terceiro banho, resultando em 4,13 ocorrências por minuto neste mesmo dia. No caso da Cuidadora 1, com dados apresentados na Figura 4, um aumento de freqüência deste comportamento foi observado logo após a etapa 1 de intervenção, logo no primeiro dia de banhos. Em ambos os casos, foi observada uma tendência de redução

desta frequência, sendo que tanto no caso da Cuidadora 1 quanto da 2, com algumas variações de dia para dia no caso da Cuidadora 1, esta frequência retornou aos níveis de linha de base.

Na Figura 15 são apresentadas as frequências de ocorrência de **nomear a criança**, por minuto, da Cuidadora 2, com todas as crianças, na linha de base e diferentes fases do estudo. Também neste caso estão excluídas as nomeações ocorridas no âmbito de canções, apresentadas mais adiante.

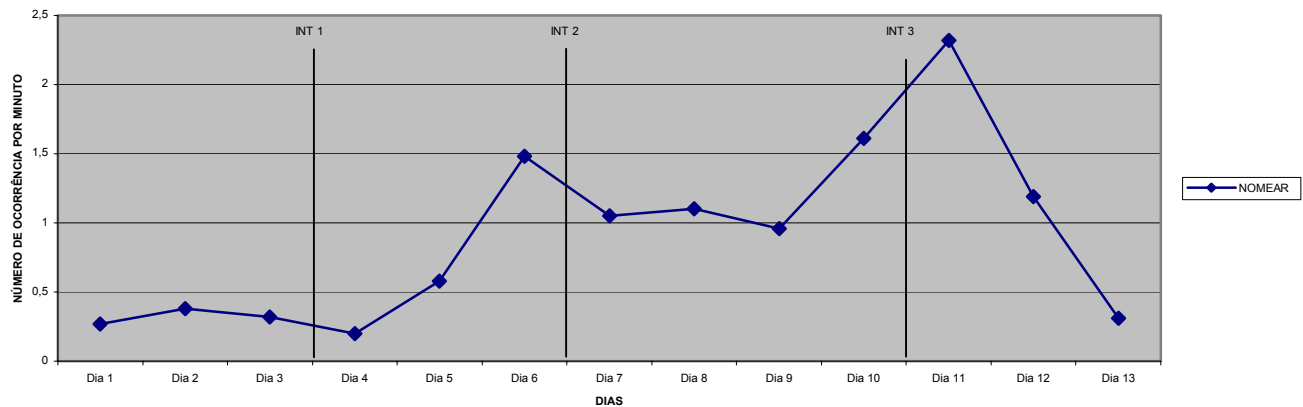
Figura 15: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança, na linha de base e diferentes fases do estudo, para a Cuidadora 2.



Pode ser observada, na Figura 15, um aumento constante da frequência de nomear a criança, do início até o final do estudo, no caso da Cuidadora 2, diferindo, neste aspecto, da Cuidadora 1, que apresenta tendência sistematicamente descendente desta frequência após a etapa de intervenção 2, conforme apresentado na Figura 5.

Na Figura 16 são apresentados os mesmos dados apresentados na Figura 15, porém referentes aos diferentes dias de banho.

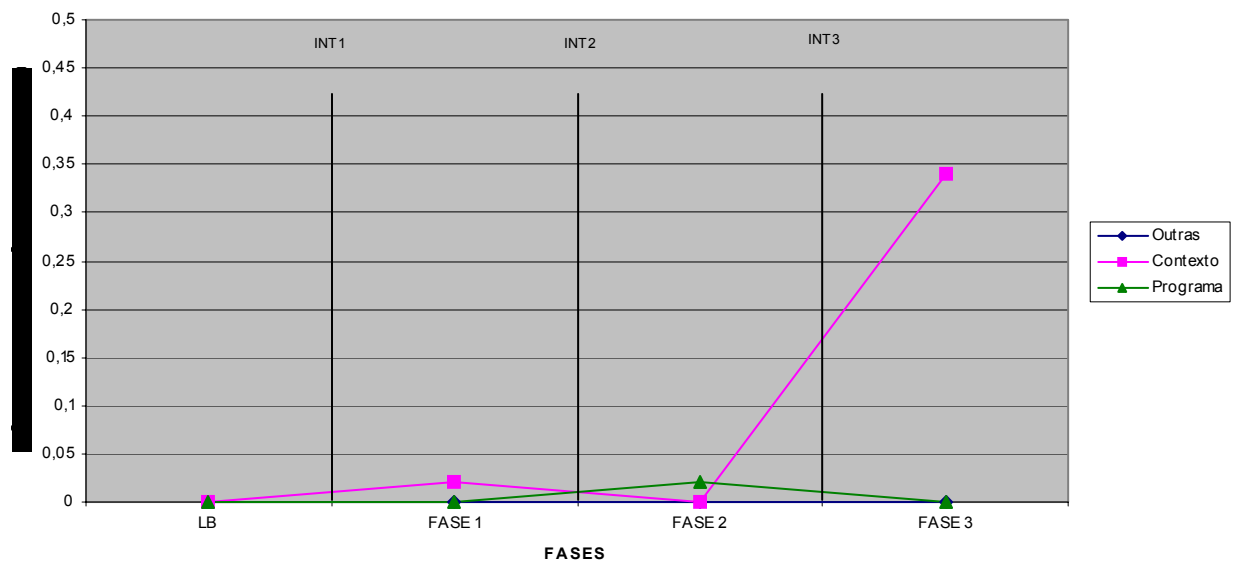
Figura 16: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança, nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 2.



A Figura 16 evidencia um desempenho relativamente estável da Cuidadora 2 na linha de base e, após a etapa 1 de intervenção, um aumento de frequência de nomear a criança, alcançando um valor alto no primeiro dia de banho após a terceira etapa de intervenção e queda brusca até o final do estudo, chegando aos níveis observados no início do estudo. Apesar de uma redução na frequência imediatamente após a etapa de intervenção 2, ainda que para valores acima dos observados em linha de base, a Figura 16 evidencia uma tendência ascendente de frequência de nomeações desde a linha de base, e uma inversão nesta tendência após o segundo dia da etapa 3 de intervenção. Embora, em ambos os casos a frequência de nomear a criança tenha sido reduzida nos dias finais do estudo, a Cuidadora 1, que apresentou uma frequência de ocorrência maior do que a Cuidadora 2, em geral, depois de um período relativamente grande de estabilidade, apresentou redução acentuada a partir da metade do estudo, em particular após um período de interrupção de observação por força de feriado.

Na Figura 17 são apresentadas as frequências de ocorrências de uso de canções por minuto da Cuidadora 2 na linha de base e diferentes fases experimentais.

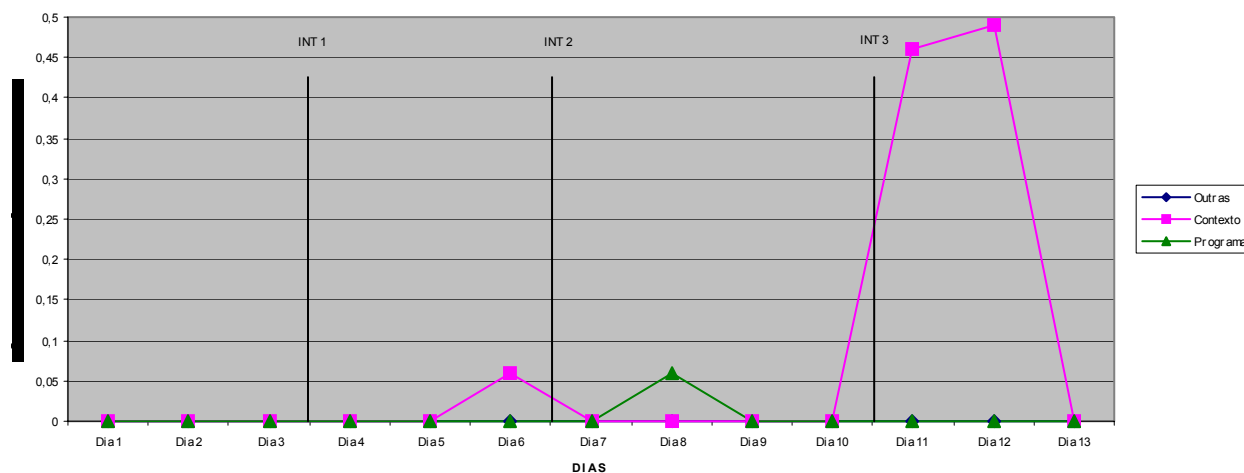
Figura 17: Distribuição do número de ocorrências por minuto de uso de canções de diferentes tipos pela Cuidadora 2 na linha de base e diferentes fases do estudo.



Na Figura 17 pode ser notada uma pequena frequência no uso de canções do programa durante todo o estudo, mesmo no período em que houve um aumento desta frequência. No caso de canções outras que não as do programa, mas referentes ao contexto observado (banho, nomear partes do corpo ou nomear a criança), um aumento relativamente acentuado de uso pela Cuidadora 2 é observado apenas após a etapa 3 de intervenção. Não foi observado uso de canções de outros temas, que não dizem respeito a banho, nomeação de partes do corpo ou da criança, em etapas do estudo. No caso da Cuidadora 1, diferentemente, foi observada uma queda geral no uso de canções de outros temas e canções do contexto, no decorrer do estudo; porém, principalmente após etapa de intervenção 2, quando a frequência de uso de canções do programa aumentou consideravelmente. Também no caso de uso de canções, a Cuidadora 1 apresentou uma frequência de ocorrência muito superior à observada no caso da Cuidadora 2.

A Figura 18 apresenta os mesmos dados da Figura 17, porém considerados nos diferentes dias de banho.

Figura 18: Distribuição do número de ocorrências por minuto de uso de canções de diferentes tipos pela Cuidadora 2, nos diferentes dias de banho considerados no estudo.

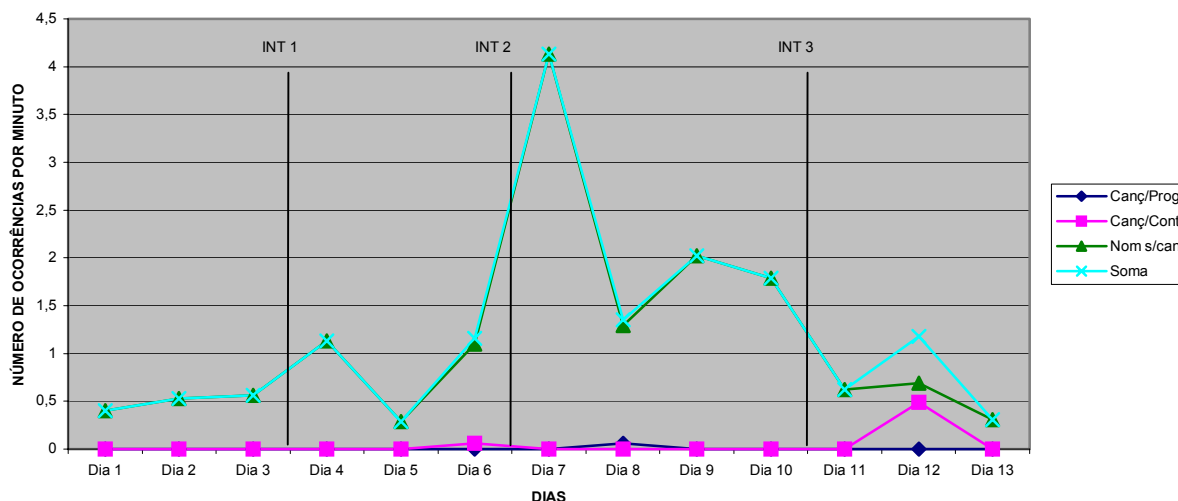


Na Figura 18 pode ser observado um incipiente uso de canções em banhos observados, antes da etapa 3 de intervenção, sendo que do contexto após a etapa 1 de intervenção, e do programa após a etapa 2 de intervenção. No caso do período após a etapa 3 de intervenção, a Cuidadora 2 fez uso de canções do contexto em banhos observados em dois dos três dias considerados, mas nenhum uso de canção foi observado no terceiro dia desta fase do estudo. Já para a Cuidadora 1, o uso de canções do contexto apresentou variações, com aumento após etapa de intervenção 3, e o uso de canções do programa teve aumento acentuado após etapa 2 de intervenção (apesar de queda no segundo dia de banhos) e se manteve acima dos níveis iniciais observados.

A Figura 19 apresenta o número de ocorrências de nomear partes do corpo, por minuto, da Cuidadora 2, com todas as crianças, nos diferentes dias de banho considerados no estudo, relativas tanto às suas falas quanto às nomeações realizadas por

meio de menção a partes do corpo em canções do programa apresentadas nas etapas de intervenção e canções do contexto com esta mesma característica (com nomeação de partes do corpo).

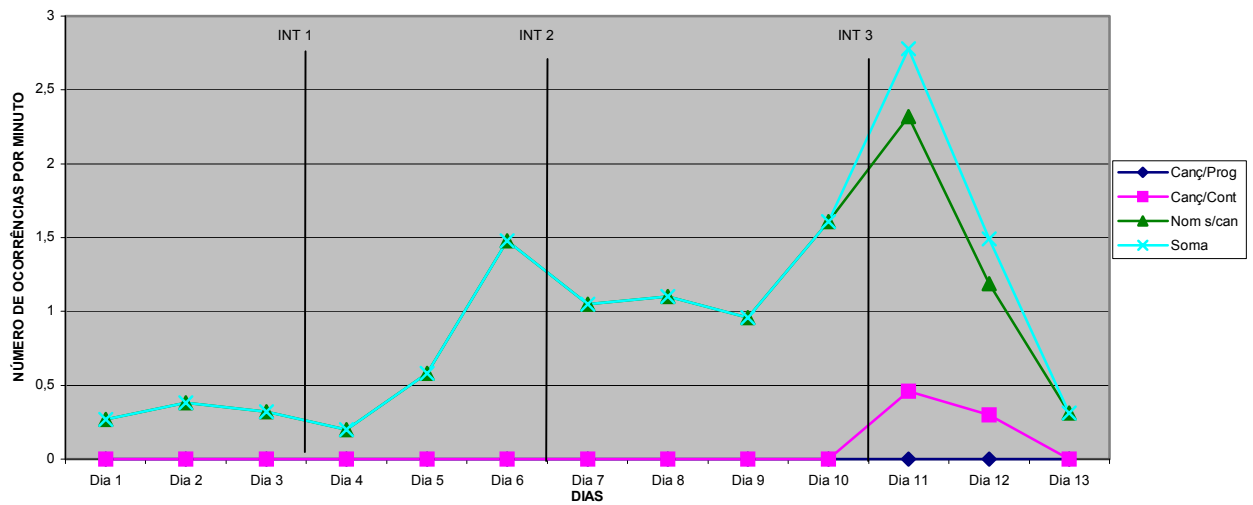
Figura 19: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 2, por meio de falas, de canções do programa, do contexto e a soma destes dados.



Pode ser observado, na Figura 19, um aumento na frequência total de nomeações, relacionada diretamente ao aumento na frequência de nomeação de partes do corpo sem uso de canção, tendência esta que foi interrompida a partir do segundo dia de banho após a etapa de intervenção 2, tornando-se então decrescente, e atingindo frequência semelhante à observada na linha de base. No caso da Cuidadora 1 (Figura 9), foi possível observar também um aumento na frequência geral de nomear a criança, devendo-se, neste caso, ao aumento, principalmente após etapa de intervenção 2, no uso de canções do programa que ofereciam esta possibilidade.

A Figura 20 apresenta o número de ocorrências de nomear a criança, por minuto, da Cuidadora 2, com todas as crianças nos diferentes dias de banho considerados no estudo, relativas tanto às suas falas quanto às nomeações da criança em canções do programa apresentadas nas etapas de intervenção e canções do contexto que tenham a mesma função, de nomeação da criança.

Figura 20: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 2, por meio de falas, de canções do programa, do contexto e a soma destes dados.



Pode ser observada, na Figura 20, uma curva coincidente da soma das freqüências de nomear por meio das alternativas consideradas e de nomear a criança com falas, na maior parte dos dias observados, sendo uma alteração importante nesta situação observada após a terceira etapa de intervenção, e em função do aumento da freqüência de utilização de canções que, embora não tendo sido apresentadas como parte do programa, eram canções pertinentes ao contexto. No caso da Cuidadora 1, esta curva coincidente só acontece até a etapa de intervenção 2, quando a freqüência do uso de canções do programa aumentou a soma das freqüências elevando o nível das nomeações até o final do estudo.

Programa de ensino com música e intervenção no desempenho de cuidadores em creches ao lidar com bebês: contribuições e perspectivas

Aprendizagens no programa e evolução da conduta da Cuidadora 1

No caso da Cuidadora 1, podem ser observadas mudanças no desempenho observado em Linha de Base em relação a condutas relativas a verbalizações sobre manipulações durante o banho, de nomear partes do corpo e de nomear a criança. As tendências observadas no desempenho da Cuidadora 1 são, em geral, de aumento inicial de frequência, particularmente após etapa 1 de intervenção, mas posterior redução desta frequência, a partir da segunda etapa de intervenção. Ou seja, o programa parece interferir no padrão de conduta da Cuidadora, com variações momentâneas, mas imprimindo uma tendência regular em termos de frequência de ocorrência de certos comportamentos típicos (ou desejáveis) na situação observada. Esta tendência geral de redução na frequência de comportamentos considerados é, aparentemente, “compensada”, após a Intervenção 2, por uso de canções do programa, nas quais aspectos correspondentes àqueles que sofreram redução estão, pelo menos em parte, presentes.

Vale lembrar que, nos dois últimos dias de banhos considerados no estudo, nos quais foi observada uma redução sensível da frequência de ocorrência de algumas condutas que vinham sendo apresentadas por esta cuidadora, aconteceram algumas interferências ao banho, tais como outras crianças e cuidadoras usando o banheiro e conversando com a Cuidadora 1. A redução observada no caso de avisos prévios de manipulação, pode ter sido favorecida pelo fato de que, em alguns momentos, a cuidadora deixou de dar atenção para a criança que estava sendo banhada por ela, para responder aos outros presentes. No entanto, os comentários simultâneos em relação a

manipulações, foram mantidos em frequência levemente superior à observada em sessões anteriores, podendo representar uma forma de compensação pela redução de avisos prévios.

Algumas mudanças apresentadas pela Cuidadora 1, principalmente após a etapa de intervenção 1, não foram mantidas nas etapas subseqüentes. Após a etapa de intervenção 1 houve uma resposta imediata da Cuidadora 1, que não se manteve no caso de avisos de manipulação desejáveis, principalmente após a etapa de intervenção 2, quando esta cuidadora passou a usar com frequência uma canção do programa que nomeia a criança e partes do corpo. Neste caso, considerando que a canção eleita pela cuidadora facilitava nomeação de partes do corpo e da criança, ações que efetivamente ocorreram em profusão pelo uso da canção, mas não previa sinalização de manipulações, o uso da canção pode ter interferido na possibilidade de avisar a criança sobre manipulações que ocorriam simultaneamente à canção.

Um aspecto que pode ter influenciado na queda de frequência das condutas observadas, também, é o fato de que entre as etapas de intervenção 2 e 3 houve uma interrupção, na coleta de dados, em função de um feriado, tornando a coleta de dados mais longa, (duas semanas), com prolongamento do período sem apresentação de nova etapa do programa.

Um exame dos dados obtidos sobre o desempenho da Cuidadora 1 na etapa de linha de base, em especial se comparando com os dados relativos ao desempenho da Cuidadora 2, permite notar uma frequência não desprezível de comportamentos, dentre os selecionados como indicadores de adequação ou não na forma de lidar com bebês, que podem ser considerados como equivalentes aos que o programa pretende promover. Em vários casos, um nível de frequência que não se manteve no decorrer da exposição

ao programa, enquanto tendência geral, e apesar de algumas mudanças importantes, mas episódicas. Sem descartar a possibilidade de que modificações no padrão de desempenho possam ser atribuídas ao próprio programa e suas características, é possível supor, principalmente pelo exame das situações gravadas, em relação a outros aspectos do desempenho da Cuidadora não analisados neste trabalho (tais como tom de voz elevado, por exemplo), que tenha existido um super-desempenho da Cuidadora na etapa de Linha de Base, quando comparado ao seu dia-a-dia, ou efetivo repertório inicial. Neste sentido, é possível supor que a própria situação de pesquisa, relacionada à observação do desempenho e à possível expectativa da Cuidadora sobre o que seria esperado dela, conhecendo, ainda que em linhas gerais, o trabalho desenvolvido pela Pesquisadora, tenha alterado seu padrão usual de desempenho. Pode ter contribuído para este eventual esforço de desempenho inicial, ainda, o fato de que esta Cuidadora, não atendendo às novas exigências legais para o trabalho que vinha desenvolvendo há muitos anos, estivesse especialmente suscetível a uma possível ameaça representada à sua condição de contratação, resultante da pesquisa.

Aprendizagens no programa e evolução da conduta da Cuidadora 2

De um modo geral, a Cuidadora 2 apresentou uma baixa frequência de apresentação das condutas selecionadas para análise, e supostamente relevantes para promover condições adequadas para um desenvolvimento saudável em crianças sob seus cuidados, considerando a faixa etária destas crianças, sua condição de afastamento das mães e o conhecimento disponível. Estes dados são confirmados, ainda, pelas observações de seu padrão geral de conduta nas situações de banho consideradas, muitas vezes com sessões de banho repletas de silêncio, e aparente manipulação

automática e indiferente da criança, nas etapas iniciais do estudo. De tal modo, que mudanças observadas em seu desempenho, ainda que pequenas, adquirem uma importância considerável por evidenciar a possibilidade de mudança existente, a despeito das condições limitadas em que o programa de ensino foi desenvolvido (comentadas adiante). A observação das filmagens realizadas dos banhos conduzidos pela Cuidadora 2, para além das condutas selecionadas neste programa, evidenciam avanços no desempenho da Cuidadora, em termos de demonstração de atenção à criança, de afetividade e proximidade com a criança, nem sempre bem representados pelos dados considerados neste estudo. Por exemplo, esta cuidadora passou a dispensar tempo do banho para brincar com a criança, apresentar perguntas, solicitar participação da criança na atividade do banho, comentar sensações que a criança poderia estar tendo e fazer carinho, em alguns momentos.

A Cuidadora 2 não apresentou nenhuma evidência de repertório musical na linha de base, e esta condição sofreu alteração apenas após a etapa final de intervenção do programa, quando ela cantou uma canção do programa (uma única vez) e algumas canções do contexto. Esta mudança, contudo, adquire um significado importante, exatamente pela ocorrência da canção, quando este parecia ser um recurso inexistente em seu repertório. Também ganham importância, neste sentido, as mudanças observadas em seu desempenho em termos de aumento de frequência de avisos prévios e simultâneos a partir da segunda etapa de intervenção, ainda que este aumento tenha sido pequeno. Como no caso da Cuidadora 1, estas mudanças parecem não terem sido mantidas, embora seja relevante destacar que, no último dia de banho (ver observação abaixo) considerados (após a etapa de intervenção 3), a temperatura ambiente estava muito baixa, tendo sido possível notar manifestações de frio por parte das crianças.

Possivelmente por esta razão, a Cuidadora 2 tenha diminuído o tempo de banho das crianças, apressando sua atividade e, provavelmente, interferindo nas respostas observadas da Cuidadora. Enquanto na maioria dos dias de banho considerados o tempo deste procedimento ficou entre 3 e 5:12 min, (salvo um dia, o de número 11, em que um banho durou 2:09min), neste dia o banho mais longo foi de 2:22min e o mais curto chegou a 2:08min.

A etapa 2 de intervenção pareceu representar, para a Cuidadora 2, uma oportunidade importante para ampliar seu repertório em relação às condutas consideradas no estudo, com mudanças sensíveis na frequência de ocorrência das condutas de nomear partes do corpo e de nomear a criança. Nesta etapa de intervenção foram apresentados e discutidos conceitos básicos sobre o desenvolvimento da criança, suas habilidades, limites e dificuldades presentes na situação de distância vivida pela criança na creche, e as devidas decorrências para o desenvolvimento infantil. Foram descritas situações às quais a criança fica exposta, com solicitação à Cuidadora para que avaliasse os sentimentos da criança e da mãe. Uma hipótese a considerar, como possível explicação para um aumento nas condutas de nomeação, mas não na de aviso sobre manipulações, é a de que os avisos para manipulação estão associados a uma ação que pode ser excessivamente automatizada para a Cuidadora, e por isso mais difícil de ser alterada, enquanto nomear partes do corpo e nomear a criança podem ser incorporados a esta conduta estabelecida. Neste sentido, mesmo tendo sido enfocadas questões específicas relacionadas à garantia de condições para que a criança se sinta segura (e o aviso de manipulação pode ser entendido como uma condição deste tipo) na segunda etapa do programa, isto não parece ter sido suficiente para gerar mudanças em uma conduta que, em geral, era realizada de forma mecânica. Nesta etapa de intervenção, foi

ensinada uma canção que inclui avisos sobre o que vai acontecer durante o banho e também nomeação de partes do corpo (Apêndice 1: canção 9. Cantando no chuveiro). Foi feita, ainda, a revisão de uma outra canção com as mesmas propriedades, ensinada na primeira etapa de intervenção (Apêndice 1, canção 3. Banho do Neném) e ensinada uma parlenda de nomeação de partes do corpo e da criança, mais curta e de fácil memorização que, assim como as aquelas, não foi utilizada por nenhuma das cuidadoras. As duas canções que avisam sobre manipulações são mais extensas, por terem possibilidade de descrever cada uma das ações da cuidadora, o que pode dificultar uma rápida memorização. A canção ensinada na etapa de intervenção 2, “Cantando no chuveiro”, é mais simples, e por isso mais fácil de aprender do que a canção ensinada na etapa de intervenção 1, “Banho do Neném”. Porém a Cuidadora 2 não fez uso de nenhuma delas.

Impacto do programa de ensino sobre condutas das cuidadoras: história de vida, repertório de entrada e mudanças comportamentais.

Os dados relativos ao desempenho das duas cuidadoras, nas situações consideradas, indicam que a exposição ao programa de ensino por meio da qual são apresentadas condições de ensino para aprendizagem de canções infantis, informações relativas a conceitos sobre desenvolvimento infantil e sobre auto-cuidado para cuidadoras de bebês resultou em mudanças nestes repertórios, a partir de uma linha de base estabelecida. Foi possível, ainda, identificar diferentes impactos em momentos diferentes de desenvolvimento do programa, ou seja, após a introdução de determinadas variáveis, inseridas no que foi denominado de etapas 1, 2 e 3 do programa. No entanto, as mudanças observadas nos repertórios das duas cuidadoras não foram iguais, em

termos de dimensão do impacto e momentos em que se evidenciaram. A Cuidadora 1 apresentou, de um modo geral, uma frequência de ocorrência de comportamentos tomados como indicadores de formas adequadas de lidar com bebês do ponto de vista do conhecimento disponível, tais como apresentar comportamentos verbais sinalizadores ou referentes a manipulações realizadas, nomear criança e partes do corpo, superior à apresentada pela Cuidadora 1, desde a Linha de Base. Da mesma forma, esta Cuidadora apresentou, desde o início, também, um repertório musical que, embora provavelmente aquém do que poderia ou deveria apresentar como forma de explorar o potencial deste recurso, era mais frequente do que o apresentado pela Cuidadora 2.

Algumas condições podem estar associadas às diferenças observadas em termos de repertório geral das cuidadoras para lidar com bebês, sendo uma delas a experiência de cada uma com a situação de cuidado de bebês. Enquanto a Cuidadora 1 trabalhava na área há 18 anos quando da realização deste estudo, e há 15 anos na instituição em que os dados foram coletados, a C2 trabalhava na área de Educação há aproximadamente um ano, sempre na instituição onde foram coletados os dados.

Uma outra variável em relação a qual as cuidadoras apresentam diferenças é o nível de escolaridade. Em termos de grau de instrução, existe uma diferença considerável entre as duas cuidadoras, a favor da Cuidadora 2, que cursava, na época, o primeiro ano de Pedagogia, enquanto que a Cuidadora 1 havia atingido apenas a 8ª série. No entanto, esta vantagem da Cuidadora 2, em termos de educação formal, não pareceu se traduzir em condição importante para promover um repertório mais apropriado de cuidado com bebês, ao menos no que se refere aos comportamentos considerados.

A idade, diretamente relacionada à experiência geral de vida, e de contato com crianças, podem ter representado, também, um aspecto importante na determinação dos padrões de condutas apresentados pelas cuidadoras. No caso da Cuidadora 1, além de um longo período de trabalho com crianças em situação institucional, ela apresentava, também, uma experiência de cuidado com bebês como mãe, o que não ocorria com a Cuidadora 2.

Um outro aspecto que pode ter relação com as diferenças observadas, em termos de padrões de conduta e mudanças nestes padrões pelas duas cuidadoras, refere-se ao estágio de consolidação do repertório comportamental de cada uma delas. A existência de um repertório construído por meio de anos de prática de trabalho com crianças pode representar, em certas circunstâncias, um fator que interfere na possibilidade de mudanças, podendo contribuir para sua manutenção ou maior estabilidade. Uma história de reforçamento bem consolidada requer, usualmente, esforços maiores para produzir mudanças, quando comparada a uma história recente. Pode ser observado que, no caso da Cuidadora 1, as mudanças ocorridas não foram mantidas, voltando, no final do estudo, aos níveis de linha de base, ao contrário da Cuidadora 2 que, embora apresentando menor frequência (ou mesmo ausência) de condutas que podem ser consideradas apropriadas para lidar com crianças (como as selecionadas para exame), apresentou mudanças que, embora ainda insuficientes, podem ser relevantes, com a exibição de comportamentos não observados no começo do estudo.

É importante ressaltar, ainda, que a diferença inicial, na condição de Linha de Base, pode estar super dimensionada, caso tenha havido, efetivamente, uma alteração no desempenho da Cuidadora 1, com frequências superiores às que efetivamente constituiriam seu repertório usual.

Impacto diferencial das condições de ensino: o papel de cada característica do programa

A cada uma das etapas do programa de ensino correspondeu, de modo mais específico, características da intervenção que o programa representa, em termos de preparo de cuidadores para melhor lidar com bebês em suas atividades diárias, sendo que em todas elas o recurso musical esteve presente. Na primeira etapa de intervenção, o ensino de canções que, compostas especialmente para esta finalidade, poderiam favorecer condutas das cuidadoras tais como os selecionados como indicadores de seu desempenho, foi desenvolvido junto às cuidadoras, e levou a resultados diferentes.

Com um repertório inicial já incluindo algumas das condutas de interesse, a Cuidadora 1, quando exposta ao mero aprendizado de canções, apresentou mudança imediata, aumentando a frequência de avisos de manipulações, e de nomeações do corpo da criança e da criança, enquanto que a Cuidadora 2 não apresentou mudanças sensíveis em seu desempenho, que apresentava, desde a linha de base, baixa frequência de todas as condutas consideradas. No caso da Cuidadora 1, um maior tempo de experiência com atendimento a bebês (que pode ter gerado um repertório mais amplo e diversificado neste aspecto), um esforço específico por atender a expectativas que ela pudesse ter acerca do que a pesquisadora esperava dela, e sua eventual suscetibilidade a um risco – real ou hipotetizado – de perda de posto de trabalho podem ter influenciado no aparecimento de uma resposta imediata ao início da intervenção. Tais variáveis, diversas no caso da Cuidadora 2, e o repertório evidenciado em linha de base – com

ausência de observação dos comportamentos considerados, podem auxiliar na compreensão destas diferenças.

Também no caso da segunda etapa de intervenção, no qual foram apresentadas, além de canções novas e revisões de canções apresentadas na primeira etapa de intervenção, informações sobre o desenvolvimento da criança, os resultados encontrados indicam que as duas cuidadoras apresentam mudanças, mas com diferentes características. A Cuidadora 2 evidenciou, como mudança, aumento de frequência de comportamentos considerados, principalmente de nomeação do corpo da criança e da criança, enquanto que o comportamento da Cuidadora 1 chegou a apresentar queda na frequência nestas mesmas condutas, sendo que, no caso de avisos antecipados, a frequência observada após a etapa 2 de intervenção chegou a níveis inferiores aos observados em linha de base. No entanto, a Cuidadora 1 apresentou, nesta mesma etapa, um aumento considerável no uso das canções do programa, eventualmente em função de maior familiaridade com o novo repertório musical. Aparentemente, apenas ensinar canções não é suficiente para os objetivos a que o programa se propõe, já que somente após a segunda etapa de intervenção foi observado o aparecimento de condutas que não existiam na linha de base, para a Cuidadora 2. No entanto, é possível que este efeito observado, no caso da Cuidadora 2, após a segunda etapa de intervenção, seja decorrente tanto de um fortalecimento do treino com as canções quanto da apresentação de conceitos explicativos da função de determinadas condutas, tais como as consideradas neste estudo, para a Cuidadora.

A queda de frequência de condutas consideradas, tanto para a Cuidadora 1 quanto para a Cuidadora 2, pode indicar que o impacto causado pelas informações de auto-cuidado não são de alcance imediato.

Manipulação da criança pelo adulto e desenvolvimento infantil: aprimorando comportamento verbal

Este estudo tem como foco de atenção principal o desenvolvimento favorável de crianças de até 3 anos de idade, por meio da ação de cuidadoras, em creches, levando em conta a importância da graduação de estímulos necessária para um desenvolvimento favorável destas crianças, a despeito da distância imposta entre mãe e criança que frequenta este tipo de instituição. As dificuldades da criança nesta idade em manter-se longe da mãe (Bowlby, 1990) podem ser minimizadas por condutas que ofereçam à criança condições de perceber situações de segurança e aprendizado de tudo o que envolve seu corpo, sua identidade e seu bem estar. Avisar a criança sobre o que será feito com ela por pessoas que ela nem conhece, e que vão participar da sua intimidade (como na própria situação de banho), pode ajudar esta criança a pelo menos perder um pouco a ansiedade e expectativa do desconhecido, já que as situações descritas são, em geral, estranhas para ela. A conduta de avisar o que está acontecendo, ou o que vai acontecer passo a passo, além de ofertar segurança para a criança, pode ser uma atividade de aprendizagem, se associada ao aumento do repertório verbal, de reconhecimento de ambiente e nomeação de objetos no transcorrer da atividade. Estas considerações são importantes tanto para crianças recém-chegadas à instituição, quanto para a criança que esteja lá há mais tempo. Para a primeira, o objetivo mais urgente seria o preparo para o desconhecido, sem perder a característica de integração do corpo da criança e estímulo de linguagem. Para a criança que tem um tempo maior dentro da creche, continua valendo as possibilidades destas condutas de aprendizagem. Neste

estudo, as crianças escolhidas pelas cuidadoras para serem filmadas, com permissão dos pais em documentada em termo de consentimento livre e esclarecido, (Apêndice 2), já conheciam a escola e suas cuidadoras. Este aspecto pode ter influenciado na conduta das cuidadoras, e seria recomendável, em estudos futuros, uma coleta e uma análise de dados que possibilite realizar comparações de desempenho das cuidadoras diante de crianças nestas duas condições: recém-chegadas à instituição, ou já ambientadas com a creche.

De um modo geral, muitas manipulações da criança são feitas pelo adulto em uma situação de banho, incluindo algumas que, a despeito da rotina com que esta atividade é realizada, apresentam alta probabilidade de serem aversivas para a criança. Lavar rosto e cabelos, por exemplo, são situações em que crianças, muito freqüentemente, apresentam reações de susto, medo ou recusa. Saber, de antemão, que estas manipulações serão realizadas, representam uma possibilidade de a criança se preparar para elas, de manifestar suas preferências quanto ao modo de realização, de participar da atividade. Avisos antecipados destas manipulações são, desta forma, condições indicativas do grau de respeito dedicado à criança como indivíduo. Do mesmo modo, considerações verbais sobre as manipulações em andamento, feitas pelo adulto que cuida da criança, podem ajudar a manter sua segurança e confiança, indispensáveis tanto para a qualidade da relação da díade, quanto para o desenvolvimento emocional da criança, que pode enfrentar uma situação desagradável contanto com o apoio do adulto, e não tendo que vencer, sozinho, e com poucos recursos, as situações menos agradáveis, porém necessárias, que este impõe.

No caso da Cuidadora 2, em particular, a baixa freqüência de apresentação deste tipo de oportunidade, durante todo o estudo, representa bem o que pode ser notado a

partir do exame das filmagens: uma manipulação em geral automática, apressada, de quem cumpre uma tarefa específica de higiene, com pouca afetividade e exploração da situação como oportunidade de convivência e educação. Embora alguma mudança seja percebida após a etapa 2 de intervenção, tratou-se ainda de um aumento de frequência excessivamente pequeno e não permanente, no aspecto das manipulações, ainda que, em alguns outros aspectos, não examinados especificamente neste trabalho, tenha sido possível identificar o surgimento de alguns comportamentos indicativos de maior afetividade e oportunidades de interação desta Cuidadora com a criança banhada (tais como permanecer brincando com a criança, apresentar perguntas, solicitar participação na atividade do banho), com o andamento do programa. Estes comportamentos aparecem principalmente na Cuidadora 2, no dia de observação número 7, imediatamente após a etapa de intervenção 2, quando ela inicia a apresentação de condutas de nomear partes do corpo e a criança e obter respostas da criança. Para a Cuidadora 1, algumas atividades e interações que indicam maior afetividade durante o banho aparecem na linha de base, ainda que com uma topografia aparentemente exagerada, mas também aparecem, depois de apresentar queda de frequência de avisos após etapa de intervenção 2, de forma menos exagerada, comportamentos como rir da criança, solicitar sua participação e apresentar perguntas. No caso da Cuidadora 1, ainda que esta apresente uma frequência um pouco maior de ocorrência de avisos ou comentários sobre manipulações, esta é ainda muito baixa e, em muitas situações, inclusive do tipo que coloca a criança em uma situação desagradável e que gera nela reações de insegurança e temor (reações motoras típicas de susto e choro), nenhuma verbalização relativa a isto, principalmente do tipo antecipação, preparo ou manutenção de um nível satisfatório de disposição, é observada. Por vezes, a observação destas

situações sugere um propósito específico de surpreender a criança, deixando de preveni-la sobre algo a que ela não reage de acordo com o desejo da Cuidadora, o que pode se justificar pela história anterior de banhos desta criança pela profissional – ou relatados pela família ou colegas. De uma certa forma, poderiam ser entendidos como comportamentos de esquiva (Sidman, 1995) da Cuidadora em relação às reações da criança, o que pode ser compreendido, mas não justificado, dadas as conseqüências deste tipo de conduta para a criança, neste caso.

Cuidadoras como agentes de ensino: nomear criança e partes do corpo na situação de banho

Cuidar e educar são condutas diferentes e complementares na educação infantil, sendo ambas necessárias e importantes pela fase do desenvolvimento em que a criança se encontra. Neste sentido, cada indivíduo com quem ela convive, incluídas aí as “cuidadoras” que assumem o papel das mães (ou responsáveis), bem como as próprias mães, são agentes educativos. Segundo as Referências Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), para a criança até 06 anos, educar significa “propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural”. O cuidar deve ser compreendido como parte integrante da educação, e sua base é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano, e implica em procedimentos específicos. “O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados

com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados”.

Cortegoso (1994), ao explicitar as suposições presentes em seu trabalho relativo a uma agência de atendimento educacional, de natureza complementar à escola, destinada a crianças e jovens, propõe e examina um conceito de agente educativo que corresponde ao que é entendido como papel das cuidadoras, neste estudo. Segundo a autora, a palavra agente destaca o papel ativo da influência que é exercida por alguém, em relação à educação de outra pessoa, podendo ser considerado agente todo aquele que, por meio de sua conduta, cria condições de aprendizagem para outrem. Ainda segundo a autora, importa para a definição de quem tem ou pode ter este papel, a sistematicidade com que as oportunidades de interação se apresentam, muito mais do que a intencionalidade destas ações e a formalidade das situações de interação. Para a autora, podem ser considerados agentes educativos “todos aqueles indivíduos que se comportam de modo a estabelecer condições eficazes de aprendizagem, de forma sistemática, para outros indivíduos”. E esclarece, baseando-se nas considerações de Skinner (1972), que como condições de ensino devem ser compreendidos os "arranjos das contingências de reforço que aceleram a aprendizagem" e que representam a função do ensino para este autor. Nas palavras de Cortegoso (1994) são agentes educativos

“pais, irmãos, familiares com quem a criança convive sistematicamente, auxiliares domésticos, professores, profissionais (psicólogos, médicos, dentistas etc) com os quais a criança interaja com regularidade, amigos e colegas, funcionários de agências que a criança freqüente são, pelo menos potencialmente, agentes educativos. Não necessariamente bons agentes educativos e, muito freqüentemente, desconhecedores dessa sua condição e despreparados para desincumbir-se bem de seu papel. A natureza e as propriedades das relações que efetivamente estabelecem com crianças e suas aprendizagens é que definem essa condição numa situação concreta.” (pg 54).

No caso da criança de faixa etária correspondente à considerada neste estudo, esta situação não é diferente, e talvez seja ainda mais importante a ação de agentes educativos, considerando o grau de vulnerabilidade desta população, de sua dependência em relação aos adultos com quem convive, para sobreviver e para aprender. Nesta fase, aprendizagens fundamentais precisam ocorrer, e requerem facilitação por parte dos adultos que têm a responsabilidade de cuidar destas crianças. A aquisição da marcha, por exemplo, requer consciência corporal, e sua relação com o espaço, tanto para segurança como para condições da exploração do ambiente. A consciência corporal pode ser estimulada pela nomeação de partes do corpo e da criança, e os avisos de manipulação vão sintonizando as ações com a criança no ambiente. Por exemplo: “vamos ficar em pé para lavar as costas?”; neste exemplo, aparece a sinalização de alteração de posição da criança em relação ao ambiente, nomeando o toque de objetos que serão memorizados pela criança.

Ao discutir as influências externas decorrentes das experiências que o meio oferece ao bebê, Mazet & Stoleru (1990) afirmam que a maturação pode ser modificada pelos estímulos, que devem ser considerados nas principais mudanças desta fase: locomoção, desenvolvimento cognitivo e emocional. Daí a importância do papel educacional, além do cuidar, para o profissional das creches e escolas de educação infantil. É ele quem, mais do que qualquer outro aspecto do ambiente com o qual a criança que frequenta a creche, pode facilitar ou dificultar este processo, por meio de suas condutas – ou omissões.

A aquisição da linguagem, marca fundamental do ser humano, e que tem nesta etapa um papel inestimável, pode ser otimizada pela oportunidade da criança vivenciar sua identidade no próprio nome e também uma integração cognitiva-motora, na conduta

de nomear partes do corpo. Fazer uso de canções para nomear partes do corpo, por exemplo, une oportunidades de integração e vivência de ritmo, tão importante na observação psicomotora (Le Boulch, 1982).

Contribuições e limitações do programa de ensino para a promoção de condutas de cuidadores de bebês

Responder à pergunta sobre o impacto da exposição ao programa de ensino proposto sobre o desempenho de cuidadoras de bebês em creches exigiu escolhas que, por sua vez, impuseram limitações aos próprios resultados. O programa do qual foi derivado este utilizado no presente estudo, tem outras características, não estudadas especificamente nesta oportunidade. Algumas delas, possivelmente responsáveis por diferenças alcançadas em outras oportunidades de desenvolvimento de atividades de ensino para cuidadoras e nesta, e que deverão merecer atenção, tanto para buscar compreender os resultados alcançados, quanto para produzir novos estudos e melhores intervenções.

O programa a que foram submetidas as cuidadoras, nesta oportunidade, parece ter produzido certos tipos de impacto no desempenho das participantes, de modo geral positivo no que se refere ao conhecimento disponível sobre desenvolvimento infantil, e apesar das limitações de indicadores utilizados para caracterizar o desempenho das profissionais – em função de decisões metodológicas (indicadores selecionados, situação de observação escolhida etc) e de imprevistos impostos por acontecimentos fora de controle da pesquisadora (interferências nas situações de observação, influência de variáveis intervenientes relacionadas a expectativas etc). Além das mudanças já indicadas, em termos das condutas tomadas para análise sistemática, parece possível afirmar que a exposição ao programa teve um papel importante no sentido de alertar as

cuidadoras para condutas e necessidades que podem favorecer o desenvolvimento da criança, expressas não apenas nestas condutas, mas em mudanças no padrão de interação com a criança, principalmente da Cuidadora 2, que parece “ter despertado” para as crianças, e demonstrado, por sorrisos, leveza de fala e de gestos, um “encantamento” com sua condição de cuidadora que não estava presente em etapas iniciais do estudo, ainda que isto possa ser atribuído, eventualmente, a uma familiarização com a situação de observação.

De um modo geral, e particularmente no caso de uso das canções, os resultados obtidos, tanto para a Cuidadora 1 quanto da Cuidadora 2, e particularmente nesta última, põem ser considerados pequenos, particularmente quando comparados a situações informais anteriores de aplicação do programa a cuidadoras, em situações de intervenção profissional conduzidas pela pesquisadora. Fatores como dificuldades para memorizar canções, para dominar sua utilização e adaptação a situações específicas, parecem ter estado presentes no caso das cuidadoras observadas.

Dentre os aspectos que podem ajudar a compreender estes resultados obtidos no estudo, existe a possibilidade de que a sua aplicação de forma individual seja pelo menos parcialmente responsável por levar a resultados diferentes daqueles observados em situações de aplicação coletivas, usualmente utilizadas pela pesquisadora em intervenções junto a esta população. Em casos de desenvolvimento do programa por meio de encontros individuais, fica dificultada a realização de atividades que levem a maior entusiasmo, descontração, ficando prejudicado, aí, o aspecto motivacional do programa, freqüentemente notado nestas situações. Entre os aspectos favoráveis que são usuais no desenvolvimento do programa para grupos, está a colaboração e divisão de tarefas entre as Cuidadoras, para memorização das canções, informações e atividades.

Nestes casos, há uma maior possibilidade de treino, as pessoas ficam mais à vontade para cantar – e também para errar, ao poder contar com uma audiência tão despreparada quanto cada uma se sente para isto. Esta pode ter sido uma das principais limitações do próprio programa como instrumento de intervenção.

As canções do programa utilizadas pela Cuidadora 1 apresentam oportunidades de nomear partes do corpo e nomear a criança. Como parte do programa, foram apresentadas duas canções em que ocorrem avisos sobre manipulações que vão ser feitas em uma situação como a de banho (Apêndice 2, canção 3 - Banho do Neném - e 9 - Cantando no chuveiro). As cuidadoras foram, nestas oportunidades, instruídas para um uso adaptado destas canções, por exemplo, adequando a seqüência dos avisos à seqüência de manipulações a que estivessem sendo realizadas. Para a execução desta tarefa, contudo, é preciso dominar a canção, as letras precisam estar memorizadas, possibilitando assim um certo improviso, modificando a canção para o uso na atividade desejada, o que despende tempo maior e necessidade de maiores exigências no aprendizado de cantar. Adaptar canções é uma tarefa mais complexa, e talvez por este motivo elas não tenham sido utilizadas como forma de garantir avisos de manipulação, de modo diverso do que aconteceu com condutas de nomear partes do corpo e a criança, que chegaram a ser utilizadas pelas duas cuidadoras. Por experiência da pesquisadora, o programa aplicado em grupo apresenta maior ocorrência no uso deste tipo de canção, pois são várias pessoas de uma mesma creche, ou até mesmo de uma mesma sala de aula dividindo a atividade ensinada. Desenvolver adaptação de condições de ensino, em situações que envolvem música, não é um comportamento simples, e precisa ser especificamente ensinado, como demonstra o trabalho de Joly (2000), que desenvolveu

e investigou um programa para ensinar este tipo de comportamento para professores de crianças, no âmbito da musicalização infantil.

Impacto da exposição ao programa de ensino: outros indicadores

Ao examinar as filmagens realizadas para coleta de dados, e considerando os objetivos pretendidos, em termos de condutas de cuidadoras ao lidar com bebês, foi possível identificar outros indicadores, não examinados sistematicamente neste estudo, que indicam mudanças comportamentais relevantes das cuidadoras. Diferente do que foi possível observar inicialmente no estudo, diante de manifestações das crianças, tais como nomear partes do corpo, possivelmente decorrentes de aprendizagens recentes destas crianças, e também, possivelmente relacionadas a comportamentos das cuidadoras intensificados ou aprimorados no período do estudo, foi possível notar, também, reações de entusiasmo das cuidadoras, como risos e apresentação de conseqüências positivas para os comportamentos verbais das crianças, na forma de solicitação de perguntas que levavam à repetição de partes nomeadas. Começaram a aparecer, também, a partir de determinado momento do estudo, períodos dispensados para brincar com a criança durante o banho, principalmente por parte da Cuidadora 2, que não havia apresentado esta conduta durante a etapa de linha de base. No caso desta mesma cuidadora, houve ainda um aumento geral no nível de comunicação com a criança; nos banhos observados em linha de base, ela permanecia a maior parte do tempo em silêncio, e este silêncio foi substituído por uma reação que sugeria estar ocorrendo, com a expressão da criança, um evidente prazer de descoberta, por parte da cuidadora, de seu poder de ensinar. Uma contingência de reforçamento positivo (Sidman, 1995, entre outros) parece ter se estabelecido para certos comportamentos da

cuidadora em relação à criança, na direção dos objetivos pretendidos em termos de favorecimento de aprendizagem e atendimento a necessidades para o desenvolvimento da criança.

Relações entre condutas ao lidar com o bebê: o quê e como cantar? o quê e como dizer?

Independentemente de ter sido eficaz para levar as cuidadoras a cantar – canções apresentadas no decorrer do programa de ensino ou outras – o programa parece ter sido eficaz como estímulo para alteração do padrão de desempenho verbal das cuidadoras ao desenvolver cuidado com os bebês. No caso da Cuidadora 2, por exemplo, embora quase não tenha feito uso de canções – nem do programa, nem outras – foi possível observar um aprimoramento de seu comportamento verbal, passando a apresentar uma linguagem mais apropriada para interagir com o bebê na situação de banho: manifestou-se de forma mais afetiva, conversou mais, de assuntos do contexto – banho e nomeações da criança e seu corpo, e brincou com a criança em vários momentos após a etapa de intervenção 2.

As canções oferecidas no programa de intervenção não apresentam somente possibilidade de substituir condutas (Apêndice 2), mas também representam propostas de contato e brincadeiras com a criança, com o objetivo de tornar um momento de higiene uma oportunidade de troca, lazer, toque, estímulo de linguagem, e aprendizado musical. Aspectos como estes foram, ainda que assistematicamente, observados. Desenvolver tais propriedades em comportamentos diversos ao lidar com bebês requer, no mínimo, um tempo maior de treino do que aquele que foi oferecido às cuidadoras, o que indica como promissora a constatação de que, ainda que de forma incipiente, o contato com o programa possibilitou o aparecimento de condutas de interesse no atendimento a bebês que freqüentam creches – e possivelmente não só para estes, ainda

que particularmente para estes, que já podem se deparar com prejuízos por sua condição de afastamento da mãe.

Embora o uso de canções como facilitador para lidar com bebês seja relevante, e isto tenha acontecido, ainda que em pequeno grau, em situações observadas, o uso de uma única canção, de forma repetitiva, tal como utilizado pela Cuidadora 1 para nomear partes do corpo e nomear a criança em uma situação de banho, também não é desejável. O automatismo na apresentação de canções, com repetições contínuas e, eventualmente, sob controle de uma regra e não da função que esta regra tem, pode se tornar muito mais uma tortura para a criança e mesmo para a cuidadora do que em uma oportunidade de aprimoramento comportamental e de interação. Para ser adequado, o cantar deve apresentar certas propriedades, tais como: usar a canção adequada ao contexto, usar voz suave em volume apropriado, dominar a letra e a melodia da canção, apresentar variações de repertório para não ficar repetitivo. O mesmo se aplica a propriedades de condutas como nomear a criança, que, em uma situação, foi nomeada seguidamente pela cuidadora, com mais de 20 repetições, sendo necessário que as propriedades da conduta da cuidadora mantenham uma relação de funcionalidade, considerando os objetivos pretendidos junto à criança.

Esta questão remete à necessidade de considerar que, neste estudo, foram tomados como indicadores de desempenho, classes de respostas, muito mais do que classes de comportamentos, uma vez que, para fazer referência a comportamentos, seria necessário defini-los em termos não apenas das respostas de interesse, mas das condições diante das quais estas respostas são oportunas, desejáveis, necessárias etc., e dos resultados, produtos e efeitos que devem gerar (Botomé, 1980 entre outros), remetendo, neste caso, ao impacto efetivo das ações das cuidadoras sobre a criança, em

termos biológicos, emocionais, comportamentais etc. Esta constitui uma lacuna do presente trabalho, a ser corrigida por mais e melhor produção de conhecimento, em oportunidades futuras.

O papel da canção como facilitadora de condutas humanas: possibilidades e limites

O cantar é um estímulo que carrega várias propriedades; ao utilizar melodia e ritmo como uma linguagem de acesso à criança, em canções contextualizadas, podem ser produzidas oportunidades de aprendizagem e de troca e proximidade entre cuidador e criança, que podem ajudar a criança a superar suas dificuldades de estar distante da mãe neste período da sua vida. O bebê percebe as propriedades musicais muito precocemente (Mazet & Stoleru 1990), o que torna o cantar uma linguagem familiar, que pode transformar-se em dado de segurança para a criança. Nas brincadeiras cantadas, onde ritmo e afetividade estão unidos, a forma como é vivida a relação com a outra pessoa é de estímulo ao movimento espontâneo, e por conseqüência, favorável ao desenvolvimento psicomotor (Le Boulch, 1982).

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998), fica evidente a necessidade e importância do uso de canções para crianças de zero a três anos, quando este uso é apontado no documento citado como favorecedor de interação e resposta dos bebês, sendo relevante brincar, dançar e cantar com as crianças, levando em conta suas necessidades de contato corporal e vínculos afetivos.

Quanto ao uso de canções com a criança pequena na educação especial, várias são as oportunidades para verificar sua relevância. Ao definir aspectos que podem estar relacionados à maior incidência de deficiência mental, Vitor da Fonseca (1995) enumera variáveis comuns encontradas em pesquisas, entre elas estão o pouco tempo de

integração pessoal mãe-filho, adulto-criança e ausência de cuidados maternos. O mesmo autor afirma, neste sentido, a importância da intervenção precoce, visto que as crianças aprendem mais fácil e rapidamente nos primeiros momentos do desenvolvimento, já que o cérebro humano cresce 90% desde o nascimento até os cinco anos, daí o papel crucial que representa a estimulação no plano afetivo e cognitivo que as trocas no uso de canções adequadas pode imprimir. Segundo Birkenshaw-Fleming (1993), a música pode também ser uma fonte de contato com o mundo exterior, considerando que o cantar (ou tocar em grupos) proporciona oportunidades para interação social. E continua: *“Cantar é uma importante atividade social. Cantar proporciona uma evasão emocional eficaz, melhora a produção do discurso e pode ser um veículo para o aprendizado. Para crianças pequenas (e para outras também) quase todo tipo de informação pode ser ensinado através de música, por exemplo, números, cores, dias da semana, e habilidades de autoconhecimento e segurança.”*

O alcance da música pode ser observado nas diversas necessidades especiais (Birkenshaw-Fleming,1993): pessoas portadoras de deficiência mental são freqüentemente muito interessadas em estudar música e fazer parte de atividades musicais. Elas amam cantar, tocar instrumentos e dançar, e muitas se tornam competentes nisso. O sucesso nessas atividades desenvolve um senso de autoconfiança e realização que freqüentemente não podem ser obtidas de qualquer outra maneira.

A frustração sentida no caso de deficientes visuais é freqüentemente expressada por raiva. Este fato somado a inabilidade de detectar comunicação não verbal (um sorriso ou expressão facial) pode conduzir ao fracasso em situações sociais. Neste caso também o contato com a música é eficiente porque é uma atividade muito social. Pode ajudar pessoas com deficiência visual a relacionarem-se de maneira positiva com as

outras. Birkenshaw considera o cantar como uma maravilhosa forma para expressar as emoções, e conclui que uma habilidade para tocar um instrumento ou cantar bem pode ser uma ponte para o mundo visual.

Para os deficientes auditivos, Birkenshaw (1993) afirma que a música pode desenvolver habilidades auditivas, e encoraja a aquisição de linguagem; cantando letras de músicas e dizendo poesias em voz alta o aluno pratica inflexões e ritmos de discurso, e o canto ajuda a desenvolver o controle da respiração, a fala e linguagem.

Muitos autistas amam ouvir música e respondem bem a atividades musicais uma vez que a timidez e o medo iniciais são vencidos, porque a música é não verbal e impessoal, e por isso ela pode ser percebida pela criança como uma atividade não ameaçadora (Birkenshaw,1993). Algumas pessoas com autismo têm demonstrado uma incrível habilidade para tocar piano ou outros instrumentos de ouvido e podem reproduzir melodias e acompanhamentos após uma única audição. A música parece ser eficaz fazendo contato e inicializando a comunicação. Algumas vezes cantar um comando ao invés de dizer proporcionará outros acessos ao cérebro, e resultará numa resposta apropriada. Para Birkenshaw (1993) a música pode ser uma fonte de conforto e aprendizado para todas as crianças com necessidades especiais, principalmente na medida em que vão se desenvolvendo. “Tocar um instrumento ou ouvir uma música ajudará a melhorar a qualidade de vida de todas essas pessoas”.

Para o cuidador, a música pode vir como elemento facilitador nas atividades com a criança; porém, o exame de dados relativos ao uso de canções pelas cuidadoras deste estudo, evidenciou o pouco uso que foi feito desta atividade por elas. Talvez isto se deva a ausência ou insuficiência de aprendizagem de música na vida dessas pessoas, o que as torna pouco preparadas para até mesmo notar efeitos que a música pode ter sobre

os outros e sobre elas mesmas. A situação observada (banho) requer uma ordem que se repete sempre do mesmo modo, limitando a introdução de novos recursos, inclusive a música. O tempo do estudo, do programa apresentado, somado ao pouco tempo de dedicação para memorização das letras podem ter sido outros aspectos determinantes no pouco uso das músicas pelas cuidadoras. Porém, as mudanças observadas podem ser consideradas importantes; no caso da Cuidadora 1, por exemplo, que fazia uso de um repertório fora de contexto com o único objetivo de distrair a criança, ao adotar canções do programa, apesar do uso não ter sido feito de forma totalmente apropriada por repetir muitas vezes a mesma canção, merece destaque a adequação do contexto abordado a cada ação do procedimento. A Cuidadora 2, ainda que em frequência baixa, passou a fazer uso de canções do contexto somente no fim do estudo, quando no início não apresentava repertório nenhum neste sentido.

Perspectivas para o desenvolvimento de atividades de ensino para cuidadores de bebês

Embora os dados obtidos acerca do desempenho das Cuidadoras indiquem mudanças no repertório comportamental destas profissionais que podem ser relacionados à exposição ao programa, e pareçam existir relações entre estas mudanças comportamentais e as diferentes etapas de exposição, estas mudanças mostraram-se, em geral, ainda restritas se consideradas as potencialidades existentes no conhecimento e uso de canções como recurso para cuidadores adultos lidarem com bebês. Tais mudanças foram, ainda, pouco estáveis, de um modo geral.

Constituem possíveis aspectos a aprimorar no programa, ainda que demandem investigações específicas sobre seus impactos sobre o repertório de cuidadoras de bebês

em creches, 1) a oferta de mais oportunidades de treino das canções, de modo que os aprendizes possam estar, de fato, com o domínio das canções, 2) a demonstração de uso das canções em situações práticas, de modo que os aprendizes possam observar as possibilidades de aplicação das canções associadas a suas atividades corriqueiras, 3) acompanhamento de situações em que a cuidadora realize atividades com crianças e possa receber conseqüências específicas para suas condutas (treino em serviço), 4) desenvolvimento de atividades de ensino com a presença de mais cuidadores, que possam auxiliar no processo de aprendizagem das canções.

Os benefícios possíveis no aprimoramento dos aspectos descritos, no primeiro item, por exemplo, que permitiria o domínio das canções apresentadas, seria a utilização mais freqüente, com repertório mais diversificado, o que proporcionaria maiores oportunidades de aprendizagem e comunicação, podendo facilitar nos cuidados dispensados às crianças. Caso as cuidadoras, ao adquirirem domínio do repertório de canções que favorecem os avisos do que está acontecendo ou vai acontecer com a criança, tivessem feito uso dessas músicas, haveria um aumento na freqüência de oportunidades de troca e comunicação, podendo assim acontecer maiores oportunidades de aprendizagem, tanto de vocabulário como de conceitos musicais, e redução de situações de insegurança por parte da criança.

Um outro aspecto indicado como possível favorecedor do uso de canções pelas cuidadoras, que seria incluir demonstração do uso das canções em situações práticas, como parte de um treino em serviço, propiciaria o uso de várias técnicas de aprendizagem de música para as cuidadoras, e haveria um investimento maior na atividade de adequação de repertório. Mais tempo, com mais técnicas de ensino de

música para as cuidadoras, poderia construir um conceito de importância da música que não pareceu presente neste estudo por parte delas.

O treino em serviço pode trazer as mesmas contribuições até aqui descritas, e também a oportunidade da cuidadora fazer uso de música em outras situações que não a observada (banho) onde a criança e o cuidador ficam restritos em um único ambiente, impedindo, por exemplo, a movimentação da criança, situação ótima para a vivência musical, conforme Aronoff (1969), além de surgirem mais momentos de troca e oportunidades de comunicação.

O trabalho em grupo na atividade musical pode contribuir tanto para o domínio do repertório, quanto mobilizar mais o envolvimento dos participantes. A importância do contato e uso da música na vida profissional das cuidadoras seria mais um benefício alcançado, promovendo mais condutas desejáveis para a educação infantil.

Perspectivas para produção de conhecimento a partir dos resultados alcançados neste estudo

Apenas alguns dos aspectos contidos em um programa de ensino destinado a capacitar cuidadores a lidar com bebês, tendo como recurso central a música, que vem sendo desenvolvido pela pesquisadora, foram destacadas e investigados neste estudo. A apresentação de canções especialmente construídas com base no conhecimento sobre temas e necessidades próprias de bebês e um treino preliminar para familiarização com as canções, a apresentação e discussão de conceitos relativos ao desenvolvimento infantil e às necessidades de bebês de até três anos que frequentam creches, a apresentação de informações e instruções relativas ao cuidado consigo mesma ao lidar com bebês, por parte de cuidadores, foram os aspectos destacados e, em algum grau,

examinados quanto ao impacto que poderiam apresentar no desempenho destas pessoas em situações práticas. Outros aspectos do programa, relacionados mais diretamente a aspectos motivacionais, particularmente a possibilidade de abordar estes assuntos de forma coletiva, com os aprendizes partilhando tanto suas experiências e dificuldades, quanto as tarefas de uma nova aprendizagem, deixaram de ser examinados, e podem constituir um diferencial em termos de condições de ensino.

Da mesma forma, não foram examinados, neste estudo, de forma sistemática, aspectos das condições de ensino apresentadas que podem ter sido relevantes para os resultados alcançados. Um exame sistemático do desempenho da pesquisadora nas etapas de intervenção, por meio de filmagens, por exemplo, poderia oferecer elementos para melhor caracterizar estas condições e para avaliar sua adequação e suficiência para promover as aprendizagens pretendidas, e apontar possibilidades que não tenham sido efetivamente exploradas.

Do ponto de vista da construção do programa, uma identificação e caracterização mais completa das competências desejadas por parte dos aprendizes do programa, em termos de relações comportamentais, podem constituir tanto condição para promover melhoras no programa de ensino, quanto objeto de estudo, de forma a constituir uma base mais sólida sobre a qual propor e implementar condições de ensino. Neste sentido, a programação de ensino, tal como utilizada em estudos como de Joly (2000), Frisanco (2001) etc, parece constituir uma importante tecnologia, também no âmbito do desenvolvimento de comportamentos relacionados à produção e uso da arte.

Constituem, ainda aspectos que parecem merecer investigação específica, quanto ao papel que desempenham na determinação do sucesso de programas desta natureza para promover competências pretendidas, características e condições dos próprios

aprendizes, em termos de repertório de entrada no programa, história de vida em relação a música, ao trabalho com crianças pequenas, à formação, à motivação para aprender e usar música, etc.

Do mesmo modo, características dos bebês com os quais lidam as cuidadoras podem ser relevantes na determinação de condutas de interesse, tais como as consideradas neste estudo. Embora disponíveis os dados para isso, não foram examinados, neste trabalho, os resultados apresentados pelas cuidadoras com cada uma das crianças, que apresentaram variação não desprezível de idade, dentro da faixa incluída, e que é também, por sua vez, bastante extensa, considerando as diferenças que podem ser observadas de zero aos três anos de idade de uma criança, ou mesmo de 12 a 30 meses, que foi a faixa de idade das crianças que efetivamente participaram do estudo. Variações comportamentais apresentadas pelos bebês em situações de interação com as cuidadoras puderam ser observadas assistematicamente, evidenciando reações diferenciadas à conduta destas cuidadoras e, conseqüentemente, componentes de contingências também diversificadas a que estas cuidadoras ficam expostas ao apresentar estas condutas. Uma análise específica do desempenho de cada cuidadora em relação a cada um dos bebês que participaram do estudo, bem como dos desempenhos destes bebês, considerando condutas como: falar com a criança num volume adequado, sem gritar, aguardar o tempo de conclusão das ações e movimentos da criança, brincar com as crianças, sempre que possível, de forma a promover interações agradáveis, relaxantes e estimulantes para a criança, atentar a necessidades individuais de diferentes crianças presentes no grupo ao cuidar de um grupo de crianças, poderia indicar aspectos relevantes deste processo. Uma listagem completa destas condutas indicadas está

apresentada como lista preliminar de condutas desejáveis de cuidadores de bebês no Apêndice 3.

A escolha, do ponto de vista metodológico, de determinadas condutas das cuidadoras tomadas como indicadores de impacto da exposição ao programa, bem como de situações nas quais tais condutas seriam observadas, deixaram de fora um universo considerável de possibilidades. Considerando apenas as possibilidades de condutas desejáveis de cuidadores de bebês que poderiam sofrer impacto da exposição ao programa identificadas no decorrer deste estudo, é possível notar que tais escolhas podem ter levado a deixar de buscar respostas para as perguntas do estudo em fontes relevantes para tais perguntas.

Da mesma maneira, a opção por obter dados em uma situação de banho, ainda que realizada com base em critérios definidos a partir de exame de várias possibilidades, também excluiu outras alternativas, inclusive algumas que poderiam oferecer mais liberdade de ação e de uso de canções por parte das cuidadoras. Variações nestes aspectos, tanto relativas a outras condutas da cuidadora que poderiam ser afetadas pela participação no programa, quanto situações para observação destas condutas, poderiam constituir oportunidades relevantes para melhor avaliar o potencial do programa de ensino.

Permanece como lacuna, ainda, uma adequada avaliação do impacto de condutas propiciadas pela exposição das cuidadoras ao programa sobre aspectos relevantes do desenvolvimento infantil. Em que medida, ao apresentar as condutas que constituíram foco deste estudo (ou equivalentes, em termos de sua função como facilitadoras do desenvolvimento infantil) efetivamente geram benefícios para os bebês atendidos? Neste sentido, a contribuição deste tipo de intervenção, para a educação infantil em

geral, e especial em particular, permanecem como uma suposição, a ser verificada por meio de mais e mais diversificados estudos que se ocupem da música como condição facilitadora para condutas humanas socialmente significativas.

Aspectos metodológicos: limites e perspectivas

No que diz respeito ao método adotado para o estudo, um aspecto que pode ter interferido na possibilidade de avaliar o impacto da exposição ao programa foi a duração da Linha de Base que nem sempre garantiu estabilidade suficiente para determinar um padrão de desempenho, especialmente considerando a possível interferência gerada pela situação de observação e a importância de reduzir eventuais efeitos da presença da filmadora e de condutas geradas pela influência de expectativas das Cuidadoras sobre o que era esperado de seu desempenho pela pesquisadora.

A situação observada, o banho, ofereceu poucas oportunidades de adaptação e apresentação de aprendizagens eventualmente propiciadas pela exposição ao programa de ensino por parte das cuidadoras, reduzindo talvez sinalizações de mudanças. É possível que a observação de outras condutas, bem como em outros tipos de situações, possibilitasse obter outras informações sobre o impacto do programa sobre a conduta das cuidadoras ao lidar com bebês.

Uma mais precisa avaliação do impacto do programa sobre o desempenho das cuidadoras poderia ser alcançada, ainda, com a diminuição de interferências externas à situação observada, ocorridas nas duas escolas onde foram coletados os dados. A incidência de outras pessoas usando o banheiro onde estavam sendo feitas as filmagens, maior no final do estudo, indicativa de uma maior familiarização do pessoal que trabalha no ambiente com a situação de observação, bem como ruídos externos que, em

alguns momentos, dificultaram inclusive escutar o que era dito pelas cuidadoras, representou um prejuízo em termos dos objetivos do estudo, uma vez que comportamentos verbais da cuidadora podem ser dificultados por interrupções consecutivas, comprometendo uma maior fluência na conduta observada.

Cantar e cuidar: a aprendizagem do elemento musical como desafio

A questão apresentada neste estudo requer aprofundamento, com alterações indicadas no decorrer desta análise, como aspectos referentes ao tempo do programa aplicado para ensinamento e memorização das canções, com aplicações e adaptações em contextos variados, assim como alterações metodológicas pertinentes.

A exposição às condições de ensino que constituíram o programa parece gerar mudanças comportamentais, ainda que de pequena ordem, mas significativas, no desempenho dos cuidadores. Permanece, porém, a necessidade de maior investigação quanto ao seu alcance e possibilidade de manutenção de alterações ocorridas como decorrência do programa.

A importância da música para a criança pequena já é reconhecida há muito. Segundo Aronoff (1969), a música através do movimento proporciona diversas oportunidades de integrar o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Canções adequadas, feitas especificamente para o uso na educação infantil, e aí estão incluídas as crianças de zero a três anos, atuando tanto no âmbito do cuidar como no de educar, e sempre levando em conta as habilidades e necessidades da criança pequena, podem tornar-se um recurso útil para o cuidador, visto que cria oportunidades de troca e aprendizagens, que podem ser desenvolvidas com prazer e de maneira afetiva.

Lembrando que o presente estudo tem como um dos focos importantes a dificuldade que a criança de até três anos que permanece maior parte do tempo em creches ou escolas maternais, sente em estar distante da mãe, propor condutas para o cuidador que propiciam maior interação cuidador-bebê através da música como cantar e brincar pode minimizar esta dificuldade, já que são oportunidades de contato corporal e vínculos afetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aronoff, F. W.**, (1969), La musica y el niño pequeño. Buenos Aires: Ricordi.
- Birkenshaw-Fleming, L.** (1993), Music for all. Toronto: Gordon V. Thompson Music.
- Bogomoletz, D. L.**, Winnicott e a música, sem data, texto manuscrito.
- Botomé, S. P.** (1980) - Objetivos de Ensino, necessidades sociais e tecnologia educacional. Tese de Doutorado: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Bowlby, J.** (1990). Apego, A Natureza do Vínculo. São Paulo: Martins Fontes.
.....(1998). Apego e perda: Separação: angústia e raiva. São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T.B.** (1981). Bebês e Mamães. Rio de Janeiro: Ed.Campus.
- Brasil** (1998), Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental
- Cortegoso, A. L.** (1994) Intervenção como instrumento para conhecer e conhecimento como condição para intervir: administração de relações no atendimento a crianças e jovens. Tese de Doutorado: Programa de Pós Graduação em Psicologia da Educação, PUC-SP.
- Fonseca, V.**(1995). Manual de Observação Psicomotora, Significação Psiconeurológica dos Fatores Psicomotores. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
.....(1995). Educação Especial: Um programa de Estimulação Precoce. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
- Frisanco, M. L.** (2001) Efeitos da capacitação de professores para programar ensino sobre seus comportamentos ao ensinar arte para pessoas portadoras de necessidades educacionais especiais. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós Graduação em Educação Especial, UFSCar.
- Gil, M. S. C. A., & Almeida, N. V. F. A.** (2001) Brincando na creche: programa de atendimento a bebês. – São Carlos: EdUFSCar.
- Joly, I.Z.J.**, (2000) Um processo de supervisão de comportamentos de professores de musicalização infantil para adaptar procedimentos de ensino Tese de Doutorado: Programa de Pós Graduação em Educação, área de Metodologia de Ensino. São Carlos – UFSCar.
- Le Boulch, J.** (1982). O Desenvolvimento Psicomotor do nascimento até 6 anos, a psicocinética na idade pré-escolar. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
- Manoni, M.** (1977) A criança atrasada e a mãe. Lisboa: Moraes Editores.

Mazet, P. & Stoleru, S. (1990) Manual de Psicopatologia do Recém-nascido. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.

Reid, S. (1992) Compreendendo seu filho de 2 anos. Rio de Janeiro: Imago Ed.

Sidman, M. (1995) Coerção e suas implicações – Campinas: Editorial Psy (original 1989).

Skinner, (1972) Tecnologia de ensino

Szejer, M. (1999). Palavras para Nascer. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Trowell, J. (1992) Compreendendo seu filho de 3 anos. Rio de Janeiro: Imago Ed.

Wilheim, J. (1997). O que é Psicologia Pré-Natal. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Winnicott, D.W. (2000) Da pediatria à Psicanálise: obras escolhidas/ por D.W. Winnicott; com uma introdução de Masud M. Khan. Rio de Janeiro: Imago Ed.

ÍNDICE DE GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS.

	Página
Quadro 1. Descrição dos procedimentos correspondentes a cada uma das etapas de intervenção do programa de ensino.....	41
Quadro 2. Procedimentos de manipulação de crianças apresentados pelas Cuidadoras 1 e 2 ao dar banho em crianças nas situações observadas que constituíram unidades de desempenho para efeito de análise.....	43
Quadro 3. Tipos de condutas verbais da cuidadora identificados em situações de banho, selecionados para análise e definições correspondentes.....	45
Tabela 1. Distribuição dos valores obtidos em cálculos de fidedignidade entre observadores independentes para os diferentes aspectos considerados, nas três situações observadas e em média.....	47
Figura 1: Distribuição do número de ocorrências por minuto de manipulação com aviso prévio, simultâneo, subseqüente e sem aviso às crianças na linha de base e diferentes fases, para a Cuidadora 1.....	49
Figura 2: Distribuição do número de ocorrências por minuto de manipulação com aviso prévio, simultâneo, subseqüente e sem aviso às crianças nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 1.....	50
Figura 3: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança, na linha de base e diferentes fases do estudo, para a Cuidadora 1.....	51
Figura 4: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 1.....	52
Figura 5: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança, na linha de base e diferentes fases do estudo, para a Cuidadora 1.....	53
Figura 6: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança, nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 1.....	53
2.4.1 Figura 7: Distribuição do número de ocorrências por minuto de uso de canções de diferentes tipos pela Cuidadora 1 na linha de base e diferentes fases do estudo.....	54
Figura 8: Distribuição do número de ocorrências por minuto de uso de canções de diferentes tipos pela Cuidadora 1, nos diferentes dias de banho considerados no estudo...	55

Figura 9: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança por meio de falas, canções do programa e do contexto, nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 1.....	56
Figura 10: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 1, por meio de falas, de canções do programa, do contexto e a soma destes dados.....	57
Figura 11: Distribuição do número de ocorrências por minuto de manipulação com aviso prévio, simultâneo, subseqüente e sem aviso às crianças na linha de base e diferentes fases, para a Cuidadora 2.....	58
Figura 12: Distribuição do número de ocorrências por minuto de manipulação com aviso prévio, simultâneo, subseqüente e sem aviso às crianças nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 2.....	59
Figura 13: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança, na linha de base e diferentes fases do estudo, para a Cuidadora 2.....	60
Figura 14: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança nos diferentes dias de banho considerados no estudo, a Cuidadora 2.....	61
Figura 15: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança, na linha de base e diferentes fases do estudo, para a Cuidadora 2.....	62
Figura 16: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança, nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 2.....	63
Figura 17: Distribuição do número de ocorrências por minuto de uso de canções de diferentes tipos pela Cuidadora 2 na linha de base e diferentes fases do estudo.....	64
Figura 18: Distribuição do número de ocorrências por minuto de uso de canções de diferentes tipos pela Cuidadora 2, nos diferentes dias de banho considerados no estudo.	65
Figura 19: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear partes do corpo da criança nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 2, por meio de falas, de canções do programa, do contexto e a soma destes dados.....	66
.....	
Figura 20: Distribuição do número de ocorrências por minuto de nomear a criança nos diferentes dias de banho considerados no estudo, para a Cuidadora 2, por meio de falas, de canções do programa, do contexto e a soma destes dados.....	67

APÊNDICE 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
da Instituição na qual será desenvolvido o estudo
**“MÚSICA COMO CONDIÇÃO FAVORECEDORA
DE COMPORTAMENTOS DE
CUIDADORES DE CRIANÇAS EM CRECHES”**

Eu, _____, Diretora deste Colégio, concedo autorização para que Margareth Darezzo, pesquisadora mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), desenvolva, nesta instituição, o estudo “MÚSICA COMO CONDIÇÃO FAVORECEDORA DE COMPORTAMENTOS DE CUIDADORES DE CRIANÇAS EM CRECHES”, que envolve observação e filmagem de situações naturais, bem como intervenção junto a cuidadores que atuam na escola, sob orientação da Profa. Dra. Ana Lucia Cortegoso, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

São Carlos, ____ de _____ de 2003.

Diretora do Colégio

Carta de esclarecimento e Declaração de consentimento do responsável pela criança
participante para realização do estudo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

Programa de Mestrado em Educação Especial

São Carlos, _____ de 2003

Prezado(a) Senhor(a),

Venho, pela presente, solicitar a colaboração de V. Sa. para a realização das atividades de nossa pesquisa “MÚSICA COMO CONDIÇÃO FAVORECEDORA DE COMPORTAMENTOS DE CUIDADORES DE CRIANÇAS EM CRECHES”. Esta pesquisa prevê filmagem, observação e análise de situações de interação entre pessoas que cuidam das crianças e estas crianças, no ambiente escolar. O objetivo da pesquisa é identificar condições que podem ajudar cuidadores no seu trabalho com as crianças. A pesquisadora tem formação em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Especialização em Psicologia Infantil pela Universidade de Taubaté, realiza há vários anos atividades pedagógicas junto a diferentes populações (bebês, crianças e mães) com uso da música, e desenvolve mestrado no Programa de Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, tendo acumulado tanto experiência profissional quanto formação técnica para desenvolver o trabalho que propõe, de forma cuidadosa e ética. Para desenvolvimento deste trabalho, está sob orientação da Profa. Dra. Ana Lucia Cortegoso, da Universidade Federal de São Carlos. A atividade a ser desenvolvida não trará qualquer prejuízo para a criança ou para o cuidador. O presente trabalho só poderá ser realizado com o devido consentimento de V. S.a., conforme “Declaração de Consentimento” (por escrito – em anexo), a qual deverá ser devolvida à instituição o mais rápido possível.

Contando com sua compreensão para o caso, solicito seu consentimento para que seu(sua) filho(a) participe das filmagens necessárias para o desenvolvimento do trabalho. Cabe salientar que será garantido anonimato dos participantes, e que os dados

obtidos serão divulgados apenas e tão somente para finalidades científicas e acadêmicas, sempre garantidas as condições de sigilo sobre a identidade destes participantes. Fica garantido, ainda, acesso dos participantes – e seus responsáveis - aos produtos resultantes deste trabalho, ao final dele e de modo a ser combinado com a instituição.

Colocando-me à disposição para outros esclarecimentos que se façam necessários, subscrevo-me.

Atenciosamente,

Margareth Darezzo

Pesquisadora

Fone : (16) 271 3802

(11) 9407 0282

Dra. Ana Lucia Cortegoso

Orientadora

Termos de Consentimento Livre e Esclarecido
Responsáveis pela criança participante.

EU, _____, declaro permitir que meu(minha) filho(a) _____ participe como VOLUNTÁRIO (A) nas atividades de pesquisa “MÚSICA COMO CONDIÇÃO FAVORECEDORA DE COMPORTAMENTOS DE CUIDADORES DE CRIANÇAS EM CRECHES”, sob responsabilidade da Mestranda Margareth Darezzo e sob orientação da Prof^a. Dra. Ana Lucia Cortegoso do Departamento de Psicologia da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), estando ciente de que os registros relativos a este trabalho de observação serão utilizados dentro dos princípios éticos devidos, sendo utilizados como material de trabalho científico. Estou ciente, ainda, de que a participação do(a) meu(minha) filho(a) terá garantia de anonimato, isto é, que o nome ou qualquer informação que permita sua identificação não será divulgada. Além disso, não terei direito de restringir de maneira alguma o uso dos resultados obtidos, os quais poderão ser divulgados em congressos e publicados em revistas ou livros especializados, desde que meu(minha) filho(a) não seja identificado(a) como participante do estudo, ficando garantido meu direito de interromper, a qualquer momento, esta participação.

São Carlos , ____ de _____ de 2003.

(Assinatura)

Carta de esclarecimento e Declaração de consentimento
do participante/ profissional para realização do estudo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

Programa de Mestrado em Educação Especial

São Carlos, _____ de 2003

Prezado(a) Senhor(a),

Venho, pela presente, solicitar a colaboração de V. Sa. para a realização das atividades de nossa pesquisa “MÚSICA COMO CONDIÇÃO FAVORECEDORA DE COMPORTAMENTOS DE CUIDADORES DE CRIANÇAS EM CRECHES”. Esta pesquisa prevê filmagem, observação e análise de situações de interação entre pessoas que cuidam das crianças e estas crianças, no ambiente escolar. O objetivo da pesquisa é identificar condições que podem ajudar cuidadores no seu trabalho com as crianças. A pesquisadora tem formação em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Especialização em Psicologia Infantil pela Universidade de Taubaté, realiza há vários anos atividades pedagógicas junto a diferentes populações (bebês, crianças e mães) com uso da música, e desenvolve mestrado no Programa de Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, tendo acumulado tanto experiência profissional quanto formação técnica para desenvolver o trabalho que propõe, de forma cuidadosa e ética. Para desenvolvimento deste trabalho, está sob orientação da Profa. Dra. Ana Lucia Cortegoso, da Universidade Federal de São Carlos. A atividade a ser desenvolvida não trará qualquer prejuízo para a criança ou para o cuidador. O presente trabalho só poderá ser realizado com o devido consentimento de V. S.a., conforme “Declaração de Consentimento” (por escrito – em anexo), a qual deverá ser devolvida à instituição o mais rápido possível.

Contando com sua compreensão para o caso, solicito seu consentimento para que participe das filmagens necessárias para o desenvolvimento do trabalho. Cabe salientar

que será garantido anonimato dos participantes, e que os dados obtidos serão divulgados apenas e tão somente para finalidades científicas e acadêmicas, sempre garantidas as condições de sigilo sobre a identidade destes participantes. Fica garantido, ainda, acesso dos participantes – e seus responsáveis - aos produtos resultantes deste trabalho, ao final dele e de modo a ser combinado com a instituição.

Colocando-me à disposição para outros esclarecimentos que se façam necessários, subscrevo-me.

Atenciosamente,

Margareth Darezzo

Pesquisadora

Fone : (16) 271 3802

(11) 9407 0282

Dra. Ana Lucia Cortegoso

Orientadora

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Participante/profissional

EU, _____, declaro que concordo em participar como VOLUNTÁRIO (A) nas atividades de pesquisa “MÚSICA COMO CONDIÇÃO FAVORECEDORA DE COMPORTAMENTOS DE CUIDADORES DE CRIANÇAS EM CRECHES”, sob responsabilidade da Mestranda Margareth Darezzo e sob orientação da Prof^a. Dra. Ana Lucia Cortegoso do Departamento de Psicologia da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), estando ciente de que os registros relativos a este trabalho de observação serão utilizados dentro dos princípios éticos devidos, sendo utilizados como material de trabalho científico. Estou ciente, ainda, de que minha participação terá garantia de anonimato, isto é, que o nome ou qualquer informação que permita minha identificação não será divulgada. Além disso, não terei direito de restringir de maneira alguma o uso dos resultados obtidos, os quais poderão ser divulgados em congressos e publicados em revistas ou livros especializados, desde que eu não seja identificado(a) como participante do estudo, ficando garantido meu direito de interromper, a qualquer momento, esta participação.

São Carlos, ____ de _____ de 2003.

(Assinatura)

APÊNDICE 2

CANÇÕES UTILIZADAS NO PROGRAMA DE ENSINO / INTERVENÇÕES

AUTORIA : MARGARETH DAREZZO

1. De quem é?

Recomendações gerais: usar voz suave, ficar perto do bebê e oferecer-lhe primeiro a brincadeira no colo, tocar cada parte do corpo do bebê que a música pede, estimulando com o tempo à própria criança a tocar-se e esconder brincando com seu corpo.

Esta canção oferece a oportunidade de proximidade com a criança, de nomear partes do corpo estimulando a integração do bebê, e de nomear a própria criança.

Letra da canção	Sugestões de atividades
De quem é este pezinho aqui?	Tocar o pé do bebê, com tranquilidade, e percebendo se ele permite o toque, que deve ser sempre suave;
É da Carolina, é da Carolina	tocar o corpo do bebê, mostrando de quem é o pé
Esconde o pezinho....	esconder com as duas mãos o pé do bebê.
De quem é esta mãozinha aqui?	Repetir a canção tocando as outras partes do corpo do bebê. (retomar a brincadeira com a outra mão e assim por diante)

2. Este é o meu pé

Esta canção oferece a oportunidade de proximidade com a criança, de nomear partes do corpo estimulando a integração do bebê com toque, e de nomear a própria criança.

Letra da canção	Sugestões de atividades
Este é o meu pé	Tocar o pé da criança, tocar o dedo do pé e
Ele tem dedão	brincar de sentir o cheiro do pé do bebê.
Mas chulé	
Ele não tem não	
Este é o outro pé...	
Esta é minha mão	Tocar a mão da criança e depois mostrar
Ele tem dedinhos	com a própria mão os movimentos de asas
E eu faço um passarinho....esta é a outra	de passarinho.
mão...	.

3. Banho do Neném

Com voz suave, mostrar a água antes de colocar a criança na água. Aqui está uma sugestão de ordem de banho, que pode ser mudada, usando-a como a educadora quiser. Esta canção oferece condições de tranquilidade e segurança para a criança que vai sendo avisada de tudo o que está acontecendo ou vai acontecer.

I. Pés na água, mãozinhas também

O que está acontecendo?

É o banho do neném.

Pés na água, mãozinhas também

O que está acontecendo?

É o banho do neném.

Água boa pra uma pele delicada,

Sabonete, para perfumar.

Água boa pra uma pele delicada,

Sabonete, para perfumar.

Agora é hora de entrar,

Banheira e água pra lavar.

II. Lava o rosto e os cabelos também,

Agora é o pescoço

E o corpinho do meu bem.

Lava o rosto e os cabelos também,

Agora é o pescoço

E o corpinho do meu bem.

Água boa pra uma pele delicada

Sabonete, para perfumar.

Água boa pra uma pele delicada

Sabonete para perfumar.

Agora é hora de brincar

Tranquilidade pra lavar.

III. Lava os braços, pés e pernas também

Enxágua com água

Do banho do neném.

Lava os braços, pés e pernas também

Enxágua com água

Do banho do neném.

Água boa pra uma pele delicada

Sabonete, para perfumar.

Água boa pra uma pele delicada

Sabonete, para perfumar.

Agora é hora de virar

Tranquilidade pra lavar.

IV. Lava a nuca e as costas também

Lava com carinho

O bumbum do meu neném.

Lava a nuca e as costas também

Lava com carinho

O bumbum do meu neném.

Água boa pra uma pele delicada

Sabonete, para perfumar.

Água boa pra uma pele delicada

Sabonete, para perfumar.

Agora é hora de enxugar

Tudo macio pra te agradar...

_ Ai! Que bebê cheiroso!!!!

4. Este seu olhar

Esta canção oferece a oportunidade de proximidade com a criança, de toque e de nomear a própria criança. Na melodia existe a intenção de remeter ao bebê a propriedade do som que a criança reconhece desde a gestação, que é uma variação grave/agudo bem perceptível.

O sorriso social é mencionado: esperado pelo cuidador, o sorriso vem reforçar a comunicação.

Letra da canção	Sugestões de atividades
Cadê o bebê Mais lindo que eu já vi Vai dar uma risadinha Para mim, vai sim! Fabio, é o Fabio É o Fabio, é o Fabio. Felipe, Felipe, Felipe, é o Felipe. Este seu olhar, quando encontra o meu...	com o bebê no colo, cantar com voz suave, olhando nos olhos do bebê, e tocando no seu corpo a cada vez que falar o nome dele. (dois exemplos de nomes) Aproximar-se do rosto do bebê.

5. É bom fazer massagem

Recomendações gerais: usar voz suave, ficar perto do bebê e oferecer-lhe colo, e depois tocar cada parte do corpo do bebê que a música pede.

Esta canção oferece a oportunidade de proximidade com a criança, de nomear partes do corpo estimulando a integração do bebê, e de nomear a própria criança.

Letra da canção	Sugestões de atividades
Com o braço do João	tocar o braço do bebê, com tranquilidade, e percebendo se ele permite o toque, que deve ser sempre suave
Eu gosto de brincar	brincar com os dedos andando pelo braço da criança
É bom fazer massagem	acariciar com a palma da mão, como se fosse massagem
E este braço relaxar	balançar o braço do bebê suavemente
Com o outro braço do João	(retomar a brincadeira com o outro braço
Com a perna do João... Com a outra perna do João	

6. Patinhas! (parlenda)

Esta parlenda oferece a oportunidade de proximidade com a criança e toque.

Parlenda	Sugestões de atividades
O gato, o pato. Galinha e jacaré!	A criança senta de costas para o cuidador, que toca as costas da criança imitando as patas dos animais mencionados.
A pulga, o rato Minhoca não tem pé!	

7. Sobe a serra

Esta canção oferece a oportunidade de proximidade com a criança e toque.

Letra da canção	Sugestões de atividades
Sobe, sobe a serra sobe lá no topo dela! Como a vista é bela desce, desce, desce a serra.	Brincar com os dedos andando pelo corpo da criança em pé, indo dos pés à cabeça e voltando, junto com a letra da canção.

8. Balanço gostoso (parlenda)

Esta parlenda oferece a oportunidade de proximidade com a criança, vivência de ritmo e estímulo de afeto.

Parlenda	Sugestões de atividades
Balança, balança... prá lá e prá cá na hora da dança quem vai me tirar. Balanço gostoso Que o vento me deu Balança, balança Só você e eu.	Com a criança no colo, balançar suavemente com movimentos de valsa, com um abraço afetuoso no final.

9. Cantando no chuveiro

Esta canção oferece a oportunidade de nomear partes do corpo estimulando a integração do bebê e estimula a respiração profunda que exercita aparelho respiratório utilizado para a fala.

Letra da canção	Sugestões de atividades
Cantando no chuveiro tomo um banho gostoso, Vou lavando o meu cabelo pra ficar limpo e cheiroso.....	Usar a canção no banho, cantando e nomeando cada parte do corpo que for lavar. Ao final de cada estrofe, inspirar como se sentisse o perfume.

10. Anda a formiga (Parlenda)

Esta parlenda oferece a oportunidade de proximidade com a criança e toque.

Letra da canção	Sugestões de atividades
Pelo braço da Maria, anda a formiga Pula do ombro lá pro pé Agora é a pulga, Voa do pé lá pra cabeça, Lá vem mosquito, Pelo braço da Maria, Anda a formiga!	Tocar o braço da criança caminhando com os dedos, e fazer o caminho que a canção diz. .

11. Não falo dessa não

Esta canção oportunidade para a criança brincar com a linguagem, estimulando a dicção nas palavras repetidas e estimulando a fala e a comunicação com o educador.

Letra da canção	Sugestões de atividades
Pata, pata, É a que bota ovo? Não falo dessa, não, É da pata do cachorro. Canto, canto, É o canto da sala? Não falo desse, não, É a música da fala, lá, lá, lá, lá, lá, lá... Mente, mente, É enganação? Não falo dessa, não É a da imaginação....	Fazer o gestual da letra, dando ênfase à dicção com ritmo.

12. Buá, buá

Esta parlenda oferece a oportunidade de proximidade com a criança e toque, e brincadeiras com os sons do bebê.

Letra da canção	Sugestões de atividades
Buá, buá, bebê já vai chorar	Fazer o gestual da letra, brincando com a métrica da canção nos movimentos.
Ué, ué, não sei o que ele quer	
Ele quer mamar, ele quer papar	Fazer menção de cócegas tocando o corpo do bebê.
Ele quer nanar, acho que ele quer brincar	
Quá, quará, quá, quá, quá, quá.	

13. Ouve plá!

Esta canção oferece a oportunidade de proximidade com a criança, toque, vivência de ritmo e percepção dos sons do corpo.

Letra da canção	Sugestões de atividades
Ouve plá, plá plá	Bater na palma da mão, ou oferecer para a criança bater no ritmo das sílabas plá;
Ouve tuc, tuc, tuc	Tocar a cabeça da criança com a mão fechada no ritmo das sílabas tuc;
Ouve rec, rec, rec	Coçar a cabeça do bebê no ritmo das sílabas rec;
Ouve sss, sss, sss	Passar a mão no ouvido suavemente nos sons repetidos de sss.

14. Mané

Esta canção oferece a oportunidade de brincar com a melodia do agudo para o grave, proximidade e toque.

Letra da canção	Sugestões de atividades
<p>Mané desce escada de um jeito diferente. De ponta cabeça ele nem olha pra frente Vai descendo vai girando e chega de repente Mané desce escada de um jeito diferente.</p>	<p>Utilizar as mãos fazendo movimento de descer, acompanhando o som da canção do agudo para o grave, batendo as mãos no chão (ou na cama, ou no colo) no final de cada frase.</p>

NAS CANÇÕES DE NINAR, TRAZER A CRIANÇA PARA PERTO,

PROPORCIANDO UM RELAXAMENTO

As canções de ninar podem ser usadas para relaxamento, toque e proximidade, além de poder levar informações de segurança no texto cantado.

15. Perto de mim

Letra da canção	Sugestões de atividades
Deita aqui perto de mim	Oferecer contato físico para a criança, Acariciando suavemente partes do corpo e também passando a mão no corpo todo do bebê.
Hora de descansar	
Bem tranqüila eu vou ficar	
Hora de descansar.	
Deita aqui perto de mim	
Hora de descansar	
Bem tranqüila eu vou ficar	
Hora de descansar.	

16. Perto do Coração

Letra da canção	Sugestões de atividades
Meu anjo vai dormir aqui	Quando possível, traze a criança ao colo, Acariciando suavemente partes do corpo e ninado com movimentos de balanço bem suaves.
Perto do meu coração.	
Meu anjo vai dormir aqui	
Dentro da nossa canção.	

APÊNDICE 3

Lista preliminar de comportamentos desejáveis das cuidadoras.

1. Atentar a necessidades individuais de diferentes crianças presentes no grupo ao cuidar de um grupo de crianças;
2. Atentar ao conjunto das crianças presentes no grupo mesmo quando atende a uma criança;
3. Interagir com crianças de forma que a criança fique segura e tranqüila para realizar atividades propostas ou disponíveis;
4. Falar com a criança num volume adequado, sem gritar;
5. Abordar a criança fisicamente sem pressa ou tensão;
6. Aguardar o tempo de conclusão das ações e movimentos da criança;
7. Contar, comunicar o que será feito com a criança quando cuidar e interagir com ela;
8. Compreender o limite da proibição e da permissão com conversas e acordos;
9. Controlar emoções e sentimentos pessoais relativos a aspectos externos da situação de cuidado à criança;
10. Respeitar condições, interesses e necessidades familiares ao cuidar de cada criança;
11. Respeitar possibilidades e limitações das crianças ao interagir com elas e ao propor e desenvolver atividades;
12. Cantar canções compatíveis com a situação de interação e resultados desejáveis da interação, sempre que possível;
13. Brincar com as crianças, sempre que possível, de forma a promover interações agradáveis, relaxantes e estimulantes para a criança.

Apêndice 4

Cd com canções do Programa de ensino.

ANEXO 1

RELATOS DE MÃES

Ao fazer uma sessão de eutonia alguns meses após o meu primeiro parto, a minha professora comentou sobre um curso de iniciação musical para gestantes, bebês e crianças. Logo me interessei pois, ao que tudo indicava era um trabalho bem “informal”, no sentido de não exigir nenhum aprendizado por parte da criança (ou seja nada tinha a ver com as hoje tão populares “academias de bebês”!!).

Nas primeiras aulas com a Margareth, percebi de imediato que estava ingressando numa viagem muito mais prazerosa e profunda do que imaginava!

Na verdade a grande magia é ter um repertório único e seu, de músicas para cantar com o seu filho. O cantar para o bebê volta a ter o significado de antigamente.

O cantar permitiu unir ainda mais o Stephan e eu. Todo mundo fala “cante para o seu filho, exponha-o a música”....mas de nada adianta isto se as músicas não estiverem no coração da mãe, não forem cantadas por ela....finalizando – não forem cantadas COM AMOR por ela.

Assim, senti muito claramente que as aulas de musicalização eram antes de mais nada destinadas a mim.

Penso que o melhor jeito de tentar explicar o quanto a música ajudou e está ajudando nosso relacionamento, é descrevendo algumas etapas da minha gravidez e do primeiro ano do Stephan.

Quando eu estava grávida, eu conversava bastante com o Stephan, e procurava cantar para ele bem como ouvir música. Mas logo percebi que eu não estava satisfeita

com as canções que cantava, que na realidade eram músicas lembradas da minha infância. Aquilo me parecia muito impessoal, e declamado automaticamente.

Não sei na realidade se isto ocorria porque na minha infância elas já haviam sido cantadas assim, ou se pelo fato de ouvir tanto as canções serem cantadas nas mais diversas ocasiões da vida e pelas mais diversas pessoas, muitas vezes grosseiramente e não acompanhadas de carinho, o fato é que elas se banalizaram na minha mente...

Enfim, resolvi inventar a minha própria música, muito simples talvez “bobinha” mas carregada de muitos sentimentos. Fora esta costumava ouvir muito emocionada a que eu passei a chamar de “a nossa música”.

Quando o Stephan nasceu e duas semanas depois começou a ter as famosas cólicas (que no caso dele foram amenas), me pus a cantar a música que eu tinha cantado na gravidez bem como aquelas outras todas, crente de que ele iria se acalmar como dizem todos os livros.

Qual não foi a minha decepção...Mas hoje penso: se fosse tão simples, as cólicas não seriam tão famosas!!!

Porém de todas as músicas a que ele parecia prestar mais atenção era a inventada por mim.

Bom, logo após a primeira aula de musicalização, precisei ir à consulta de rotina do pediatra....e no carro o Stephan começou a ficar impaciente...cantei a música (que após uma semana ele já reconhecia), ele se acalmou na hora!!! Bom, o auge disto foi uma viagem a Campos do Jordão, quando na última meia hora ele perdeu a esportiva e começou a ficar bravo. Derramei meu então grande repertório de música por 30 minutos, e ele ficou apreciando e pedindo mais! Hoje, com um ano, ele pede para cantarmos e quando meu marido e eu começamos em coro (pois a esta altura o pai já

decorou algumas, senão todas as músicas) ele sorri, coloca o dedão na boca, encosta a cabeça para o lado e relaxa...mas aí de nós se resolvemos parar!!!

Tudo isto para mostrar como a música se tornou forte na nossa relação. Com 10 meses ele já balançava no balanço entoando a música “Balança, balança”, batia o talher no almoço no ritmo “Bate, bate”, e dava as coisas no ritmo da música “Dá, dá, dá”. Com 1 ano ia no piano, na região do agudo, entoando a música “Blim, blim”, e por aí vai.

Isso sem contar os momentos de acordar e de dormir, carregados de ternura, carinho, amor...

Como se não bastasse, outro ponto me ajudou...são as dicas provenientes de um profundo entendimento das fases evolutivas das crianças por parte da Margareth. E por fim mas não menos importante as idéias que ela nos deu para produzir artesanato para nossos filhos.

Aí vale a pena mencionar dois objetos específicos – o tapete dos toques que o Stephan até hoje adora e que ele usa para recarregar as baterias quando cansado: ele se deita na parte onde tem pelúcia e fica até se sentir bem e depois sai a brincar novamente. O segundo é uma florzinha cheirosa costurada por mim, que com 7 meses ele ao cantar a música colocava no nariz e inalava!!!

Enfim poderia continuar aqui páginas e páginas, pois quando falo desta coisa maravilhosa que é a maternidade e mais ainda de um assunto que reforça todas as emoções que a envolvem como é o caso da musicalização, a minha mente voa.

Enfim, tudo que é feito com muito amor e dedicação é sempre muito belo...quando se fala em bebês então isto se torna a essência. Por isso hoje a única atividade do Stephan é a musicalização pois ela fala a língua dele...a língua do amor e

da paz,...o resto ele terá a vida toda para aprender. Isso ele terá a vida toda para lembrar!

Anne Kunath

Cantar para e com o meu filho me traz uma grande emoção e alegria. E eu posso transmitir o que sinto para ele através da música, dos gestos, da dança, através do corpo como um todo.

Na minha infância ouvi muita música clássica que me toca profundamente até hoje. Porém as cantigas de infância alemãs que eu guardo na lembrança são todas tristes. As tuas músicas são muito alegres! Eu fico tão feliz de cantar e transmitir "alto astral" para o Bruno! Os gestos, as caras, bocas e caretas, os gracejos vocais que você ensina com cada música enriquecem e tornam o cantar criativo, energético e essencialmente positivo.

O que há mais importante do que dizer para o pequeno Bruno que ele veio para um mundo onde podemos ser felizes?!!

Eu acredito que através da música ele vai guardar essa alegria no coração e poderá manter a confiança no mundo, mesmo em momentos difíceis.

As aulas de música com a Margareth abrem um novo canal de comunicação entre meu filho e eu. Elas acrescentaram profundidade à minha vivência da maternidade. Em certas músicas eu sinto uma forte emoção e às vezes até choro (de alegria!) ao cantar para o Bruno.

As músicas possibilitam uma atividade que é física, emocional, racional e espiritual ao mesmo tempo. E elas são "portáteis"!!! Podem ser usadas em qualquer lugar ou situação, tanto para animar como para apaziguar a criança (e a mãe!!) Numa viagem de carro são fundamentais. Em dias de chuva também.

Desde que começamos a participar das aulas, sinto que posso aproveitar o canto como um meio de expressar o meu amor pelo Bruno, de mostrar algumas coisas que amo no mundo para ele, tentando justamente transmitir essa emoção para ele. O próprio amor pela música que está presente em toda a minha vida é algo sagrado para mim e fico feliz de poder partilhar momentos musicais leves e descomplicados com o Bruno. A Margareth é descomplicada! Como fiquei feliz quando ela chegou para uma aula e declarou: "Fiz uma música para os meninos, com o sol e a lua!" Isso porque nós (mães) havíamos comentado que por coincidência os dois (Stephan e Bruno) já conheciam a lua e sabiam encontrá-la no céu sozinhos.

A música é terapêutica para mim. Quando me questiono sobre a maternidade, se estou agindo corretamente ao ficar em casa cuidando do Bruno ao invés de ser uma mulher "moderna", muitas vezes recorro à música para sossegar a mente e voltar meu centro para os sentimentos, o coração. Logo entro em sintonia com o Bruno e posso me dedicar a ele, deixando os pensamentos mais egoístas de lado.

Estou aprendendo muito com a maternidade e tenho certeza absoluta que a música é um canal muito importante para poder entrar em contato com meu filho através da emoção e não só da razão.

Sandra Ett Bicego

ANEXO 2

Variáveis independentes

Programa de ensino:

OFICINA PARA EDUCADORES **MÚSICA E DESENVOLVIMENTO - 0 a 3 anos**

OBJETIVOS

- ❖ Proporcionar um desenvolvimento saudável;
- ❖ Graduar estímulos segundo fases e habilidades;
- ❖ Criar um ambiente tranqüilo e agradável;
- ❖ Oferecer uma linguagem rica e expressiva;
- ❖ Oferecer o convívio com a Arte.

CONTEÚDO

Criar uma cultura a partir do cuidador, que deve ser o primeiro a ser envolvido no processo da alfabetização musical.

A música é oferecida como mais uma linguagem no ambiente educacional para ajudar a criança a perceber o mundo: escutar seu tempo e compreender suas fases e habilidades com reflexões, brincadeiras, acolhimento e afeto. É a música como recurso para o desenvolvimento.

ESTRATÉGIA - desenvolver:

- Percepção auditiva;
- Expressão vocal e cultivo da voz;
- Expressão corporal e as relações temporais e espaciais;
- Sensibilidade musical;
- Capacidade de discriminar, comparar, classificar, identificar e generalizar no contato com mundo sonoro;
- Habilidades motoras;
- Contato com o folclore e a cultura brasileira;
- Relaxamento.

ACÃO e conceitos musicais abordados:

O curso é desenvolvido em 3 etapas:

1. Princípios que fundamentam o trabalho da musicalização - palestra “A Música e o desenvolvimento” (em Power Point gravada em Cd) que pode ser apresentada no computador. Traz informações sobre a percepção e a música desde a embriogênese, esclarecendo sua importância e alcance.
2. Repertório dirigido às fases e habilidades da criança, metodologia e técnicas para sua aplicação levando em conta a linguagem lúdica, corporal, descobertas dos sons e fala, brincadeiras e brinquedos, conceitos de estimulação precoce e vínculo.
3. Cuidados com o profissional: voz, corpo, acuidade auditiva, reconhecimento da Arte e relaxamento, mais revisão das duas primeiras partes.

As composições apresentadas são feitas especificamente para cada fase do desenvolvimento da criança. São canções, brincadeiras e atividades com:

♪ **brincadeiras de colo: oportunidades de troca e proximidade entre cuidador e bebê, e vivência de ritmos pelo corpo da criança no colo do cuidador;**

♪ **massagem para o bebê: canções que sugerem abordagem física com estímulos e relaxamentos, que nomeiam partes do corpo do bebê e trabalham sua integração;**

♪ **cuidados com o bebê (troca de fralda, banho, etc): canções e brincadeiras para os momentos de cuidados com a criança;**

♪ **fantoches e brinquedos educativos que viabilizam a atenção da criança pequena (Educação Infantil) - dicção, emissão vocal, percepção e expressão livres de imitação ou observação do educador, parlendas e ritmo;**

♪ **estímulos de dicção, expressão e fala – exercícios simples de aquecimento vocal baseados na fonoaudiologia com jogos, histórias de sons e parlendas;**

♪ **oportunidades de imitar sons – história de sons, trilha sonora, sons do corpo, sons do ambiente, confecção de material sonoro**

(instrumentos e brinquedos), percepção e reprodução de sons do cotidiano, animais, instrumentos, vozes;

- ♪ oportunidades de perceber o silêncio e desenvolver a acuidade auditiva – escuta de sons escondidos para proporcionar a descoberta e formas diferentes de emissão de sons (cantados ou não);
- ♪ estímulos combinados – audição/visão, audição/tato, audição/paladar, audição/olfato – jogos com instrumentos e canções para os sentidos;
- ♪ o nome da criança para que vivencie sua individualidade;
- ♪ oportunidades de desenvolver noção de corpo, tempo e espaço – São várias canções que exploram as diferentes formas de movimento;
- ♪ oportunidade de movimento espontâneo – diferenciado da imitação, são oferecidos temas musicais e opções de canções para a descoberta dos próprios movimentos rítmicos que estimulam a locomoção;
- ♪ oportunidade de movimento dirigido por comando de som e voz (temas ou letras compostas ou adaptação de canções folclóricas para movimentos);
- ♪ os jogos característicos de cada fase da criança –jogos musicais;
- ♪ transdisciplinaridade e contexto escolar (temas da sala de aula – quando a Arte é inserida no contexto da criança os resultados são comprovadamente mais produtivos);
- ♪ estímulos que favorecem descobertas e contato com conceitos básicos e contexto (nomear cores, animais e objetos, alimentação, natureza, higiene, convivência e sociabilidade);
- ♪ brincadeiras de roda;
- ♪ danças e coreografias;
- ♪ relaxamento.

Ao EDUCADOR:

- ♦ Proporcionar ao profissional, condições básicas de abordagem musical;
- ♦ Oferecer informações sobre o desenvolvimento das habilidades e competências da criança;
- ♦ Sugerir cuidados com a voz e preparação do corpo,
- ♦ Canto: técnica de relaxamento e aquecimento vocal, consciência corporal, características próprias a serem consideradas e conceitos musicais;
- ♦ Informações sobre o uso e aplicação adequada de instrumentos à fase da criança;
- ♦ Conhecimento sobre a Cultura Brasileira
- ♦ Repertório: dirigido para o desenvolvimento musical, traz exercícios de fonoaudiologia, concentração, expressão e movimento.
- ♦ Audição: cuidados e estimulação. Exercícios do silêncio e colocação vocal que promovem a acuidade auditiva.
- ♦ Música e relaxamento: vivências para fazer e aplicar.
- ♦ Bibliografia.

REFLEXÃO: O que é arte? Como distinguir arte musical de produto totalmente comercial, erotizado e inadequado para a criança? Como escolher o repertório adequado e filtrar as canções favoráveis à criança no universo oferecido pela mídia?

Programação:

Oficinas semanais – mínimo de 4 horas com apostila e repertório;
Espaço suficiente para vivências em grupo e brincadeiras de roda;

Material:

Piano ou teclado;
Forneco original da apostila e repertório.